

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS ERECHIM

BIBIANA SALAH ARALDI

**UM OLHAR SOBRE  
A ACOLHIDA DA  
CRIANÇA  
IMIGRANTE NA  
ESCOLA:**

INVESTIGANDO COMO O MENINO "J" HAITIANO FOI  
RECEBIDO PELAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE  
ESTAÇÃO/RS.

**ORIENTADORA: PROF<sup>ª</sup>. PÓS- DR<sup>ª</sup>.  
ADRIANA SALETE LOSS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
**CAMPUS DE ERECHIM**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**BIBIANA SALAH ARALDI**

**UM OLHAR SOBRE A ACOLHIDA DA CRIANÇA IMIGRANTE NA ESCOLA:**  
**INVESTIGANDO COMO O MENINO “J” HAITIANO FOI RECEBIDO PELAS**  
**ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE ESTAÇÃO/RS**

**ERECHIM**

**2019**

BIBIANA SALAH ARALDI

**UM OLHAR SOBRE A ACOLHIDA DA CRIANÇA IMIGRANTE NA ESCOLA:**

INVESTIGANDO COMO O MENINO “J” HAITIANO FOI RECEBIDO PELAS  
ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE ESTAÇÃO/RS

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção de grau  
de Licenciada em Pedagogia pela Universidade  
Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Pós-Dr<sup>a</sup>. Adriana Salete Loss

**ERECHIM**

**2019**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Araldi, Bibiana Salah

Um olhar sobre a acolhida da criança imigrante na escola:: Investigando como o menino "J" haitiano foi recebido pelas escolas do município de Estação/RS / Bibiana Salah Araldi. -- 2019.

110 f.:il.

Orientador: Pós-Dra Adriana Salete Loss.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Pedagogia-Licenciatura, Erechim, RS, 2019.

1. Acolhimento. 2. Imigração. 3. Criança Imigrante no Contexto Escolar. 4. Educação Infantil. I. Loss, Adriana Salete, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

BIBIANA SALAH ARALDI

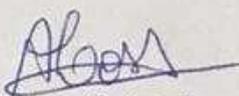
Título: "Um olhar sobre a acolhida da criança imigrante na escola: investigando como o menino J. foi recebido pelas escolas do município de Estação/RS".

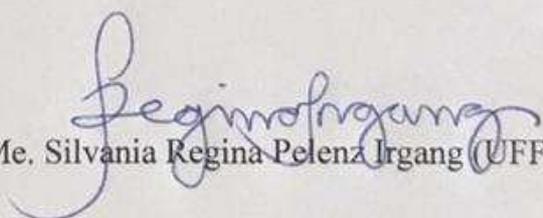
Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Profª Drª Adriana Salete Loss

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 02/12/2019

Banca examinadora:

  
Profª Drª Adriana Salete Loss (UFFS/Erechim)

  
Profª Me. Sylvania Regina Pelenz Irgang (UFFS/Erechim)

  
Profª Me. Raquel Karpinski (FACCAT)

Dedico esse trabalho em memória do meu avô Uthman Isa Mustafá Salah, imigrante palestino, inspiração para meu olhar sensível à causa dos imigrantes e refugiados de todas as nacionalidades, o qual foi imprescindível para a realização do mesmo. Também a todas as crianças que tiveram de deixar seus lares, seja pela guerra, pelo clima ou pela fome, que todas possam encontrar um lugar seguro e feliz para viver e sejam acolhidas com afeto para onde quer que migrem.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais Roberto e Zeinab por todo carinho e dedicação que tiveram comigo durante toda a vida, se não fosse por vocês eu não teria chegado aqui.

Também aos meus avós maternos Ida Maria e Uthman (in memoriam) que sempre auxiliaram na minha criação e tinham o sonho de me ver cursando o ensino superior. As minhas tias Soraya e Patrícia que sempre foram presentes na minha jornada. E as minhas primas Amne e Dora que foi por ter acompanhado o crescimento de vocês que me encantei com a infância.

Por todos os laços que criei durante a graduação, amizades que levarei para além dela.

Por todos os professores que tive, os quais me despertaram os mais diversos sentimentos e que sempre foram um grande estímulo para nunca desistirmos dessa profissão tão bonita que é ser professor.

Ao menino J. que foi minha fonte de inspiração para este trabalho e do qual jamais esquecerei, pois a experiência com ele em sala foi uma das mais incríveis que já tive na vida.

A minha orientadora Prof<sup>ª</sup> Pós-Dr<sup>a</sup> Adriana Salete Loss por ter aceitado se aventurar comigo nesse tema e por toda sua dedicação e paciência em me auxiliar para o desenvolvimento desta ideia.

Por fim, agradeço as professoras que aceitaram fazer parte da minha banca Prof<sup>ª</sup>. Ma. Sylvania Regina Pellenz Irgang e Prof<sup>ª</sup>. Ma. Raquel Karpinski, gratidão por dividirem seus conhecimentos nesse momento tão importante.

“Somos todos imigrantes. Ninguém tem moradia fixa nessa terra.”

Papa Francisco.

## RESUMO

A inclusão das crianças imigrantes no contexto escolar é um tema relevante e atual dado ao recente contexto migratório. Nos últimos anos o Brasil tem sido destino de imigrantes de diversas nacionalidades, entre eles os haitianos. Em busca de refúgio, melhores condições de vida e trabalho, acabaram por chegar ao pequeno município de Estação, situado na região Norte do estado do Rio Grande do Sul. Com esses imigrantes chegaram também suas famílias e viu-se a necessidade de as escolas receberem essas crianças haitianas, gerando muitos desafios e possibilidades para tais. No segundo semestre do ano letivo de 2018 ao realizar o Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil em uma dessas escolas, essa realidade foi acompanhada de perto com o menino J. recém chegado do Haiti e que ainda tentava conhecer aquele ambiente, as pessoas que ali estavam e se adaptar em um contexto que lhe era totalmente estranho. Essa experiência impulsionou tal pesquisa que se configura como qualitativa com estudo de caso, cujo objetivo foi investigar de que forma as escolas do município de Estação acolheram o menino J. e quais foram os impactos e desafios gerados nessas instituições. Para a realização de tal, utilizou-se uma abordagem descritiva-interpretativa com coleta de dados a partir de seis entrevistas realizadas com diretoras, professoras e monitoras das duas escolas frequentadas pela criança nos anos letivos de 2018 e 2019, pretendendo investigar como as entrevistadas observavam a imigração haitiana para o país e para o município, como aconteceu a comunicação com a família, averiguando se houve uma preparação dessas instituições para receber a criança e de que forma ela ocorreu, quais aspectos importantes referentes a adaptação da criança em sala e como os envolvidos sentiram esse processo de acolhimento das crianças imigrantes na escola. Como resultado foi constatado que as escolas buscaram acolher a criança de forma igualitária, mas sentiram-se perdidas devido à falta de preparação para essa nova realidade. O diálogo com as famílias imigrantes era dificultado pela barreira linguística, assim, as escolas acabaram aprendendo como agir por meio das experiências do dia a dia. Percebemos de tal modo, que ficam abertos desafios para que as instituições possam promover o acolhimento dessas crianças de forma mais adequada, considerando sua situação de refúgio, promovendo um compartilhamento entre culturas e o respeito integrando sua cultura ao ambiente.

**Palavras-chave:** Acolhimento. Imigração. Criança Imigrante no Contexto Escolar. Educação Infantil.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Mapa da localização do Haiti.....	16
Imagem 2 – Mapa da distribuição da imigração haitiana nos municípios do Rio Grande do Sul.....	22
Imagem 3 – Gráfico dos estudantes estrangeiros matriculados na Educação Básica.....	24
Imagem 4 – Mapa da distribuição do número de matrículas de estrangeiros por UF.....	24
Imagens 5, 6 e 7 – O menino J. em momentos de interação durante o estágio.....	33
Imagens 8, 9 e 10 – Espaço da literatura infantil com protagonismo negro.....	35
Imagens 10, 11 e 12 – A boneca Rapunzel.....	36
Imagens 13 e 14 – A arte Naif haitiana.....	37
Imagens 15 e 16 – Comidas e manifestações culturais do Haiti.....	38
Imagem 17 – Acolhimento.....	39
Imagem 18 – Cartão especial.....	40

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Roteiro de entrevista para diretoras.....	45
Quadro 2- Respostas diretoras questão 1.....	46
Quadro 3- Respostas diretoras questão 2.....	47
Quadro 4- Respostas diretoras questão 3.....	49
Quadro 5- Respostas diretoras questão 4.....	50
Quadro 6- Roteiro de entrevista para professoras e monitoras.....	51
Quadro 7- Respostas professoras e monitoras questão 1.....	52
Quadro 8- Respostas professoras e monitoras questão 2.....	53
Quadro 9- Respostas professoras e monitoras questão 3.....	54
Quadro 10- Respostas professoras e monitoras questão 4.....	55
Quadro 11- Respostas professoras e monitoras questão 5.....	57
Quadro 12- Comparativo das questões de diretoras, professoras e monitoras.....	59
Quadro 13- Convergências e divergências nas respostas de diretoras, professoras e monitoras para as questões 1, 2, 3, 4 (diretoras) e 5 (professoras e monitoras).....	59
Quadro 14- Convergências e divergências nas respostas de professoras e monitoras para a questão 4.....	60
Quadro 15- Idiossincrasias Professora 1 (P1).....	61

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1 DA IMIGRAÇÃO AO COTIDIANO DA ESCOLA.....</b>	<b>16</b>
1.1 UM BREVE HISTÓRICO DO HAITI E O FLUXO IMIGRATÓRIO DOS HAITIANOS PARA O BRASIL.....	16
1.2 PANORAMA DAS CRIANÇAS ESTRANGEIRAS NAS ESCOLAS BRASILEIRAS E ESTUDANTES IMIGRANTES NA GRADUAÇÃO.....	23
1.3 CONTEXTUALIZANDO AS DUAS ESCOLAS ONDE A PESQUISA FOI REALIZADA.....	30
1.4 ACOLHIMENTO DA CRIANÇA ESTRANGEIRA EM SALA: UM RELATO SOBRE O ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO INFANTIL.....	34
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>42</b>
2.1 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS.....	45
<b>2.1.1 Convergências e divergências nas falas de diretoras, professoras e monitoras.....</b>	<b>58</b>
<b>2.1.2 Idiossincrasias nas falas de diretoras, professoras e monitoras.....</b>	<b>60</b>
<b>3 ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>62</b>
3.1 PERCEPÇÕES ACERCA DA IMIGRAÇÃO HAITIANA.....	62
3.2 A RELAÇÃO ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA: UMA BUSCA PELA RUPTURA DA BARREIRA LINGUÍSTICA.....	65
3.3 ENTRE ACOLHER E ADAPTAR: COMO J. FOI RECEBIDO NAS ESCOLAS.....	69

3.4 O PRECONCEITO ESTRUTURAL DA NOSSA SOCIEDADE ULTRAPASSA OS MUROS DA ESCOLA.....	76
--	----

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>80</b>
----------------------------------	-----------

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>82</b>
-------------------------	-----------

<b>4 ANEXOS E APÊNDICES.....</b>	<b>86</b>
----------------------------------	-----------

ANEXO 1: DECLARAÇÃO DO USO DE IMAGEM DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL.....	86
---	----

ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	87
---	----

APÊNDICE 1: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA DIRETORAS.....	90
---	----

APÊNDICE 2: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORAS E MONITORAS.....	90
---	----

APÊNDICE 3: TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	91
--	----

## INTRODUÇÃO

Ter que deixar o país de origem não é algo fácil. Deixar para trás toda uma história, sonhos, família, tudo que se demorou a vida toda para construir. Mas essa é a realidade de milhares de pessoas que se vêem obrigadas a abandonar seus países de origem, seja pela guerra, pela fome ou por catástrofes naturais.

Dentre os fluxos migratórios contemporâneos está o dos imigrantes haitianos, considerados por alguns como “refugiados do clima”<sup>1</sup>. Filhos de uma terra que sofreu duras batalhas por sua independência e até hoje colhe os frutos de uma história marcada por guerras, sofreu em 2010 um terremoto que devastou o país deixando milhares de mortos e desabrigados. Vendo à fome e a falta de oportunidades assolarem o Haiti, muitos resolveram migrar para outros países buscando dignidade para se viver. Segundo dados divulgados pelo CONARE no relatório “Refúgio em Números”, o Brasil reconheceu, até o final de 2017, um total de 10.145 imigrantes de diversas nacionalidades.

A escolha desses imigrantes pelo Brasil se dá pela imagem receptora que o País sempre teve e pelas leis vigentes de imigração que possibilitam a eles a garantia de estada e direitos básicos. Por sermos um país de diferentes culturas e que historicamente foi miscigenado, não poderia ser diferente. O Estatuto do Estrangeiro coloca que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.” (BRASIL, 1980 p.8)

Nos últimos anos o município de Estação, localizado no Norte do Rio Grande do Sul, vem recebendo diversos imigrantes haitianos que partem de seu país de origem em busca de melhores condições de vida. Junto deles estão seus filhos, matriculados nas escolas municipais e estaduais da cidade, porém sem projetos que as incluam, valorizem e respeitem seus costumes e suas crenças. Também há o preconceito ainda muito vigente na cidade e que acaba excluindo esses imigrantes da sociedade, fato que se reflete dentro do cotidiano escolar, para tanto, é preciso que escolas e professores se adéquem para recepcionar essas crianças imigrantes.

---

<sup>1</sup> Conceito utilizado para definir imigrantes que precisam deixar seu País de origem por causa de catástrofes naturais, no caso do Haiti o terremoto que atingiu a ilha em 2010.

O art. 95 do Estatuto do estrangeiro garante que “O estrangeiro residente no Brasil goza de todos os direitos reconhecidos aos brasileiros, nos termos da Constituição e das leis” (BRASIL, 1980), entre esses direitos está à educação que deve ser igualmente assegurada às crianças estrangeiras assim como às brasileiras. Mas apenas garantir esse direito não é suficiente, é preciso pensar em conjunto de que forma o currículo das escolas trabalha com a questão, bem como as instituições e professores buscam se preparar para receber essas crianças e também como elas e seus pais sentem esse processo.

No ano de 2018 durante o Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil, tive a oportunidade de ter em sala o menino J. imigrante haitiano. A convivência com ele além de despertar fortemente o meu olhar sensível sobre a causa dos imigrantes, me fez refletir sobre uma questão muito importante, de como as escolas do município se preparam para receber essas crianças.

Desse modo, o presente trabalho teve como objetivo principal investigar de que forma as escolas do município de Estação/RS acolheram a criança J. nos anos letivos de 2018 e 2019, pesquisando e refletindo sobre os motivos da imigração haitiana para o Brasil, identificando como ocorreu a preparação das escolas para receberem a criança, investigando a percepção das escolas em relação ao acolhimento das crianças haitianas e apresentando reflexões de como a equipe escolar sentiu esse processo de acolhimento a partir dos relatos das entrevistas com professoras, monitoras e diretoras e também se utilizando da experiência vivida durante o período de estágio, enriquecendo ainda mais essas percepções.

A metodologia da pesquisa ocorreu primeiramente com leituras e estudos sobre a temática, para que pudesse haver uma base teórica sobre o assunto, expondo também dados e matérias de jornais que trouxessem a realidade dos imigrantes haitianos em nossa sociedade. Após, foi realizada uma pesquisa de campo com coleta de dados através de seis entrevistas realizadas com profissionais da educação das duas escolas que o menino J. frequentou, onde tais resultados foram descritos e analisados a fim de tentar alcançar as respostas para os objetivos citados no parágrafo acima.

O primeiro capítulo intitulado: Da imigração ao cotidiano da escola, busca primeiramente trazendo um breve histórico sobre o Haiti e abordando o fluxo migratório dos haitianos para o Brasil, relatando o que motivou a imigração, a escolha por vir morar no Brasil, chegando posteriormente a região sul e por fim ao município de Estação/RS, com base em dados e documentos que legislam sobre a imigração no País.

Após, é exposto um panorama das crianças estrangeiras nas escolas brasileiras e dos estudantes imigrantes na graduação, dialogando sobre o direito a educação também assegurado a eles e como as instituições educacionais buscam inseri-los no contexto educacional, com relatos de iniciativas de acolhimento dessas crianças e adolescentes que mudaram positivamente o convívio nas escolas, assim como projetos que integram o imigrante também no meio acadêmico. Seguindo, apresento uma contextualização das duas escolas onde a pesquisa foi realizada, descrevendo brevemente quais são os ambientes onde o menino J. foi acolhido e onde as entrevistadas desenvolvem seu trabalho. Fechando este capítulo trago um relato sobre o estágio em Educação Infantil onde conheci na prática a realidade da inserção da criança estrangeira na escola.

O segundo capítulo traz o percurso metodológico utilizado para a realização da pesquisa, expondo a descrição dos resultados obtidos através do trabalho de campo. No terceiro capítulo esses resultados foram analisados, trazendo em seguida as categorias da análise de conteúdo. Em seguida, encontram-se as considerações finais, onde são encontradas possibilidades para o problema da pesquisa com base nos resultados obtidos em todo processo investigativo. E por fim, estão as referências utilizadas, anexos e apêndices utilizados ao longo de tal.

## 1. DA IMIGRAÇÃO AO COTIDIANO DA ESCOLA

Este capítulo inicial trata do percurso dos imigrantes haitianos desde a saída de seu país, até a chegada das crianças imigrantes na escola. Primeiro é preciso conhecer um pouco da história do Haiti para entender o fluxo migratório do povo haitiano. Compreender o que motivou a escolha do Brasil como um novo lar, passando pela chegada dos imigrantes haitianos ao estado do Rio Grande do Sul, buscando saber como se estabeleceram no pequeno município de Estação/RS localizado na região norte do estado, onde o menino J. passou a morar com os pais.

Também, é necessário conhecer as escolas que ele frequentou, as quais são locais centrais do estudo e dialogar mais sobre a realidade de J. no contexto escolar por meio das reflexões do Estágio Curricular Obrigatório em Educação Infantil, desenvolvido na turma de maternal II da qual ele fazia parte em uma das instituições.

### 1.1 UM BREVE HISTÓRICO DO HAITI E O FLUXO IMIGRATÓRIO DOS HAITIANOS PARA O BRASIL

O Haiti é um país caribenho localizado na América Central circundado pelo mar, cuja única fronteira terrestre é a República Dominicana, possuindo uma área territorial de cerca de 27.750 km<sup>2</sup>. Sua capital é Porto Príncipe. A religião predominante é o catolicismo romano e suas línguas oficiais são Francês e Crioulo haitiano, mas também há dialetos próprios falados em algumas regiões do país.

Imagem 1 – Mapa da localização do Haiti:



Fonte: America historial

Com uma história marcada por lutas, sofrendo anteriormente à chegada dos franceses com uma colonização bruta e sangrenta pelos espanhóis, que dizimaram a população nativa, tornou-se em 1697 através do tratado de Ryswick, território integrado a França. O Haiti foi o primeiro país latino-americano e negro que inspirado pelos ideais de liberdade da Revolução Francesa conquistou sua independência em 1804, após passar anos como colônia<sup>2</sup>, sendo o primeiro também a abolir a escravidão. Esses fatores causaram consequências ao Haiti que refletem em sua história até hoje.

Eduardo Galeano (2010) coloca em suas palavras as consequências da conquista da independência haitiana:

A bandeira dos homens livres levantou-se sobre as ruínas. A terra haitiana fora devastada pela monocultura do açúcar e arrasada pelas calamidades da guerra contra a França, e um terço da população havia caído no combate. Então começou o bloqueio. A nação recém nascida foi condenada à solidão. Ninguém lhe comprava, ninguém lhe vendia, ninguém a reconhecia.

Mesmo após a sua independência, o País continuou enfrentando duras batalhas com uma sucessão desastrosa de governantes que ocasionaram assassinatos e exílios. Em apenas quatro anos o país acabou mudando seis vezes de governantes. Diante disso, havia a ameaça de se instalar um governo antiamericano no país, assim sofreram uma intervenção dos Estados Unidos que prometia terminar com o caos, porém, haviam interesses escusos por trás, o governo haitiano havia recebido empréstimo de bancos americanos e também havia interesse em ocupar as terras férteis do País, utilizando a população como mão de obra.

A forma como os americanos impuseram essa intervenção e a criação de uma lei que acabava por trazer novamente o trabalho forçado aos camponeses haitianos, ocasionou revoltas no norte do Haiti, fazendo com que ocorresse um embate entre a polícia local e os habitantes da região, sendo que estes saíram primeiramente vitoriosos. Entre 1905 e 1941 os Estados Unidos controlou os limites alfandegários do país, dentre esses anos, assumiu militarmente o poder de 1915 a 1934.<sup>3</sup>

Sobre esse episódio Galeano (2010) também cita:

---

<sup>2</sup> Colônia é um termo utilizado para definir um território ocupado e administrado por outro Estado e que se localiza fora das regiões fronteiriças deste.

<sup>3</sup> Escrito com as palavras da autora através de pesquisas sobre a história do Haiti realizadas em fontes diversas.

Os Estados Unidos invadiram o Haiti em 1915 e governaram o país até 1934. Retiraram-se quando conseguiram os seus dois objetivos: cobrar as dívidas do Citybank e abolir o artigo constitucional que proibia vender as plantations aos estrangeiros. Então Robert Lansing, secretário de Estado, justificou a longa e feroz ocupação militar explicando que a raça negra é incapaz de governar-se a si própria, que tem “uma tendência inerente à vida selvagem e uma incapacidade física de civilização”. Um dos responsáveis pela invasão, William Philips, havia incubado tempos antes a ideia sagaz: “Este é um povo inferior, incapaz de conservar a civilização que haviam deixado os franceses”.

E ainda:

Os Estados Unidos reconheceram o Haiti apenas sessenta anos depois do fim da guerra de independência, enquanto Etienne Serres, um gênio francês da anatomia, “descobria” em Paris que os negros são primitivos porque têm pouca distância entre o umbigo e o pênis. Por essa altura, o Haiti já estava em mãos de ditaduras militares carniceiras, que destinavam os famélicos recursos do país ao pagamento da dívida francesa. A Europa havia imposto ao Haiti a obrigação de pagar à França uma indenização gigantesca, a modo de perdão por haver cometido o delito da dignidade. A história do assédio contra o Haiti, que nos nossos dias tem dimensões de tragédia, é também uma história do racismo na civilização ocidental.

Em vista do seu histórico, como o próprio título do texto de Galeano sugere, a história do Haiti acaba por ser a história do racismo. Apesar da retirada das tropas, os EUA seguiram utilizando sua influência no Haiti, exemplo disso, foi a ajuda que o governo americano dispensou a François Duvalier, mais conhecido como Papa Doc para este assumir a presidência e instaurar mais uma ditadura sangrenta no país.

Todos esses aspectos históricos são importantes para analisar a conjuntura no momento em que o terremoto atingiu a ilha em 2010. Um país que vive em condição de extrema pobreza e tem essa como consequência de sua história, da exploração e das guerras em seu território. A catástrofe ocorrida é ambiental, mas também socioeconômica. Antes mesmo do terremoto, o Haiti era considerado o país mais pobre de toda a América, sofrendo com crise de alimentos, água e ambiental.

Faria (2012 p. 78 apud NUNES; ZANINI, 2017, p. 330) coloca:

A grande concentração de pessoas, em áreas de forte sismicidade, somada a falta de infraestrutura adequada, fazem do Haiti um país extremamente vulnerável aos abalos sísmicos. As condições de saneamento e saúde, que antes do tremor já eram precárias, entraram em colapso e no final de 2010, o país foi assolado por um surto de cólera que matou mais de 4.000 pessoas. O ambiente adverso favoreceu a contaminação de forma rápida e epidêmica.

Também:

O quadro ambiental haitiano, por fatores naturais ou antrópicos, expõe a sua população a um perigo constante. O impacto exponencial de catástrofes neste país, institucionalmente frágil, revela um quadro desolador. A degradação ambiental, conectada aos fatores naturais, socioeconômicos, culturais e políticos, sem dúvida, são causas dos movimentos forçados da população haitiana, cuja sobrevivência depende diretamente dos recursos naturais.

A situação da população que já era ruim piorou drasticamente com o terremoto ocorrido em 2010. Faria (2012 apud NUNES; ZANINI, 2017, p. 329) traz que “estima-se que o terremoto deixou 316.000 mortos, 300.000 feridos, 1,3 milhão de deslocados, 97.294 casas destruídas e 188.383 danificadas na área de Porto Príncipe e em grande parte do sul do Haiti”.

Logo após o terremoto, o Brasil já começou a receber imigrantes haitianos, primeiramente chegados no norte do país em busca de trabalho e melhores condições de vida do que poderiam ter em seu país, alguns tendo perdido tudo que tinham, incluindo os familiares. Faria (2012 p. 120 apud NUNES; ZANINI, 2017, p. 331) dialoga que:

A entrada de haitianos no território brasileiro se deu através dos países da Amazônia Legal, com ingresso principalmente nos municípios fronteiriços Brasiléia (AC) e Tabatinga (AM). Ao adentrar o território, os imigrantes dirigiam-se ao posto da Polícia Federal e requeriam o refúgio. Como o Brasil não acata juridicamente o “refúgio motivado por catástrofes ambientais”, os haitianos tiveram suas solicitações indeferidas. Entretanto, com vistas à observância dos direitos humanos, o governo brasileiro concedeu o visto humanitário a eles.

Considerando os atuais fluxos migratórios, Camargo, 2013, p. 18 corrobora:

Nas diversas esferas da imigração contemporânea encontram-se os migrantes econômicos, os refugiados, os exilados, os deslocados que saem de suas cidades ou de suas pátrias, de forma eminentemente compulsória, em busca de melhores condições de sobrevivência [...] Intrínsecos a este universo estão calculados na matemática migratória os refugiados provenientes de guerras civis, de refugiados políticos e religiosos, afugentados pelo narcotráfico, de desastres naturais e de mudanças climáticas, revelando para as próximas décadas o crescimento da população urbana, impactando no aumento sem precedentes da favelização, do consumismo, da violência, da escassez de alimentos e elevação dos preços, potencializando, ainda mais, os conflitos por recursos naturais já em exaustão em algumas regiões; configurando formas dramáticas na percepção das desigualdades entre os povos, estilos de vida e visões de mundo, repercutindo diretamente nas suas práticas sociais, sobretudo, dos mais jovens.

Ao se discutir a situação dos imigrantes haitianos enquanto refúgio, considerando que estes abandonaram seu país em decorrência de uma catástrofe climática, surge o conceito de “refugiados do clima” ou também “refugiados ambientais”. Os refugiados do clima são aqueles que em função de mudanças climáticas ou ambientais são forçados a deixar o território de origem de forma temporária ou permanente migrando para outros onde possam se abrigar.

A escolha do Brasil como refúgio por esses imigrantes se deu pelo crescimento econômico que o país vinha demonstrando na época e pela participação do país nas ações da pacificação da ONU desde 2004. Lauria (2013 apud CAMARGO, 2013, p. 18) discute:

[...] A economia e as sociedades se internacionalizam, o processo migratório acompanha, fazendo com que tenhamos uma nova realidade migratória no mundo. A diáspora era, antes, para a América do Norte e Europa, principalmente para a França. Hoje, o Brasil é um dos países mais procurados. No governo do Presidente Lula, 45 mil imigrantes ilegais foram anistiados. É possível dizer que a atual política de imigração no Brasil é mais reativa do que no passado. A verdade é que o nosso país impõe uma série de travas aos imigrantes, sejam refugiados ou não. Temos problemas institucionais para tratar essa questão.

O governo da época demonstrou ser solidário com a imigração haitiana. Como Camargo, 2013, p. 19 nos traz:

Em resposta aos recentes fluxos migratórios de haitianos dentro do território brasileiro, o governo passou a adotar, para fins de regularização, um conjunto de medidas de promoção e prevenção, como o visto humanitário que lhes garantiu a permanência no Brasil por cinco anos, assim como poderá se renovado por semelhante período e, dependendo da situação, trocado pelo visto permanente, em decorrência “das responsabilidades diplomáticas e históricas que o Brasil tem com o povo do Haiti”, conforme a fala do Secretário Nacional de Justiça, Paulo Abrão, em Rede Nacional de Televisão de 10 de abril de 2013.

Embora a política de acolhimento a esses estrangeiros tenha sido receptiva, ainda há problemas para que eles se fixem no país. Não apenas nas leis que não se adaptam a nova realidade dos fluxos migratórios, mas também no preconceito existente contra o imigrante, também no caso dos haitianos pela cor da pele. Rosseto e Gomes, 2017, p. 189 complementam essa colocação:

Em meio à falta de preparo do Brasil com relação à chegada dos migrantes, não está apenas o atraso político com relação às leis para estrangeiros,

problemas sociais como preconceitos e muitos outros, se fazem notório. Na grande metrópole São Paulo, já há relatos em noticiários de que os haitianos vêm enfrentando certo “olhar desconfiado” por parte dos brasileiros, talvez preconceito não fosse a palavra totalmente correta para definir esse olhar, mas sim medo daquilo que é novo. Não só na grande metrópole, mas em todo o Brasil isso acontece, o medo dos haitianos serem mais produtivos que os brasileiros, o medo da busca por um emprego e precisar competir com eles, os haitianos hoje, acabam ocupando cargos que os brasileiros por acharem que aquela função não é boa o suficiente para eles deixando de lado.

Estima-se que entre 2010 e 2017 mais de 90.000 haitianos tenham entrado em solo brasileiro. Durante a crise econômica de 2015 houve também a saída de muitos imigrantes que optaram por migrar principalmente para Chile e Estados Unidos, porém a atual política do segundo país citado gerou a volta desses imigrantes para o Brasil. Dentro do território brasileiro também há um fluxo migratório de haitianos, sempre em busca de onde houver ofertas de emprego.

Dando seguimento as ideias acima, Rosseto e Gomes 2017, p.190 também trazem:

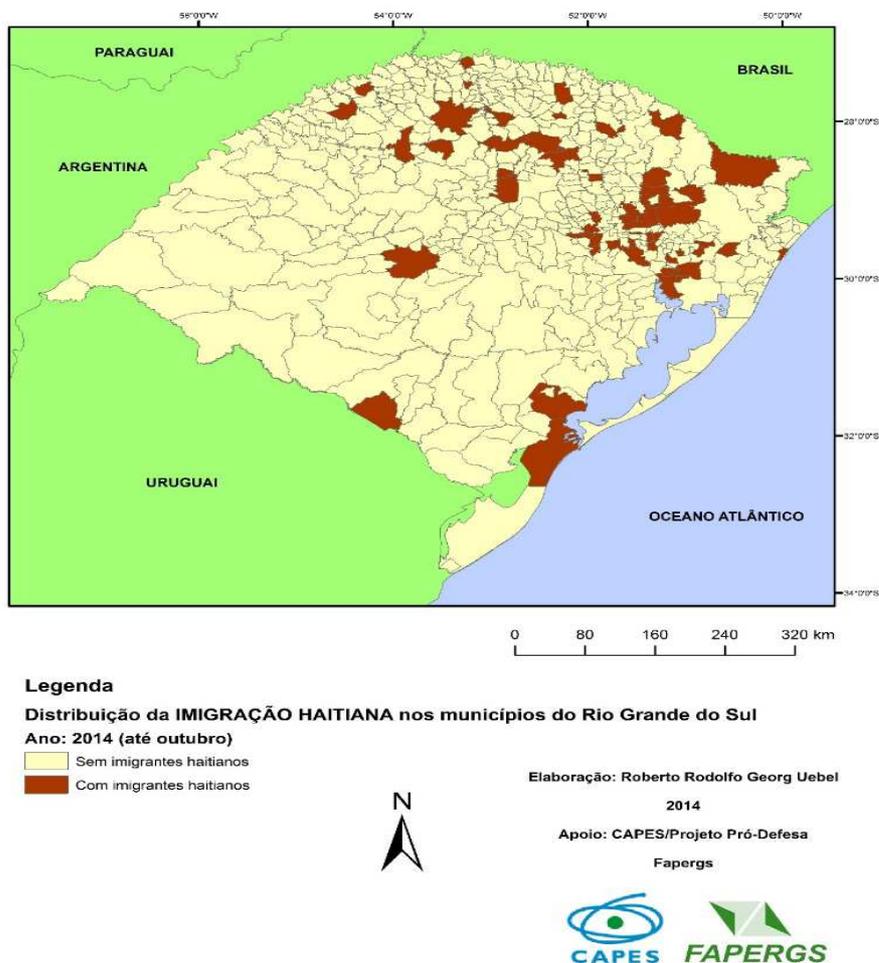
Os haitianos enquanto trabalhadores no Brasil levantam muitas questões críticas com relação a sua atividade, muitos não estão totalmente documentados, mas pagam impostos como os brasileiros, inclusive de vários serviços que não utilizam, pelo menos até estarem legalizados. Outro fato se dá com os direitos trabalhistas, a falta de conhecimento da legislação brasileira, não garante a eles que estejam recebendo todos os seus direitos pelo trabalho exercido, muitas vezes trabalhando em condições precárias, dentro de frigoríficos, balcões de costuras, carvoarias e outras atividades que eles estão exercendo no país, não sendo recorrente apenas à cidades grandes, mas sim, cidades de pequenos a médio porte. (O Globo, 30/08/14).

A migração para o sul do país se iniciou através da contratação de imigrantes para trabalharem nas agroindústrias e na construção civil. Uebel e Rückert 2015, p. 102 fazem um panorama da distribuição dos imigrantes haitianos em solo gaúcho que apresenta maior concentração na parte Norte do estado “coincidente com os municípios que apresentaram nas últimas décadas melhores condições de habitação coadunadas com mercado de trabalho em crescimento e prosperidade econômica, ao passo em que a Região Sul se torna menos atrativa inclusive para os habitantes locais”.

Também nos municípios de Santa Maria, Rio Grande e Pelotas “posto que possuem uma já consolidada infraestrutura para o acolhimento de imigrantes, além também de contarem com postos da Polícia Federal, instituições de assistência social, bem como complexos econômicos e industriais que exigem mão de obra, tais como o Distrito Industrial de Santa Maria e o Polo Naval de Rio Grande”. E Aceguá na fronteira

com o Uruguai, visto que por ser fronteira, acabou absorvendo imigrantes vindos do país vizinho.

Imagem 2 – Mapa da distribuição da imigração haitiana nos municípios do Rio Grande do Sul:



Os autores também realizaram uma pesquisa com o objetivo de obter um perfil desses imigrantes que escolhem o Rio Grande do Sul:

O perfil apresentado do imigrante haitiano no estado do Rio Grande do Sul pode ser compreendido como: homem, adulto (entre 19 e 50 anos), alfabetizado, com no mínimo nível primário de ensino e com os possíveis vieses: casado (cerca de 40%) ou solteiro (aproximadamente 60%), com dependentes hipossuficientes diretos de primeiro ou segundo grau e uma formação profissional, além de hábeis – não necessariamente proficientes – em três ou quatro línguas: créole haitien, francês, espanhol e português, além de contarem com uma renda média mensal de um salário mínimo duas vezes maior que o salário mínimo haitiano. (UEBEL. RÜCKERT, 2015, p. 108)

Entre os municípios do Norte do estado a receber haitianos, está Estação, localizado na região do Alto Uruguai, microrregião de Erechim, que possui cerca de 6.165 habitantes (IBGE 2016). Apesar de ser uma cidade pequena, há uma concentração significativa de indústrias, segundo dados do IBGE há 313 empresas atuantes no município, a maioria de pequeno porte, porém há também as de destaque maior como a cooperativa Pamplona que empregava a maior parte de imigrantes haitianos residentes no município em seu frigorífico localizado próximo a área central da cidade e que foi recentemente vendido, deixando esses imigrantes sem opção de trabalho temporariamente no local. Os imigrantes começaram se instalar ali por volta de 2015, sendo estes majoritariamente homens, posteriormente as famílias desses homens também chegaram à cidade, incluindo os filhos que começaram a frequentar as escolas do município. Atualmente não há um censo do número exato de haitianos que moram em Estação/RS e nem de quantas crianças imigrantes estão matriculadas nas escolas.

## 1.2 PANORAMA DAS CRIANÇAS ESTRANGEIRAS NAS ESCOLAS BRASILEIRAS E ESTUDANTES IMIGRANTES NA GRADUAÇÃO

Se perante o Estatuto do Estrangeiro (1980) os direitos básicos a estes são garantidos de forma igualitária e para o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) no Art 4º: “É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”. As crianças estrangeiras possuem igualmente o direito de frequentar a escola ao das nascidas em solo brasileiro.

Segundo dados do instituto Unibanco<sup>4</sup> as matrículas de estudantes estrangeiros nos últimos anos aumentaram 112%, sendo essas matrículas 64% em escolas públicas. Os estados que mais recebem esses educandos são São Paulo e Paraná. Diante disso, o governo do Paraná de acordo com a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba criou o Conselho Estadual de Migrantes, Refugiados e Apatriados e ações visando regular a

---

<sup>4</sup> Criado em 1982, o Instituto Unibanco atua para a melhoria da educação pública no Brasil. É uma das instituições responsáveis pelo investimento social privado do Itaú Unibanco. (Fonte: [institutounibanco.org](http://institutounibanco.org))

criança imigrante nas escolas para além da documentação, contando também com realização de adaptações curriculares (Nova Escola, 26/02/2018).

Os gráficos a seguir, elaborados pelo instituto Unibanco demonstram esse aumento nas matrículas e a distribuição de estudantes estrangeiros em território brasileiro:

Imagem 3 – Gráfico dos estudantes estrangeiros matriculados na Educação Básica de 2008 a 2016:

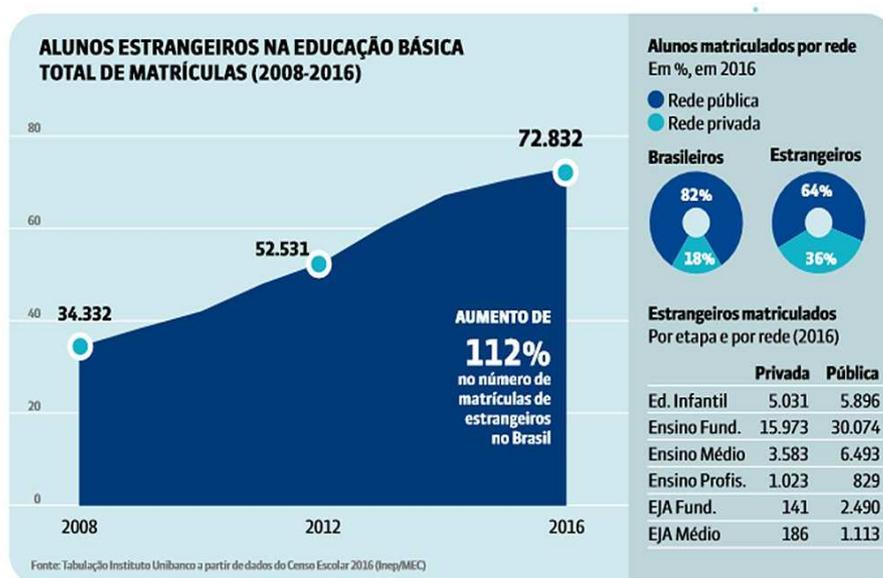


Ilustração: Instituto Unibanco; Fonte: Nova Escola (28/02/2018)

Imagem 4 – Mapa da distribuição do número de matrículas de estrangeiros por UF:

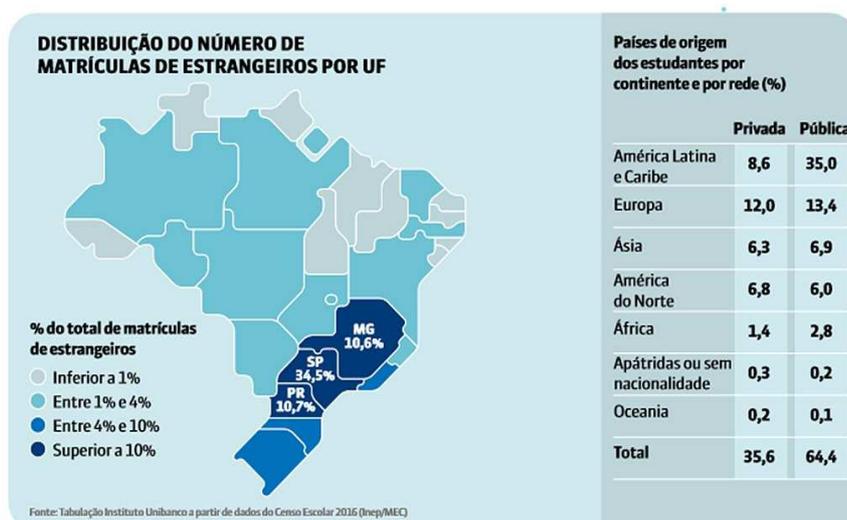


Ilustração: Instituto Unibanco; Fonte: Nova Escola (28/02/2018)

Essas crianças e jovens ao serem matriculados precisam frequentar os anos escolares de acordo com a faixa etária, nesse aspecto há um impasse, o da língua, dessa forma como realizar uma aprendizagem efetiva e significativa com eles que inicialmente não conseguem se comunicar? Bernardo (2006, p. 8)

Na escola, os estudantes, filhos de imigrantes, entram em contacto com uma língua que não é a Materna. O português para esses estudantes acaba por assumir um estatuto diferente, pois nem é a sua língua materna, nem é uma língua estrangeira, mas sim uma Língua Segunda. [...] Sem a aprendizagem dessa Língua Segunda, o aluno estrangeiro não consegue ter sucesso escolar, não só na disciplina de Português, como também em todas as outras disciplinas. Como consequência, não consegue se integrar dentro e fora da escola.

Além disso, segundo a Psicóloga e estudiosa de migração da Universidade de São Paulo (USP) Sylvia Dantas DeBiaggi também não há no Brasil políticas públicas para o ensino de estrangeiros como programas de adaptação, aulas extras de línguas ou currículos bilíngues, outro aspecto está na formação docente onde não é abordada a inserção de crianças imigrantes em sala de aula. Ela ainda salienta que “predomina uma visão etnocentrista, na qual o estrangeiro é recebido como alguém que tem de absorver nossa cultura e esquecer a sua” (Nova Escola, 01/09/2010).

Em contraponto estão às escolas que no sul do país se mantêm bilíngues e buscam valorizar a cultura imigrante local. Herança das escolas comunitárias de imigrantes surgidas em todo Brasil nos séculos XIX e XX, mantidas muitas vezes pelas próprias comunidades de imigrantes recém chegados ao Brasil, tinham como objetivo preservar a cultura dos povos de onde se originavam. Kreutz, 2000, p. 159 traz que:

Na história da educação brasileira registra-se uma iniciativa singular de escolas comunitárias de imigrantes. No entanto, o processo escolar étnico no Brasil não foi uma característica de todos os grupos de imigrantes. Os alemães, italianos, poloneses e japoneses, ao se estabelecerem em áreas rurais formando núcleos populacionais com características e estruturas marcadamente étnico-culturais, tiveram maior visibilidade enquanto imigrantes e promoveram as escolas elementares comunitárias.

Carneiro (1950 apud KREUTZ, 2000, p. 160) expõe dados sobre o número de escolas estrangeiras de acordo com a etnia existentes no país na época:

No Brasil, o número mais expressivo de escolas étnicas foi dos imigrantes alemães, com 1.579 escolas em 1937, seguindo-se os italianos, com 396 escolas em 1913 (e 167 na década de trinta). Os imigrantes poloneses tiveram 349 escolas e os japoneses 178 (ou 260, ou 486?), também na década de trinta. Entre outros grupos de imigrantes ocorreram igualmente algumas

iniciativas quanto a escolas étnicas, porém em menor número. Não houve proporção alguma entre o número de escolas étnicas e o total de imigrantes por etnia. Os alemães, primeiro grupo a imigrar a partir de 1824, formaram um total de 253.846 imigrantes até 1947. É um número pouco expressivo se comparado com o dos italianos, num total de 1.513.151 imigrantes, a partir de 1875. No mesmo período vieram para o Brasil 1.462.117 imigrantes portugueses, 598.802 espanhóis, 188.622 japoneses (a partir de 1908), 123.724 russos, 94.453 austríacos, 79.509 sírio-libaneses, 50.010 poloneses e 349.354 de diversas nacionalidades.

Pela forte colonização alemã, polonesa e italiana na região Sul, algumas dessas escolas permaneceram e as escolas convencionais também acabaram por trazer novamente esses aspectos para dentro de sala.

Hoje, cidades que receberam alemães e italianos nos séculos 19 e 20 experimentam uma redescoberta da língua dos antepassados. Em Porto Alegre, a EMEF São Pedro passou a oferecer aulas de italiano do 4º ao 6º ano depois de constatar que a família de cerca de 60% dos alunos vinha do "país da bota". Em São João do Oeste, a 692 quilômetros de Florianópolis, a opção é pelo alemão, lecionado desde a pré-escola até a 4ª série. Já em Pomerode, a 179 quilômetros da capital catarinense, onde 70% da população tem descendência germânica, a ideia é mais ousada: Educação bilíngue para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Além do resgate cultural, as iniciativas contemporâneas também são uma forma de reconhecimento do idioma usado até hoje por grupos de imigrantes. "A língua deles deixa de ser vista como um dialeto inferior ou uma variedade deturpada da considerada padrão", afirma Maristela Pereira, professora da Universidade Regional de Blumenau (Furb). Na opinião dos professores, a ação de revirar o baú linguístico tem, de fato, promovido uma revitalização do idioma na vida cotidiana. (NOVA ESCOLA, 01/09/2010).

Observando isso, considerando o atual fluxo migratório no país, é visto ser possível integrar a cultura dos estudantes imigrantes em sala de forma um pouco diferente do que os exemplos acima, já que a cultura retratada nos projetos corresponde à maioria das crianças em sala. Portanto, se houver em sala uma só criança estrangeira, há de se buscar a inserção da cultura dela no currículo escolar do mesmo modo. Maria Elena Pires Santos, especialista em migração da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) afirma que aproveitar o conhecimento do estudante imigrante integrando com os conteúdos em sala, favorece a integração e permite discussões além dos estereótipos culturais dados aos estrangeiros. "Um aluno refugiado é um pedaço vivo da história contemporânea. No momento apropriado, ele pode contar sobre as situações que viveu e ser uma janela de conhecimento para a turma", mas também enfatiza que "entretanto, é preciso ter bastante cuidado para não expor as crianças ou tratá-las como uma curiosidade exótica, interrompendo a aula a cada momento para que

elas contem como determinada coisa funciona no país natal” (Nova Escola, 01/09/2010).

Buscando integrar os imigrantes no contexto escolar e combater situações de *bullying* e xenofobia, algumas escolas vêm criando projetos que envolvam essas questões de forma a reiterar para os demais a importância de acolher e os motivos que levaram essas pessoas a migrar de seus países de origem, destacando valores como respeito e empatia pelo próximo.

A Escola Municipal Professor Waldir Garcia em Manaus (AM) tem atualmente 30 estudantes vindos de outros países como Venezuela, Haiti e Canadá. A instituição começou receber crianças imigrantes logo após o terremoto no Haiti em 2010. Na fala da diretora Lúcia Cristina Santos:

“No início, quando as crianças estrangeiras chegavam à EM Professor Waldir Garcia, elas não costumavam ser chamadas pelo nome e não gostavam do uso de termos que as generalizam, como ‘haitiano’. Hoje elas não são mais chamadas dessa maneira, mas sim pelo próprio nome. Existe um respeito muito grande entre as crianças e elas trabalham com tanta naturalidade umas com as outras, que a inclusão é absorvida e trabalhada pelos estudantes de forma muito natural.” (ESCOLAS TRANSFORMADORAS 05/10/2018).

Também segundo Lúcia, um dos desafios encontrado pela escola foi na alimentação das crianças “precisávamos entender quais comidas eles não comiam e quais eram os seus hábitos alimentares. Para isso tivemos que conhecer a história do país e da cultura deles para ir se adequando e aprendendo.” (Escolas Transformadoras 05/10/2018). Desse modo, a escola criou em 2018 um projeto intitulado de “temperos e saberes” onde a comunidade escolar apresentava as comidas típicas de seus lugares de origem, o que também acabou aproximando mais as famílias dos estudantes estrangeiros da escola.

Um exemplo é a mãe Judith Orinel, que foi à escola ensinar uma receita de sopa haitiana conhecida como “sopa de Jerimum”, comida típica e símbolo da resistência do povo haitiano durante a escravidão. “A sopa de Jerimum é uma comida que a gente faz todo dia 1º de janeiro. Porque num tempo passado, o povo escravizado não podia comer essa sopa. Os colonos franceses achavam a sopa tão gostosa e saborosa, que quem era escravizado não podia comer. Daí no dia da independência os povos negros ficaram com a receita da sopa como uma lembrança desse tempo”, conta Judith. (Escolas Transformadoras, 05/10/2018).

Em São Paulo a Escola Municipal de Educação Infantil João Theodoro localizada no bairro Bom Retiro realizou em 2016 um evento para integrar as famílias imigrantes a comunidade, já que a escola possui um número significativo de crianças filhas de pais imigrantes. Assim, aproveitando os eventos da “semana mundial do brincar” a associação Cidade Lugar Escola realizou nas dependências da EMEI o festival “Brinca Mundo no Bom Retiro”, que contava na divulgação com cartazes em português e em espanhol, já que as crianças atendidas são imigrantes de países latino-americanos como Bolívia, Peru e Paraguai.

Além das oficinas com memórias de brincadeiras folclóricas dentre outras, também foram entrevistados pais de crianças brasileiras e imigrantes “os relatos vão desde pega-pega ao improvisado de se divertir em ruas, fazendas ou quintais, revelando como as atividades lúdicas podem apoiar a integração de diversas culturas, dado o número de brincadeiras em comum entre os países” (Migra Mundo, 24/05/2016). “Entre as estratégias adotadas, o projeto pretendia apresentar dados relativos aos principais desafios na integração das comunidades latino-americanas a partir de um diagnóstico socioterritorial que revela as condições de vida das crianças imigrantes na região central de São Paulo” (Migra Mundo, 24/05/2016).

Também em São Paulo a Secretaria Municipal de Educação, em parceria com a ONG Repórter Brasil dentro do projeto *Escravo, nem pensar!* realizou formações docentes com o objetivo de aproximar os profissionais de educação da realidade das famílias estrangeiras e das crianças e jovens recebidas nas escolas. A partir dessa experiência, surgiu um documentário onde crianças imigrantes e brasileiras “relatam os desafios de se promover os direitos humanos e à integração cultural entre os alunos a fim de promover a integração na escola” (Migra Mundo, 04/10/2017).

Dentre os relatos, está o de uma criança boliviana que conta as agressões verbais sofridas ao chegar ao Brasil nas duas primeiras escolas em que estudou, e que após, coloca que em nenhuma dessas outras escolas ela havia tido o acolhimento que estava tendo nesta. É perceptível no documentário e também nas colocações das professoras que muitas crianças ouvem em casa falas pejorativas em relação aos imigrantes e tendem a reproduzi-las na escola, assim sempre que se falava em trabalho escravo os bolivianos eram citados. A partir das iniciativas do projeto, das formações e materiais eles passaram a ter uma visão do que fazer diante dessas situações, rompendo com essas visões pejorativas sobre os imigrantes e melhorando as relações no ambiente escolar (Migra Mundo, 04/10/2017).

A Secretaria de Estado da Educação de São Paulo também lançou documentos e material didático para o acolhimento das crianças imigrantes e refugiadas nas escolas. Esses documentos orientadores são separados, sendo um para matrículas e certificados e outro específico para o colhimento em sala. As publicações “Documento Orientador Estudantes Imigrantes: Matrícula e Certificados” e “Documento Orientador Estudantes Imigrantes: Acolhimento” são materiais que respondem às próprias demandas de famílias refugiadas e migrantes que buscavam maior integração na rede. “Todas as escolas públicas de São Paulo receberam o arquivo digital, que está disponível para download.” (Nações Unidas Org, 08/01/2019).

E não é apenas na Educação Básica que há iniciativas para integrar os imigrantes. O Programa Pró-Haiti, um programa emergencial em educação superior coordenado pela Capes em conjunto com a Secretaria de Educação Superior (SESu) do Ministério da Educação (MEC) e o Ministério das Relações Exteriores (MRE) “foi criado para auxiliar na reconstrução do Haiti, atuando no fortalecimento e na recomposição do Sistema de Educação Superior do país. O programa baseia-se na concessão de bolsas de estudos a estudantes das instituições de ensino superior de Porto Príncipe em instituições de ensino superior brasileiras (IES)” (Capes.gov).

A Universidade Federal da Fronteira Sul em parceria com a Embaixada do Haiti no Brasil criou o Programa de Acesso à Educação Superior da UFFS para Estudantes Haitianos – PROHAITI instituído pela Resolução 32/2013 – CONSUNI:

É um programa que visa a contribuir com a integração dos imigrantes haitianos à sociedade local e nacional por meio do acesso aos cursos de graduação da UFFS. Tal acesso dar-se-á através da oferta de vagas suplementares preenchidas por meio de processo seletivo especial [...] O aluno haitiano selecionado pelo processo seletivo especial será matriculado como aluno regular no curso de graduação da UFFS e estará submetido às regras do Regulamento de Graduação. (UFFS).

O primeiro processo seletivo do programa foi realizado em 2014, levando ao acesso de 27 imigrantes haitianos ao curso de nível superior, Atualmente há 35 imigrantes haitianos matriculados em todos os campi da instituição. A presença de imigrantes haitianos na UFFS foi o que impulsionou a estudante graduada no curso de Licenciatura em História da UFFS Campus Chapecó, Taíse Staudt a realizar uma pesquisa durante dois anos que se transformou no livro: “Sou diáspora: identidade e mobilidade nas memórias de haitianos no Brasil” lançado no dia 12 de outubro deste ano.

A obra de Tafse registra e analisa lembranças de haitianos que residem em Chapecó e na região. O objetivo é conhecer suas histórias, suas formas de vida e compreender as motivações que os mantêm no Brasil. Este projeto faz parte do Edital das Linguagens da administração municipal, por meio da Secretaria de Cultura, e é um incentivo à leitura e à diversidade étnica e cultural presente na cidade e na região, proporcionando maior informação e conhecimento sobre a cultura, a política e a economia haitiana. (DIÁRIO DO IGUAÇU 12/10/2019).

Obras como esta são importantes para mostrar a importância de acolher os imigrantes nos diversos espaços da sociedade e mostrar que esse acolhimento vai além de ter políticas públicas que garantam que eles estejam ali inseridos, mas também valorizar a cultura da qual eles fazem parte e fazer com que eles também sejam protagonistas nesses espaços.

### 1.3 CONTEXTUALIZANDO AS DUAS ESCOLAS ONDE A PESQUISA FOI REALIZADA

As escolas escolhidas para a realização da pesquisa no município de Estação/RS são a Escola Municipal de Educação Infantil Anjinho da Guarda e Escola Estadual de Ensino Fundamental Maria Nascimento Giacomazzi. Ambas com histórico de acolhimento de crianças estrangeiras vindas do Haiti e também do menino J. que frequentou a primeira instituição a partir da metade do ano letivo de 2018 no Maternal II e que agora frequenta a segunda na turma de Pré A ofertada pelo município na escola que pertence ao Estado.

A escola de Educação Infantil Anjinho da Guarda, foi fundada em julho de 1996 atendendo sobre caráter assistencialista como creche municipal e sendo a primeira e única a atender crianças menores de 4 anos no município. Como creche, somente criança cujas mães trabalhassem com carteira assinada, posteriormente ampliando para aquelas que eram trabalhadoras informais. A faixa etária das crianças que frequentavam o local era de 2 a 6 anos. Em maio de 2001 passou a denominar-se Escola Municipal de Educação Infantil Anjinho da Guarda, sobre uma perspectiva mais pedagógica, porém ainda atrelada ao assistencialismo.

Como escola passou a reconhecer o direito da criança em frequentá-la, deixando de exigir que os pais trabalhassem para tal, passando assim a atender mais crianças no local. Com o crescimento do município a necessidade de ampliar a faixa etária da

escola, anexando um berçário surgiu, porém, demorou anos para que o projeto se concluísse e em 2016 iniciou-se o atendimento para as crianças de 0 até 2 anos incompletos, para tal retirou-se a pré-escola de 4 a 6 anos que ficou restrita somente as demais escolas municipais.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) tem em seu Art. 29 que a Educação Infantil compreende a primeira etapa da Educação Básica e possui como objetivo o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, em complemento à ação da família e da comunidade. A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) caracteriza a Educação Infantil como o início e o fundamento do processo educacional, onde ocorre a “primeira separação das crianças com seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada.”

A escola se localiza na rua Lido Giacomoni nº 150 no bairro Santana, próximo ao centro da cidade. Por ser a única escola a atender tal faixa etária, as crianças que a frequentam são de diversos bairros do município. As crianças atendidas são de classe média, classe média baixa e baixa. Também há outras crianças haitianas em processo de adaptação aos nossos costumes e crianças com necessidades educativas especiais.

Em sua estrutura física a escola possui oito salas de aula ocupadas pelas turmas de Berçário I, Berçário II, Maternal I A, Maternal I B, Maternal II A, Maternal II B e Maternal II C. A instituição possui dois banheiros, divididos para meninas e meninos, um fraldário, um refeitório com a cozinha acoplada, sala dos professores, sala da gestão, corredor, um porão onde o acesso ocorre por uma escada de ferro dentro da cozinha, sendo que lá funciona a despensa, o espaço para guardar materiais das aulas de educação física, depósito de materiais que não estão sendo utilizados e espaço onde ocorrem as aulas de educação física. Também nesse espaço uma porta de acesso para um local que funciona como biblioteca e brinquedoteca, onde são encontradas estantes com livros, uma mesa grande, cadeiras, computador, piscina de bolinhas, escorregador e outros brinquedos de plástico. Do lado de fora há um pátio onde recentemente os brinquedos antigos foram trocados por outros mais adequados a faixa etária, uma casinha de bonecas e caixa de areia, porém no momento o espaço não está sendo utilizado devido a uma construção no local onde o porão da parte recentemente construída está sendo fechado.

Com a chegada dos imigrantes haitianos a escola foi muito procurada por eles, já que a maioria das crianças estava em idade apta a frequentar à Educação Infantil e pais e

mães necessitavam deixar os filhos lá para poderem trabalhar nas indústrias da cidade. Quando realizei meu estágio de Educação Infantil no local já havia muitas crianças haitianas, porém diferente do caso do menino J, elas já se comunicavam em português, ou por terem nascido aqui ou por chegarem ainda bebês, aprendendo língua desde muito pequenas, facilitando assim a adaptação.

A escola Estadual de Ensino Fundamental Maria Nascimento Giacomazzi foi fundada em dezembro de 1937 sendo atualmente a escola mais antiga do município. Fundada com o objetivo de atender crianças de 7 a 10 anos, também sendo pró-ativa em alfabetização para jovens e adultos, contando com o antigo Mobral. Atualmente conta com turmas de 1º a 5º anos e também de Pré A e Pré B anexadas pela prefeitura na instituição para prestar atendimento às crianças dessa faixa etária residentes nas proximidades da escola, visto que as demais escolas municipais se mantêm em áreas afastadas. Localizada na Rua André Mafessoni, nº 788 na área central do município, atende crianças de classe baixa, média baixa e média. Atende crianças imigrantes do Haiti desde que se iniciou a imigração destes para o município, tendo maior experiência em atender crianças estrangeiras em idade de alfabetização.

Segundo consta na BNCC, a etapa do Ensino Fundamental é a mais longa da Educação Básica, atendendo crianças e adolescentes na faixa etária dos 6 aos 14 anos. Como já indicado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de Nove Anos (Resolução CNE/CEB nº 7/2010)<sup>28</sup>, essas mudanças impõem desafios à elaboração de currículos para essa etapa de escolarização, de modo a superar as rupturas que ocorrem na passagem não somente entre as etapas da Educação Básica, mas também entre as duas fases do Ensino Fundamental: Anos Iniciais e Anos Finais. (BRASIL, 2017)

Em sua estrutura contém cerca de sete salas de aula, sendo três delas ocupadas pelo turno da manhã e quatro pelo turno da tarde, biblioteca equipada com livros e materiais diversos, cozinha, refeitório, banheiros (sendo um externo a todas as salas e um interno na sala do Pré A), sala de vídeo, sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), sala da diretoria e sala dos professores. Possui também uma área externa ampla com pátio de concreto com escadas para outro pátio de grama com pracinha de brinquedos (escorregador, balanços, gangorra, gira-gira e etc.) e um campo de futebol.

Nesse ano letivo de 2019 o menino haitiano J. ingressou os estudos na escola frequentando a turma do Pré A até sua saída em junho deste ano em decorrência de sua

família ter mudado de cidade. Aqui esta era a escola mais próxima da residência da criança, bem como de outras crianças imigrantes, onde a maioria mora em bairros próximos a área central em que ela se localiza, assim tendo maior concentração de crianças estrangeiras nessa faixa etária que as demais escolas.

#### 1.4 ACOLHIMENTO DA CRIANÇA ESTRANGEIRA EM SALA: UM RELATO SOBRE O ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

Durante o período de Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil no segundo semestre de 2018, ao iniciá-lo em uma turma de Maternal II na EMEI Anjinho da guarda do município de Estação/RS, fui surpreendida com a presença do menino J. em sala recém chegado do Haiti. A presença de crianças vindas de famílias haitianas já era algo comum na escola, porém, a maioria delas havia nascido em solo brasileiro ou haviam ingressado na escola ainda bebês, construindo sua comunicação em conjunto com as demais crianças, o que não gerava dificuldades em relação à comunicação e adaptação, o que no caso dele era diferente por já ter três anos e se comunicar em sua língua materna, o Crioulo haitiano<sup>5</sup>. Conforme os relatos da professora e monitoras, para ele ações simples como pedir para ir ao banheiro se tornavam difíceis, por não se fazer entender, assim buscavam a comunicação utilizando gestos. Essas questões fizeram com que a professora regente em entrevista comigo, colocasse a integração de J. na turma como um dos desafios.

Durante as observações em sala pude ver uma criança desconfiada, que brincava majoritariamente sozinho e durante as refeições não provava a comida, a qual parecia um tanto estranha para ele. Ao vê-lo brincando sozinho indaguei as outras crianças sobre por que não brincavam com ele, ao que a maioria disse ser pelo fato de ele “não falar”. Iniciei então uma aproximação, convidei-o para brincar com um carrinho e ele deu um largo sorriso. Enquanto eu brincava com ele, outras crianças se aproximaram, assim elas perceberam que não era preciso falar a mesma língua para poder brincar.

No meio da brincadeira ele me chama pela primeira vez de “cofe”, palavra que passou usar para se referir a nós professoras e monitoras, depois me indagou sobre o “machin” e essa foi a primeira palavra em crioulo que aprendi com ele. Após o ocorrido fiquei um tanto curiosa sobre a palavra e ao pesquisar não encontrei seu significado,

---

<sup>5</sup> Também conhecida como Crioulé, é a língua falada pela maioria dos haitianos, apesar de o Haiti ter como língua oficial o Francês.

outro dia fomos passear pelo bairro, ele estava de mãos dadas comigo, quando passamos por um carro ele parou e disse: - *Cofe, esse é o machin*. Apontando para o carro.

Com o passar dos dias ele ficou muito próximo a mim, nos momentos de brincadeira fazia sinal para que eu dissesse o nome dos objetos e os repetia, principalmente quando brincávamos de “fazer comida”. Assim seu vocabulário foi se ampliando e passou a nomear no momento das refeições alguns dos alimentos que eram ofertados. Nesses momentos de brincadeiras também busquei fazer uma aproximação dele com as outras crianças. No período da monitoria, durante as propostas, pude perceber ele se envolvendo mais com os colegas.

Imagens 5, 6 e 7 – O menino J. em momentos de interação durante o estágio:



Fonte: Acervo da autora<sup>6</sup>

As vivências durante o período de observação e monitoria no estágio fizeram com que através do auxílio da minha orientadora pensássemos em um planejamento abrangente a essa questão, onde o respeito e a valorização das diferenças fosse o eixo direcionador, assim surgindo o projeto: *As belezas da diversidade étnico racial na Educação Infantil*. Dentro dele, buscamos trazer as origens de J. mostrando para as crianças o Haiti, sua cultura, comidas típicas e expressões artísticas, também valorizando a diversidade existente dentro da turma e promovendo um trabalho sobre a questão racial, utilizando histórias infantis que valorizassem a figura do negro e

<sup>6</sup>Imagens utilizadas mediante autorização em anexo 1.

bonecas, pois um fato que me chamou bastante atenção foi à ausência de bonecas negras em sala. Conforme consta em relatório de estágio:

[...] Assim, além de levar bonecas negras para a sala de aula, construí previamente uma boneca e busquei colocar nela características que se assemelham com o povo haitiano. Fiz seu cabelo trançado e um lindo vestido colorido na tentativa de representar a cultura do país. O contato das crianças com bonecos e bonecas que simbolizem a diversidade de tons de pele, cabelos e características físicas é fundamental na construção do caráter e para promover o respeito às diferenças. (ARALDI, 2018, p. 29)

A respeito disso também:

Quando a criança tem contato com diferentes padrões culturais, raciais e de beleza, desde a primeira infância, ela aprende a respeitar os indivíduos igualmente. Ao pensarmos no contexto de sociedade, os padrões com que elas têm contato através da mídia, da literatura e dos próprios brinquedos não é diversificado e isso constrói na criança a imagem de que só aquele padrão vigente é belo, bom e desejável. (ARALDI, 2018, p. 29)

Imagens 8, 9 e 10 – Espaço da literatura infantil com protagonismo negro:



Fonte: Acervo da autora

A boneca batizada de Rapunzel pelas crianças foi apresentada a turma, nesse momento a criança A.L. olhou para a boneca e disse: - *A Rapunzel parece bastante com o J.* Voltando o olhar das demais crianças para os dois, então percebi um sorriso em J. a boneca Rapunzel o representava. E foi através de Rapunzel que o Haiti entrou em nosso planejamento. Rapunzel ficou conosco durante uns dias, então ela foi viajar para o Haiti, ao voltar trouxe muitas novidades sobre a cultura haitiana para as crianças. Imagens, vídeos e músicas que valorizassem a cultura do Haiti foram levadas para a sala de aula. (ARALDI, 2018, p. 30).

Imagens 10, 11 e 12 – A boneca Rapunzel:



Fonte: Acervo da autora

O diário de bordo realizado com as crianças da viagem de Rapunzel para o Haiti foi especialmente significativo, pois enfim as crianças conheceram a cultura de J. o lugar de onde ele veio e os motivos que o fazem se comunicar diferente da gente. A inserção de bonecas negras e literaturas infantis que abrangiam o tema fizeram com que ele se sentisse ali representado e foi percebido que ele estava mais a vontade diante dos colegas. Antes mesmo da realização do diário de bordo, ouve um momento em que as crianças estavam cantando umas para as outras, quando pedi se J. gostaria de cantar ele se dirigiu para o meio da roda e presenteou a todos com uma canção em seu idioma, todas as crianças vibraram e bateram palmas, percebi ali o acolhimento que faltava para ele. (ARALDI, 2018, p. 32)

Imagens 13 e 14 – A arte Naif Haitiana:



Fonte: Acervo da autora

## Imagens 15 e 16 – Comidas e manifestações culturais do Haiti:



Fonte: Acervo da autora

J. teve mudanças muito significativas do início ao fim do estágio. A expressão de desconfiança deu lugar a um largo sorriso, a relação com os colegas se ampliou, curiosamente uma grande amizade surgiu com o menino K. que também não se comunicava verbalmente por conta de sua condição auditiva, porém, apesar de brincarem a maior parte do tempo os dois juntos eles também estavam se envolvendo com os demais, a barreira linguística foi quebrada, nos momentos de alimentação, ele se desafiou a provar novos alimentos e passou a gostar deles.

Perceber a mudança de atitude dele em sala através das ações desenvolvidas durante o estágio é importante para refletir de que modo podemos fazer essas crianças sentirem-se de fato parte do ambiente, pois acolher vai muito além de recebê-las em sala, é difícil se inserir quando há uma diferença de cultura, porém, essa diferença é uma fonte enorme de aprendizado para todos os demais. As crianças necessitam aprender a conviver e valorizar essas diferenças, sejam quais forem elas, e o professor tem o papel de auxiliar esse processo. Quando trouxe a criança negra como protagonista das histórias, as bonecas negras que eram diferentes das que as crianças brincavam todos os

dias e apresentei para eles a cultura haitiana da qual J. fazia parte, ele passou a ser notado em sala pelos demais e se sentiu parte integrante daquele ambiente.

Tal planejamento apresentado durante o estágio visava à criança como protagonista de todo o processo. O Referencial Gaúcho Curricular (RCG, 2018) no que compreende a Educação Infantil, dialoga sobre o currículo e o papel do professor e do aluno nesse processo:

O currículo, assim compreendido, emerge da escuta atenta às crianças, de suas necessidades e desejos e deixa de ser um caminho linear, com objetivos predefinidos. Pensar o currículo supõe mudar a concepção de aprendizagem como construção narrativa da experiência, como história de aprendizagens de crianças, grupos e turmas com seus professores. Diante disso, o papel do professor é complexo e precisa ser reinventado na Educação Infantil, uma vez que são muitos os aspectos que se entrelaçam na sua ação [...] O papel do professor é de fazer-se presente e de estar junto às crianças com interesse, acompanhando, perguntando, inventando e oferecendo o tempo e o espaço para as investigações das crianças e para a construção de sentidos sobre o mundo que as rodeia. (RIO GRANDE DO SUL, 2018, p. 58)

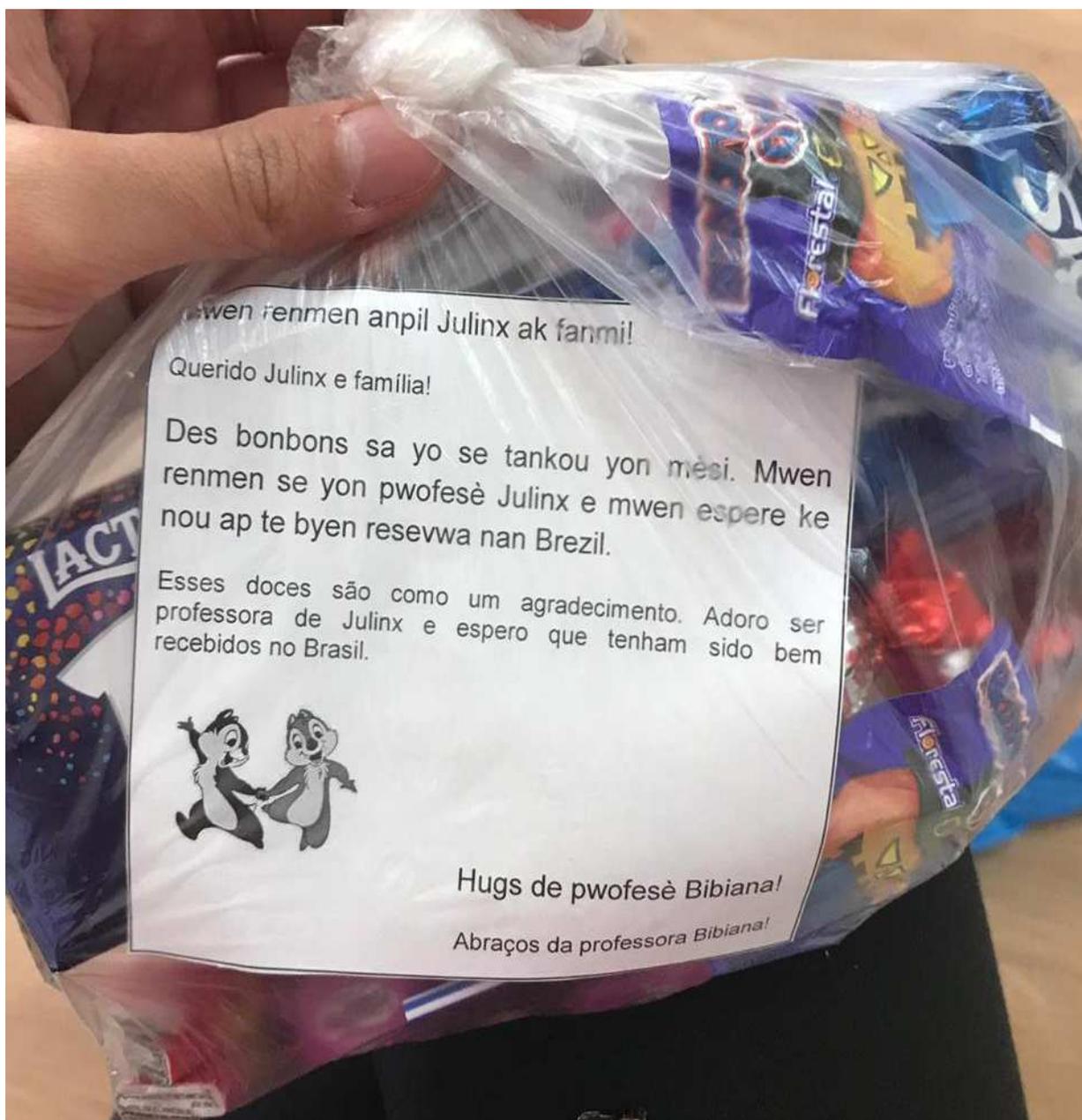
Imagem 17 – Acolhimento



Fonte: Acervo da autora

Ao fim do estágio, como mimo para as crianças, cada um recebeu uma sacola com doces para dividir com a família e um cartão. Sabendo que a família de J. tinha como línguas maternas o Crioulo e o Francês, busquei através da ferramenta Google Tradutor, traduzir as palavras do cartão do Português para o Crioulo, assim seus pais poderiam ler a mensagem sem precisar do auxílio de outras pessoas, uma forma também de integrar a criança e sua cultura nos acontecimentos da sala de aula.

Imagem 18 – Cartão especial



Essa experiência durante o estágio além de me inspirar a pesquisar sobre o acolhimento das crianças estrangeiras em sala, me fez perceber na prática o quanto a questão da representatividade importa, por isso, a diversidade é uma questão tão importante de ser debatida e trabalhada em sala, para promover o respeito às diferenças é essencial conhecer e valorizar as diferentes culturas e essas vivências podem ocorrer no ambiente escolar.

No capítulo seguinte, irei discorrer sobre a metodologia da pesquisa e os resultados obtidos através das entrevistas com as diretoras, professoras e monitoras que fizeram parte do caminho escolar de J. nas duas escolas do município de Estação.

## 2. PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia adotada pelo presente trabalho foi constituída primeiramente através de pesquisas, estudos e leituras específicos sobre o assunto. Posteriormente foi realizado um trabalho de campo em duas escolas do município de Estação, tendo como foco para a escolha dessas escolas o caso do menino J. haitiano que foi acolhido em ambas instituições nos anos letivos de 2018 e 2019. Assim se caracterizando como uma pesquisa qualitativa com estudo de caso.

Toda pesquisa surge a partir da busca de uma resposta que se faz necessária ao pesquisador, durante essa procura, surgem às hipóteses que permeiam o caminho que a pesquisa deverá tomar. Zanella, 2013 p.24 traz que “a pesquisa é a atividade básica da ciência, e por meio dela descobrimos a realidade”. Segundo Köche (1997 apud ZANELLA, 2013 p.18), o que leva o homem a produzir ciência é a busca por respostas dos problemas que levam à compreensão de si e do mundo em que ele vive. Assim, com base nas palavras de Köche, pode-se dizer que o motivo básico da ciência é a curiosidade intelectual e a necessidade que o homem tem de compreender-se e o mundo em que vive. (Zanella, 2013 p.18)

Goldenberg (1997, p.34) cita:

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa.

A pesquisa qualitativa é um dos métodos mais utilizados na área da educação pela forma como o processo é conduzido. Bogdan e Biklen, 1994 p.17 trazem que “em educação, a investigação qualitativa é frequentemente designada por *naturalista*, porque o investigador frequenta os locais em que naturalmente se verificam os fenômenos nos quais está interessado”.

Tal pesquisa de abordagem descritiva-interpretativa tendo como público alvo profissionais de educação, foi in-loco ao entrevistar duas professoras, duas monitoras e duas diretoras de duas escolas do município de Estação, utilizando desse meio para obter dados importantes. Bogdan & Biklen (1994) colocam que “uma entrevista é

utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio participante, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo”. Essas entrevistas foram semiestruturadas (apêndices 1 e 2) buscando que esses se expressassem através das respostas suas opiniões, angústias e impactos causados nelas, bem como em todo o ambiente escolar a cerca do acolhimento das crianças estrangeiras.

A escolha dos ambientes e das entrevistadas ocorreu por terem sido os locais e profissionais que acolheram o menino J. nos respectivos anos letivos. Por essa escolha, onde um grupo de duas escolas específicas foi analisado é que a pesquisa também se qualifica como um estudo de caso. O estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico (Merriam, 1988, apud BORGDAN; BIKLEN, 1994). Lüdke e André (1986, p. 18-20) colocam como características fundamentais do estudo de caso:

- 1 – Os estudos de caso visam à descoberta.
- 2 – Os estudos de caso enfatizam a ‘interpretação em contexto’.
- 3 – Os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma completa e profunda.
- 4 – Os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação.
- 5 – Os estudos de caso revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas.
- 6 – Estudos de caso procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social.
- 7 – Os relatos de estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa.

Essas entrevistas aconteceram somente após as entrevistadas consentirem participar da pesquisa mediante a assinatura do termo de consentimento (anexo 2), onde ambos ficarão em tutela da pesquisadora por cinco anos. Ao consentirem participar da pesquisa, as entrevistadas também consentiram que as mesmas fossem gravadas para posterior transcrição e análise. Tais entrevistas ocorreram no período de 16/09/2019 até 26/09/2019 conforme as agendas das participantes sendo estas previamente solicitadas para marcá-las. Antes da realização houve uma conversa para que as entrevistadas estivessem a par de como se daria a entrevista, onde também as perguntas norteadoras foram lidas. As entrevistas na íntegra seguem no apêndice 3 deste documento.

A análise de conteúdo dessas entrevistas ocorreu por meio da teoria de Laurence Bardin que define a análise de conteúdo como sendo "um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de

descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 2009, p. 44). E coloca por objetivo que “a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. A linguística é um estudo da língua, a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades através das mensagens” (Bardin, 2009, p. 44).

Por serem entrevistas semiestruturadas, isso permitiu que elas ocorressem em forma de conversa, podendo ser acrescentadas perguntas ao longo delas que não estavam planejadas, fluindo de acordo com o que as entrevistadas sentiam necessidade de falar sobre o assunto, desse modo, os resultados obtidos foram qualitativos. Nesse processo inicialmente a investigadora fez uma pré-análise do conteúdo das entrevistas, onde os áudios foram ouvidos e transcritos, para após serem lidos e a partir dessa leitura definir o *corpus* da análise “que é composto por todos os documentos selecionados para análise durante o período de tempo estabelecido para a coleta de informações, como: falas de informantes-chaves, relatórios, regimentos, normas e rotinas, registros, ofícios - todos observados criteriosamente pelo investigador, com total consentimento dos sujeitos da pesquisa” (Silva; Fossá, 2015, p. 3). Após foram formuladas às hipóteses a partir da leitura desses dados elaborando indicadores para melhor interpretação do material.

A segunda parte dessa análise ocorreu através da exploração do material que “consiste na construção das operações de codificação, considerando-se os recortes dos textos em unidades de registros, a definição de regras de contagem e a classificação e agregação das informações em categorias simbólicas ou temáticas” (Silva; Fossá, 2015, p. 4). Assim, todo o material das entrevistas foi recortado em unidades de registro (parágrafos) elencando as palavras chave de cada um:

Assim, o texto das entrevistas é recortado em unidades de registro (palavras, frases, parágrafos), agrupadas tematicamente em categorias iniciais, intermediárias e finais, as quais possibilitam as inferências. Por este processo indutivo ou inferencial, procura-se não apenas compreender o sentido da fala dos entrevistados, mas também buscar-se-á outra significação ou outra mensagem através ou junto da mensagem primeira. (Fossá 2003 apud SILVA; FOSSÁ, 2015, p. 4)

Por fim, conclui-se a análise tratando dos resultados obtidos na fase anterior e interpretando-os e tendo respaldo para essas interpretações no referencial teórico.

[...]consiste em captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material coletado (entrevistas, documentos e observação). A análise comparativa é realizada através da justaposição das diversas categorias existentes em cada análise, ressaltando os aspectos considerados semelhantes e os que foram concebidos como diferentes. (SILVA; FOSSÁ, 2015, p. 4)

Assim, foi possível colher resultados confiáveis e coerentes, tendo em vista também que este é um dos métodos mais utilizados e populares para análise de conteúdo de entrevistas em pesquisas qualitativas.

## 2.1 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Os dados recolhidos a partir das entrevistas são baseados nas perguntas utilizadas durante as mesmas. Foram utilizados dois questionários diferentes, embora com questões parecidas, um era voltado para as diretoras das escolas, mais abrangente em relação a questão de matrícula e das crianças estrangeiras na escola e outro voltado as professoras e monitoras do menino J. que puderam falar de forma mais específica sobre a sua adaptação em sala.

As entrevistas ocorreram de forma semiestruturada, onde as participantes puderam dialogar sobre pontos que achavam importantes em relação ao acolhimento da criança estrangeira, podendo ir além de responder somente as perguntas que direcionavam o estudo. As entrevistas foram gravadas mediante consentimento para que pudessem ser transcritas e analisadas pela pesquisadora.

A seguir serão apresentadas em quadros as respostas das participantes para tais questões.<sup>7</sup>

Quadro 1- Roteiro de entrevista para diretoras:

<b>Quadro 1 – Roteiro de entrevista para diretoras:</b>	
<b>Questão 1</b>	Por qual motivo você acredita que essas famílias haitianas vêm migrando para o Brasil e por que escolheram o município de Estação/RS?

<sup>7</sup> Pequenas intervenções foram realizadas nas falas das entrevistadas apresentadas nos quadros seguintes, porém, sem modificar o sentido de suas respostas.

<b>Questão 2</b>	Como foi a comunicação inicial para a matrícula da criança J. E posteriormente como ocorreu/ocorre à comunicação entre escola e família?
<b>Questão 3</b>	Houve uma preparação anterior para receber a criança na escola?
<b>Questão 4</b>	Como você sente esse processo de acolhimento das crianças estrangeiras na escola?

Fonte: Elaborado pela autora

As entrevistas nessa categoria ocorreram com a diretora da Escola Estadual de Ensino Fundamental Maria Nascimento Giacomazzi (D1), onde J. ingressou na turma de Pré A no ano letivo de 2019, tendo saído da escola em junho desse mesmo ano. E com a ex diretora da Escola Municipal de Educação Infantil Anjinho da Guarda (D2), a qual J. frequentou na turma de Maternal II durante o segundo semestre do ano letivo de 2018, ambas instituições são do município de Estação/RS. Nos quadros seguintes, há um recorte de tais respostas elencando as falas principais das entrevistadas para responder as perguntas, contudo, tais recortes não mudam o sentido ou induzem a fala das participantes.

A primeira questão buscava ver de que modo a vinda desses imigrantes era vista por elas. A escolha de incluir essa questão foi para ver essas percepções e por acreditar ser necessário conhecer os fatores que levam essa imigração ocorrer, ter uma noção de como e por quais motivos essas crianças chegaram até aqui, para que assim, seja possível acolhe-las.

Em relação a essa questão, seguem no quadro as respostas de ambas:

Quadro 2 – Respostas diretoras questão 1:

<b>Quadro 2 – Respostas diretoras questão 1:</b>	
<b>Pergunta:</b>	<b>Respostas:</b>
	D1: Então, a vinda dos haitianos aqui para o nosso município, eu entendo que é em função do trabalho e em busca de melhores condições de vida. A gente sabe que onde eles moram as condições são bem precárias de questão de recursos também financeiros, de alimentação e mais ainda a questão de higiene também é bem complicado. Aqui a gente percebe que eles ficam felizes porque tem a alimentação, tem a questão do material escolar que eles trazem, tem a parte da moradia, eles se unem bastante com os conterrâneos deles, eles gostaram

**Por qual motivo você acredita que essas famílias haitianas vêm migrando para o Brasil e por que escolheram o município de Estação?**

de vir para cá, então eu penso que o que mais traz eles é essa questão de ter melhores condições para sobreviver, para viver.

D2: Eu acredito que tenha sido assim, em busca de melhor qualidade de vida. Que eles tenham vindo para o nosso país, tendo em vista a pobreza que eles vivem, as dificuldades que eles tem no país deles e tem escolhido Estação, porquê Estação na verdade começou ali com a Cotrigo, dando oportunidade para essas pessoas e a Cotrigo mesmo acho que deve ter conversado com alguém para estar trazendo essas pessoas, porque eles estavam precisando de mão de obra e uma mão de obra um pouco mais barata. Então, acabou aliando a necessidade da Cotrigo e a necessidade deles também de buscar emprego e eles acabaram vindo para cá, tanto isso é verdade que depois que agora fechou a Cotrigo, por ter sido vendida, enfim, não se sabe direito, eles estão buscando novas oportunidades em outros municípios aí, então quer dizer que aqui realmente a única oportunidade que eles tinham era a Cotrigo. Infelizmente as pessoas não deram muita abertura e também está difícil de conseguir emprego pra todo mundo na verdade, não tem emprego sobrando e eles, pouquíssimos conseguiram ficar aqui, com outras oportunidades além da Pamplona ali que a Cotrigo que tinha, e eles acabaram se mudando, a maioria deles já. Acredito que tenha sido isso mesmo essa vinda deles pra cá, necessidade e busca de qualidade de vida.

Fonte: Elaborado pela autora

A segunda questão discorria sobre a comunicação entre escola e família, tanto em relação ao processo de matrícula, quanto no dia a dia, visto que a comunicação com os pais é constante, principalmente na Educação Infantil.

Quadro 3 – Respostas diretoras questão 2:

<b>Quadro 3 – Respostas diretoras questão 2:</b>	
<b>Pergunta:</b>	<b>Respostas:</b>
	D1: A comunicação com eles é um pouco difícil em função da língua. No caso aqui do J. os pais falam pouco o português, mais era o francês, mas a gente conseguia, tinha um intérprete que facilitava um pouco a comunicação e a secretária também da escola conseguia, que tinha mais prática ainda de conversação, que tinham outros alunos também. A gente conseguia se comunicar. [...] A família

**Como foi a comunicação inicial para a matrícula da criança J. E posteriormente como ocorreu/ocorre à comunicação entre escola e família?**

também respondia os bilhetes, se entendia bem ou não a gente também não sabia bem, mas vinham com assinatura os bilhetes, as comunicações pela agenda vinham e a gente percebia que ao menos até onde a gente conseguia chegar parecia que eles estavam bem entendendo.

[...] Ele veio e daí como é os prés, a educação infantil é do município, então também tem a questão da documentação do município que a gente só faz o intermédio entre a prefeitura e o aluno. Mas sempre teve uma pessoa ajudando também nesse sentido pro entendimento, mas a gente pelo que percebe, eles entendem. A comunicação principalmente com o pai, a mãe dá a impressão que as mulheres ficam mais assim, isoladas, mais pra trás assim, elas não tomam assim a frente das coisas como nós que as mulheres são mais responsáveis pela educação dos filhos.

D2: É, na verdade assim, era bem difícil na hora da matrícula porque vinham só os pais fazer ou algum amigo. Eles têm muito diferente de nós, que a gente quando tem um filho é o pai ou a mãe que vai. Às vezes vinha uma mulher três vezes no dia matricular um diferente do outro [...] Eles tem assim uma cultura de que confiam muito nos outros ou precisam [...] Então, às vezes vinha uma amiga, vinha uma vizinha fazer a matrícula e não era eles sabe? Até buscar e trazer, vinha um haitiano a gente acabava entregando e pegando essa criança porque eles tem esse costume de que a responsabilidade da criança não é só do pai e da mãe [...] Eles não, se viesse um vizinho, um amigo, tanto faz, tendo feito, tendo pegado a criança para eles já estava bom.

[...] Tinha assim essa dificuldade de língua porque eles falam espanhol e francês, depende acho que de quê lugar veio, mas às vezes a comunicação ela era quase impossível e eu às vezes chamava ajuda. Tem a profe D. que fala espanhol bem e assim meio que na mímica [...] Eles vinham com aqueles documentos que a gente não entendia para fazer cópia e daí pedia o nome da criança e tu não sabia nem se era um menino ou menina [...] Então era até difícil saber o sexo da criança [...] Os bilhetes que a gente dava de lista de material, as perguntas que a gente fazia [...] Para eles também acompanharem ali quando inicia as aulas, o quê que tem que trazer, em que turno a criança vai estudar, tudo era bem difícil porque eles não entendiam muito, eu também não entendia muito eles. Ainda quando vinha o pai, a mãe da criança era mais fácil, mas quando vinha uma amiga, uma tia, eles vinham buscar vaga, mas nem sabiam direito o quê que queriam, se era de tarde, de manhã, era bem complicado assim.

[...] Às vezes quando passava algum haitiano no corredor que era um que tinha chegado a mais tempo, que fala melhor português, a gente até

atacava e pedia pra ele ajudar. Fazer esse diálogo entre a gente. Eu falava português para ele, ele traduzia para pessoa em francês ou espanhol e aí a gente podia se comunicar, senão era mais difícil, era bem difícil mesmo.

Fonte: Elaborado pela autora

A questão três buscava investigar se houve uma preparação da Gestão Escolar para receber a criança, já que era um fato inédito para um município de interior receber crianças vindas de outros países com fatores linguísticos e socioculturais muito diferentes dos nossos, sendo preciso acolher e adaptar a escola e também os conteúdos escolares para elas.

Quadro 4 – Respostas diretoras questão 3:

Quadro 4 – Respostas diretoras questão 3:	
Pergunta:	Respostas:
<p><b>Houve uma preparação anterior para receber a criança na escola?</b></p>	<p>D1: Sim, já tínhamos alguns haitianos, mas esse foi o mais novinho no caso e os outros tivemos que fazer algumas adaptações com relação aos conteúdos, até mesmo adaptá-los porque os conteúdos que eles tinham lá e aqui não eram os mesmos, então a gente teve que fazer uma adaptação da língua, dos conteúdos, que a gente não conseguia entender bem o que eles tinham tido lá com os nossos aqui, mas como a gente sabe, criança aprende muito fácil, eles se adaptam muito fácil [...]</p> <p>A gente se preocupou em como a gente ia se comunicar com eles e até mesmo a gente buscou a prefeitura no sentido de o quê que a gente ia fazer? A nossa escola era a que tinha mais número, eram 6 haitianos, nas outras escolas eram dois ou três e até foi proposto de a gente reunir os pais, mas daí não fluiu muito de reunir mais pais. Nós tínhamos um que era esse intérprete, que também era pai de três e que a gente se comunicava mais, mas a gente não conseguiu efetivar assim um grupo de estudos, um grupo para gente conseguir chegar mais neles e aproveitar até mais o francês deles. A gente teve até a intenção, mas depois não conseguimos em função do trabalho deles, de horário, a gente não conseguiu um horário para gente conseguir se relacionar mais com eles e depois como em função do trabalho, do fechamento da empresa, que eles iriam embora, também aí a coisa foi dispersando.</p> <p>D2: [...] Primeiro a ideia foi ver como é que eles</p>

iam chegar, quantos que viriam, como é que a gente ia se adaptar com eles, para depois ver o que ta buscando. A gente não sabia o que buscar de início e a maioria deles que entra aqui, entra lá no berçário I, berçário II que são crianças que ainda não falam, então quando eles vão falar lá no final do berçário II, no início do maternal I, eles já na verdade pegaram um pouco do português também que é falado então, a dificuldade que eles têm de comunicação quando entram pequenininhos na escola é a mesma que os outros têm que são os brasileiros [...] Mais difícil era tipo uma criança que nem ele (J.) que entrou maior que daí não falava. Eles se sentem perdidos, mas a gente não teve muito que fazer, ainda é difícil para gente receber surdos, cegos, haitianos. Na verdade a inclusão ela está aí há anos já, ela parece uma coisa bem comum, mas ela ainda é uma dificuldade que a gente tem, não só com os haitianos, quanto com qualquer outra necessidade especial, ou deficiência ou uma diferença de cultura. A gente não está preparado para receber eles na verdade, mas a gente se adapta e eles também vão se adaptando, acho que sofre mais na verdade eles do que a gente.

Fonte: Elaborado pela autora

A quarta pergunta visava saber como as entrevistadas enquanto diretoras das instituições sentiam esse processo de acolhimento das crianças estrangeiras nas escolas.

#### Quadro 5 – Respostas diretoras questão 4

Quadro 5 – Respostas diretoras questão 4	
Pergunta:	Respostas:
<p><b>Como você sente esse processo de acolhimento das crianças estrangeiras na escola?</b></p>	<p>D1: É outra cultura que está vindo para cá, é outra cultura que é muito rica, até mesmo ali a questão do cabelo, elas me diziam que o meu cabelo era muito ruim para fazer trança, um dia elas queriam fazer trança no meu cabelo e eu dizia: <i>Que linda essas tranças</i>. E um dia eu disse: <i>Então vocês vão fazer trança no meu cabelo</i>. E elas diziam: <i>Mas o teu cabelo é ruim pra trança!</i> E eu disse: <i>É mesmo muito ruim, ele não fica trançado, é ruim</i>. Então é uma relação que a gente tem com eles que é muito boa, é outra cultura, mas tem uma troca muito legal. A gente acolhia eles bem, os nossos alunos aqui também acolhiam eles, a gente sentiu muito essa saída, eles fizeram muita falta e fazem muita falta aqui na escola.</p> <p>D2: A gente sente assim, a gente tentava sempre dar a vaga para eles, não só para eles, tratado de igual, por igual, porque a educação é direito de todos, independente da cultura ou se a mãe trabalha, se o pai trabalha, então se tinha a vaga</p>

era dado, a gente tentava ajudar nesse sentido todos para serem bem acolhidos na escola, estando no turno que eles precisavam e a gente se esforçava ao máximo para estar assim às vezes até fazendo eles se comunicar com os maiores que já falavam, mostrando, gesticulando, fazendo uma mímica. É diferente dos outros. A gente tentava: *Quer água?* E mostrar a água tentando ensinar eles dessa forma que era o que dava para fazer porque é um monte de criança e eles ali perdidos no meio, então era tentar ao máximo possível os fazer compreender a gente e a gente compreender eles. Eles tinham bastante carência de roupas, de calçado, então, também fazer campanhas dentro da escola [...] Para estar ajudando uns quando precisavam. Tinha um que não tinha mochila, foi tentada uma mochila, um que vinham passando frio, que a gente percebia que era frio, a gente tentava fazer campanha pra arrecadar roupas [...] A gente procurava estar de olho vestindo, agasalhando, buscando coisas pra eles e principalmente fazendo eles aprender o português do jeito que a gente conseguia [...]

Fonte: Elaborado pela autora

Para as professoras e monitoras que acompanharam J. em sala de aula as perguntas, apesar de seguirem a mesma linha das anteriores, algumas sendo iguais, era esperado um direcionamento maior ao caso dele por estas fazerem parte da rotina que ele tinha em sala.

Quadro 6 – Roteiro de entrevista para professoras e monitoras:

<b>Quadro 6 – Roteiro de entrevista para professoras e monitoras</b>	
<b>Questão 1</b>	Por qual motivo você acredita que essas famílias haitianas vêm migrando para o Brasil e por que escolheram o município de Estação/RS?
<b>Questão 2</b>	Como foi/é a comunicação com os pais sobre os acontecimentos escolares?
<b>Questão 3</b>	Você se preparou para receber a criança em sala? De que forma?
<b>Questão 4</b>	Quais foram/são suas percepções em relação à adaptação da criança J. no espaço de aprendizagem?
<b>Questão 5</b>	Como você sente esse processo de acolhimento das crianças estrangeiras na escola?

Fonte: Elaborado pela autora

Nessa categoria foram entrevistadas a professora regente da turma de Pré A do ano letivo de 2019 da Escola Estadual de Ensino Fundamental Maria Nascimento Giacomazzi (P1), a professora regente da turma de maternal II do turno da manhã do ano letivo de 2018 da Escola Municipal de Educação Infantil Anjinho da Guarda (P2) e

as duas monitoras da respectiva sala (M1) e (M2). Como nas respostas das entrevistas anteriores, também houve um recorte a fim de resumi-las ao que responde cada pergunta, porém, sem induzir ou comprometer as falas das participantes.

A primeira questão era igual à anterior respondida pelas diretoras e tinha o mesmo objetivo de identificar de que modo as entrevistadas viam a chegada desses imigrantes ao Brasil e ao município de Estação/RS.

Quadro 7 – Respostas professoras e monitoras questão 1:

<b>Quadro 7 – Respostas professoras e monitoras questão 1:</b>	
<b>Pergunta:</b>	<b>Respostas:</b>
<p><b>Por qual motivo você acredita que essas famílias haitianas vêm migrando para o Brasil e por que escolheram o município de Estação/RS?</b></p>	<p>P1: [...] Eu acredito assim, que eles venham ao Brasil como uma grande oportunidade de mudar a vida deles, tanto assim na questão da água, na questão das frutas que diz que eles ficam encantados com laranja, com bergamota que aqui tinha muito. Então assim, eu acho que eles vêem uma oportunidade deles ter uma vida digna aqui.</p> <p>P2: A vinda dos haitianos para cá, para o município de Estação, eu não saberia te informar o porquê daqui. No início, deve ter sido a uns cinco ou seis anos atrás, veio mais ou menos uns 40 haitianos e foram trabalhar na nossa empresa ali a Cotrigo [...] Eles dentro do possível foram, eu acredito, que bem acolhidos, porque são pessoas assim muito bacanas, são pessoas boas e inclusive a gente trabalhou com eles a questão da língua portuguesa porque eles tinham bastante dificuldade [...]</p> <p>M1: Eu acho que eles vêm assim à procura de ajuda, segundo a gente sabe o país deles assim é um país pobre, um país que não tem muito recurso, então as famílias vão saindo de lá e procurando ajuda em outros lugares, outros países e como aqui na Estação tinha a antiga Cotrigo [...] Aí aqui eles conseguiram bastante emprego, bastante ajuda na época em que vieram para cá [...] E aqui sempre foram bem acolhidos, sempre arrumaram serviço, sempre arrumaram ajuda, assim em todos os sentidos, tanto com a população no geral, ajuda com roupa, com móveis, com casa para morar. Eu acho que é em relação a isso, procurando sempre ajuda, sempre melhorar de vida.</p> <p>M2: Eu acho que essas famílias vieram pela necessidade para o Brasil, porque onde eles moram está em conflito, tem guerra e o que fez eles virem para cá foi a necessidade, porque eles tiveram que deixar filhos também lá, eles trouxeram os</p>

menores, acho que os maiorzinhos ficaram com as famílias de lá. E Estação eles devem ter vindo porque outros já tinham vindo antes e eles devem vir por influência e por conversa com os que já estavam aqui. [...] Eu acho que eles não escolheram Estação, era aonde eles tinham lugar para trabalhar e onde deram emprego para eles, eu acredito que tenha sido por isso e a necessidade de vir pra um lugar que tivesse comida, trabalho, lugar pra morar longe de guerra [...]

Fonte: Elaborado pela autora

A segunda questão tinha como objetivo perceber de que forma a comunicação ocorria com os pais, assim, como na entrevista com as diretoras, porém aqui eram esperadas respostas mais específicas em relação à família da criança J.

Quadro 8 - Respostas professoras e monitoras questão 2:

Quadro 8 - Respostas professoras e monitoras questão 2:	
Pergunta:	Respostas:
<p><b>Como foi/é a comunicação com os pais sobre os acontecimentos escolares?</b></p>	<p>P1: A questão da reunião que eu aqui comentei, o pai trouxe um tradutor junto e antes de começar a reunião ele já foi me procurar, daí ele se apresentou que era o pai, que a mãe não entendia muito e aí era o tradutor que falava e que seu quisesse dizer algumas coisas até para ajudar o J. em casa, que eles estavam ali na reunião, que eles queriam ter esse momento mais particular. Então, o pai veio na reunião, conversava tudo, aí sempre que a gente tinha alguma dificuldade, alguma coisa a gente tentava contato com a família, aí o pai não entendia muito, como ele não entendia, ele vinha muito para escola [...] A gente mandava bilhetinho e a questão foi essa, depois também a gente ficava pensando, e aí para o pai assinar? E na verdade às vezes ele não entendia nada que estava escrito. Mas pelo menos assim, quando não tinha aula, que tinha feriado, alguma coisa, então eu acho que alguém ajudava ele nisso.</p> <p>P2: Os que se comunicavam em Espanhol por eu ter um conhecimento em Espanhol foram tranquilos, mas os que não se comunicavam em Espanhol era difícil, era bastante pela gesticulação das coisas, desde a questão de horários e tudo era bem complicado, eles assim tinham uma certa dificuldade e uma vez por outra como nós tivemos muitas famílias haitianas na escola, a gente conseguia ajuda dos que falavam Espanhol para fazer a tradução, aí eles conseguiam se comunicar melhor com a gente [...] No caso com o pai ou com a mãe, mas era tudo mais por gesto porque eles não entendiam nada do português.</p>

M1: [...] Então, a comunicação com os pais foi difícil e é difícil ainda quando aparece algum [...] Eu, por exemplo, não entendo nada do que eles falam [...] Então tinha que se comunicar assim por gestos [...] Para ver se eles entendiam e eles também procuravam assim se comunicar por gestos e aqueles que conseguiam falar alguma coisinha ainda a gente conseguia se comunicar melhor [...] Ainda, é a coisa mais difícil tanto pra nós quando para eles, eu acho.

M2: Tanto o J; como os outros que a gente teve na escola, a dificuldade de conversa com os pais era bastante grande, eles tentavam colocar para nós a necessidade deles, nós não entendíamos, nós precisávamos se comunicar com eles por causa das crianças e também sentia essa dificuldade, mas a gente ia tentando formas, por exemplo, tinha alguns haitianos que já estavam aqui há mais tempo, então a gente buscava ajuda desses para falar com esses que não entendiam nada do português e nunca teve uma dificuldade tão grande, a gente sempre conseguiu de um jeito ou de outro, ou fazendo gestos, ou com a ajuda dos haitianos que já falavam alguma coisa, a gente sempre conseguia se entender da melhor forma possível. Teve certo momento na turma da tarde, que a gente tinha mais haitianos que eram bebês, a gente começou procurar ajuda no Google, então a gente ia para o Google tradutor, colocava o que a gente queria falar em português e traduzia para o Crioulo que é o dialeto deles, então a gente passava essa frase para eles e aí sim eles entendiam melhor, chegou um tempo que a gente já tava conseguindo essa forma de se entender, mas no início a dificuldade de conversar com os pais e com as crianças era bastante grande, tinha esse problema.

Fonte: Elaborado pela autora

A terceira pergunta buscava saber se as professoras e monitoras tiveram alguma preparação para receber o menino J. em sala, de que forma essa preparação ocorreu e quais ações foram necessárias para integrá-lo ao ambiente.

Quadro 9 – Respostas professoras e monitoras questão 3:

<b>Quadro 9 – Respostas professoras e monitoras questão 3:</b>	
<b>Pergunta:</b>	<b>Respostas:</b>
	<p>P1: Sim. Na verdade, eu tentei me aproximar dele, da família e procurar fazer algum tipo de comunicação sabe.</p> <p>P2: Nada, porque simplesmente os haitianos foram chegando e acabou que tinha muitos haitianos aqui</p>

**Você se preparou para receber a criança em sala? De que forma?**

na Estação e não tivemos preparo nenhum porque na verdade a preocupação que teve foi só no início mesmo, a maior preocupação por eles não saber a língua e tudo mais, então teve uma preocupação pela cooperativa ali que foi procurando profissionais que pudessem trabalhar com eles e entraram em contato com a SMECD do município, mas depois eles foram chegando e a gente foi se virando como deu.

M1: Na verdade, assim, preparação a gente não tem, eu acho que a gente devia até ter algum curso, alguma coisa, algum momento para se preparar mesmo para receber essas crianças, tanto crianças especiais como esses de outros países, mas a gente não tem, alguma formação às vezes caiu um pouquinho disso, mas senão a gente recebe como a gente consegue, conversando assim com a profe que ela planeja e as monitoras junto vão ver o que a profe pensa, ela repassa para gente. Mas a gente se prepara assim, da melhor forma possível, como a gente consegue, assim de ter uma preparação mesmo, específica como dizem, a gente não tem, como teria que ter de repente, acho eu, mas a gente vai fazendo o que tá dentro do possível, como dizem.

M2: Sim, teve [...] No início a gente já vinha imaginando que essas crianças iam chegar na escola em um determinado tempo, porque já tava bastante o número de haitianos na cidade, então a gente já imaginava que eles viriam, claro, só que a gente não tinha essa dimensão da dificuldade que ia ser quando eles chegassem [...] A gente teve dificuldade pra entender, mas a gente meio que se preparou, falava com as outras crianças, dizia que a gente não ia conseguir entender, que a gente precisava ajudar aquela criança que tava ali para ele entender nós e nós entender eles [...] Os gestos, as imagens, foram muito importantes quando eles chegaram, porque aí a gente ia falando a nossa língua para ele tentar ir entendendo o que a gente queria dizer e no decorrer do tempo, aos pouquinhos a gente entendia alguma coisa do que ele falava em haitiano ou em crioulo e ele também ia entendendo [...]

Fonte: Elaborado pela autora

A pergunta quatro tinha o objetivo de verificar como as professoras e monitoras perceberam a adaptação de J. no espaço escolar, visando também levantar as mudanças que ele teve desde que chegou.

Quadro 10 – Respostas professoras e monitoras questão 4:

**Quadro 10 – Respostas professoras e monitoras questão 4:**

Pergunta:	Respostas:
<p><b>Quais foram/são suas percepções em relação à adaptação da criança J. no espaço escolar?</b></p>	<p>P1: Ele sempre vinha para escola assim feliz, sempre limpinho, sempre com o uniforme. Aí teve uma situação que eu fiz do coelhinho mensageiro, que era levar um coelhinho pra casa, aí passar um dia com ele e trazer no outro dia e daí eu dei uma folhinha para ele, aí até tinha dado lápis e canetinha porque eu não sabia se ele tinha e que amanhã tinha que voltar o coelhinho com um trabalhinho na pastinha. Gente, ele fez ele aquele trabalhinho, desenhou os risquinhos e tudo [...] E eu achei o máximo isso, que eu achava que ele não ia entender [...] Eu achei assim também que ele evoluiu na fala, porque ele começou me contar coisas assim de casa, de onde eles iam sábado e domingo, alguma coisa que ele comia em casa, então, ele já tava se comunicando bastante e eu penso que nesse ponto ele ia ser o ponto chave na família, porque ele ia ajudar o pai e a mãe a se aprimorar na língua e tudo.</p> <p>P2: Eu achei que ele teve uma boa adaptação apesar da nossa barreira com a língua. Ele apresentava uma certa resistência, como qualquer criança, quando tinha disputa de brinquedos, esse tipo de coisa, às vezes até ele chorava, na disputa, mas não por ficar ali na escola. Ele chegava todo dia bem feliz e bem tranquilo. Como o clima lá é bem diferente do nosso, ele não tinha vestimentas, então, a gente foi colaborando, ajudando, desde bonézinho para ele ir pro sol a gente providenciou, então a gente acaba assim acolhendo [...] Acolher e abraçar de uma maneira bem significativa.</p> <p>M1: Sabe que essas crianças ali eles tem uma boa adaptação, esse J. aí pelo o que me lembro, ele não chorou assim sabe. Só ali nos primeiros dias ele parecia que tava um pouco assustado ficava olhando, olhando assim para gente, mas depois ele foi se entrosando, fazendo amizade conosco, com as crianças da turma, com os colegas, mas ele teve uma boa adaptação assim, e a gente vê que são crianças que com qualquer coisinha que tu oferece eles já ficam numa alegria assim porque de repente são acostumados na pobreza, eu já digo, a não ter quase nada então qualquer coisa que eles ganham, que tu oferece pra eles já [...] Então tu conquista fácil as crianças também [...] E depois ele já conseguia falar alguma coisa também da nossa língua, já se comunicava, era mais fácil, mas eu acho que ele teve uma boa adaptação.</p> <p>M2: No inicio ele chegou bastante assustado, ele não chegava para conversar com a gente, a gente tinha que ir devagarzinho, ele teve assim um receio de ir para outros lugares fora da sala, porque daí a gente vai para o refeitório, ele tava meio que assustado... com medo do quê que ia vir de novo. Em sala de aula também ele ficava observando os</p>

outros coleguinhas brincar, com o tempo que ele foi se soltando, que ele foi brincando, que ele foi fazendo outras amizades, como é com outras crianças que chegam também mesmo sendo daqui são crianças que não se conhecem e elas vão ter esse primeiro impacto assim de receio, mas no tempo que ele ficou aqui ele fez as amizades, ele já era uma criança bem feliz, bem tranquila, não tinha dificuldade, entendia as regras, porque daí ele sabia a hora que era para sentar, a hora que era ouvir a história, então nós não tínhamos essa dificuldade. Acho que foi bem tranquilo e bem feliz para ele também essa passagem por aqui. [...] Alimentação é uma coisa que, por exemplo, no caso do J. ele tinha bastante resistência de experimentar, não era tudo que ele gostava por causa que ele não conhecia, acho que a alimentação deles lá é bastante restrita, uma ou outra coisa, e aqui ele tinha um certo receio de experimentar, mas no geral acredito que ele foi aprendendo a conviver e foi aprendendo a conhecer as coisas novas que vinham e a gente também foi se adaptando ao jeito dele, da família, enfim, no final deu tudo certo com ele.

Fonte: Elaborado pela autora

A quinta pergunta, da mesma forma que ocorreu no questionário anterior, buscava saber como as entrevistadas sentiam o processo de acolher as crianças estrangeiras em sala, especialmente pelo fato de que elas tinham contato mais direto com elas do que a equipe diretiva.

Quadro 11- Respostas professoras e monitoras questão 5:

<b>Quadro 11- Respostas professoras e monitoras questão 5:</b>	
<b>Pergunta:</b>	<b>Respostas:</b>
	<p>P1: [...] Eu acho assim, que uma coisa importante, por exemplo, aqui na escola a gente se reunia, daí passava roupa, calçado para eles, sabe essas coisas assim, vai despertando esse lado mais humano na gente também de ajudar.</p> <p>P2: Eu acho que todo mundo se engaja assim, para ele efetivamente acontecer, toda a equipe escolar e a gente procura também motivar, estimular os coleguinhas, apesar da questão da língua que acaba dificultando entre eles, mas que eles fossem acolhendo, a gente explicava na medida do possível, do entendimento das crianças o que tava acontecendo, eu acho que foi bem tranquilo.</p>

**Como você sente esse processo de acolhimento das crianças estrangeiras na escola?**

M1: Eu acho que elas são bem acolhidas porque a gente tem que acolher todos assim por igual, eu já digo, a gente não faz diferença, a gente se prepara para isso de não fazer a diferença entre as crianças e mostrar para eles também que na verdade não pode existir diferença entre eles, seja branco, seja negro a gente procura tratar todos iguais ao menos em sala, na escola, com os mesmos direitos e eu acho que foi bom, que a gente sempre procura acolher e receber da melhor maneira possível as famílias, as crianças e sempre entrar assim em um entendimento, em um acordo que daí o negócio sempre anda [...] Porque uma vez era difícil ter nas escolas essas crianças, mas agora parece que ultimamente começou a vir bastante, tanto assim de outro país, como crianças com necessidades educativas especiais [...] E ainda bem que as escolas estão recebendo esse tipo de criança, que elas tão podendo frequentar e conviver junto com o grupo, com outras crianças, eu acho que isso é muito bom e é um sinal de que as escolas já evoluíram, já tão cada vez mais e que continue sempre assim.

M2: Eu acho que a gente precisaria estar melhor preparada porque é uma realidade que está vindo cada vez mais frequente e cada vez maior o número de crianças de outros lugares e de outros países assim como agora eles estão em outro município, devem estar passando pela mesma dificuldade que a gente passou, mas eu acho que o acolhimento deve ser normal como pras outras crianças. A gente se preparar principalmente com a língua que é uma dificuldade que a gente viu que a gente, procurar entender de onde eles vieram, o porquê de eles terem vindo até aqui, o porquê de eles terem chegado na nossa escola e fazer o trabalho de acordo e da melhor forma possível que agrade a todos eles.

Fonte: Elaborado pela autora

Com os dados expostos acima, as respostas das entrevistadas foram analisadas a fim de encontrar as convergências e divergências entre elas.

**2.1.1 Convergências e divergências nas falas de diretoras, professoras e monitoras**

Quadro 12 – Comparativo das questões de diretoras, professoras e monitoras:

**Quadro 12 – Comparativo das questões de diretoras, professoras e monitoras:**

<b>Questões diretoras:</b>	<b>Questões professoras e monitoras:</b>
1) Por qual motivo você acredita que essas famílias haitianas vêm migrando para o Brasil e por que escolheram o município de Estação?	1) Por qual motivo você acredita que essas famílias haitianas vêm migrando para o Brasil e por que escolheram o município de Estação?
2) Como foi a comunicação inicial para a matrícula da criança J. E posteriormente como ocorreu/ocorre à comunicação entre escola e família?	2) Como foi/é a comunicação com os pais sobre os acontecimentos escolares?
3) Houve uma preparação anterior para receber a criança na escola?	3) Você se preparou para receber a criança em sala? De que forma?
4) Como você sente esse processo de acolhimento das crianças estrangeiras na escola?*	4) Quais foram/são suas percepções em relação à adaptação da criança J. no espaço escolar?
_____	5) Como você sente esse processo de acolhimento das crianças estrangeiras na escola?*

\*Perguntas iguais, mas em ordens diferentes na sequência.

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 13 – Convergências e divergências nas respostas de diretoras, professoras e monitoras para as questões 1, 2, 3, 4 (diretoras) e 5 (professoras e monitoras)

**Quadro 13 – Convergências e divergências nas respostas de diretoras, professoras e monitoras para as questões 1, 2, 3, 4 (diretoras) e 5 (professoras e monitoras)**

<b>Questão:</b>	<b>Convergências:</b>	<b>Divergências:</b>
1 (ambos questionários)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Busca de melhor qualidade de vida;</li> <li>• Condições precárias do país de origem;</li> <li>• Trabalho na cooperativa da cidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não soube informar o motivo da vinda.</li> </ul>

<p><b>2 (ambos questionários)</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldade linguística;</li> <li>• Diferenças culturais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não foram encontradas divergências nas falas das entrevistadas.</li> </ul>
<p><b>3 (ambos questionários)</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de uma preparação específica, mas houve preparação;</li> <li>• Adaptação da escola e da criança;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não houve nenhuma preparação;</li> </ul>
<p><b>4 (diretoras) e 5 professoras e monitoras)</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhimento satisfatório;</li> <li>• Busca por recursos que eles precisavam como roupas e calçados.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não foram encontradas divergências nas falas das entrevistadas.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 14 – Convergências e divergências nas respostas de professoras e monitoras para a questão 4:

<p><b>Quadro 14 – Convergências e divergências nas respostas de professoras e monitoras para a questão 4:</b></p>	
<p><b>Convergências:</b></p>	<p><b>Divergências:</b></p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Evolução na fala da língua portuguesa;</b></li> <li>• <b>Boa adaptação a rotina escolar;</b></li> <li>• <b>Estabeleceu vínculo com professoras, monitoras e colegas.</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não foram encontradas divergências nas falas das entrevistadas.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora

### 2.1.2 Idiossincrasias nas falas de diretoras, professoras e monitoras

Por terem sido utilizadas entrevistas semi-estruturadas, outras pautas acabaram emergindo durante a conversa com as entrevistadas. Uma pauta que não estava no

contexto das perguntas pré-estabelecidas, mas que é fundamental ser analisada é a questão do preconceito levantada pela professora 1 (P1) em vários momentos durante a entrevista.

Quadro 15 – Idiossincrasias Professora 1 (P1)<sup>8</sup>

**Quadro 15 – Idiossincrasias Professora 1 (P1)**

- **Caracterização de J. como uma criança “problemática” devido a sua origem e não ao comportamento dele em si;**
  - **Crianças haitianas não aprendem devido sua cor e condições sociais;**
- **Haitianos deveriam pagar mais impostos por usufruírem da saúde e educação do município.**

Fonte: Elaborado pela autora

Com base nas convergências, divergências e idiossincrasias apresentadas neste capítulo é que foram elencadas as categorias centrais para contemplar o problema da pesquisa. Tais categorias serão apresentadas, analisadas e fundamentadas no capítulo a seguir.

---

<sup>8</sup> Resumo das falas da professora. As falas na íntegra são encontradas na seção: O Preconceito estrutural da nossa sociedade ultrapassa os muros da Escola, dentro do capítulo 3 que contempla a Análise de Dados.

### 3 ANÁLISE DE DADOS

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso foi investigar como o menino J. imigrante haitiano foi recebido pelas duas escolas do município de Estação/RS as quais frequentou nos anos letivos de 2018 e 2019. Buscando se aprofundar no estudo sobre o acolhimento da criança, foram realizadas as entrevistas expostas no capítulo anterior. A partir dos dados obtidos nessas entrevistas, foram elencadas as categorias de análise: I) Percepções acerca da imigração haitiana; II) A relação entre escola e família: Uma busca pela ruptura da barreira linguística; III) Entre acolher e adaptar: Como J. foi recebido nas escolas; e IV) O preconceito estrutural da nossa sociedade ultrapassa os muros da escola.

Na categoria *Percepções acerca da imigração haitiana* será discutido como as participantes da pesquisa enxergam o fluxo migratório dos haitianos, não só no Brasil, mas também no estado do Rio Grande do Sul e na cidade de Estação, campo da pesquisa. Em *A relação entre escola e família: Uma busca pela ruptura da barreira linguística* serão englobadas as questões que envolviam a relação entre esses sujeitos, trazendo a maior dificuldade colocada pelas entrevistadas para que ela ocorresse, a diferença linguística. *Entre acolher e adaptar: Como J. foi recebido nas escolas* trará uma reflexão sobre a relação entre acolher a adaptar, observando a partir das respostas das entrevistadas como ele se adaptou e foi acolhido nas escolas, dialogando sobre quais foram as estratégias e os preparativos, colocando a importância de se acolher no ambiente da Educação Infantil, compreendendo como os sujeitos entrevistados sentiram esse processo e qual o papel da escola nessa recepção a criança imigrante. Por fim, *O preconceito estrutural da nossa sociedade ultrapassa os muros da escola* contempla a fala de uma das professoras sobre o preconceito com os imigrantes existentes na cidade e que acabou por adentrar na escola, quando essa traz falas das próprias colegas em relação a eles, levantando a questão do papel da escola na não perpetuação de relações de preconceito e combate ao mesmo.

#### 3.1 PERCEPÇÕES ACERCA DA IMIGRAÇÃO HAITIANA

A primeira pergunta dos questionários teve como objetivo ouvir das participantes por quais motivos elas acreditavam que essas famílias haviam migrado para o Brasil e posteriormente escolhido o município de Estação/RS. Essa questão

emergiu durante a pesquisa por considerar importante saber da realidade dessas crianças que chegam a escola e de seus familiares. Libâneo (1994, p. 36) coloca que [...] “a educação não depende apenas do interesse e esforço individual, porque, por trás da individualidade, estão condições sociais de vida e de trabalho que interferem nas possibilidades de rendimento escolar.” Desse modo compreender a realidade dos educandos é compreender o que é necessário buscar dentro do ambiente escolar.

Contextualizando as respostas, podemos perceber que todas as entrevistadas dão indícios de o motivo da vinda desses imigrantes ter sido para melhorar a qualidade de vida, visto as dificuldades que passam no seu país de origem. Em relação à escolha por morar no município de Estação/RS, a maioria cita a empresa que ofertou emprego a eles como provável motivo. Em destaque, uma das entrevistadas cita que não foi uma escolha vir para o município, mas sim o fato de existir essa oportunidade de emprego. Essa mesma entrevistada coloca em sua fala o fato de parte dos filhos desses imigrantes continuarem lá, se sabe que a maioria dos primeiros imigrantes a chegarem aqui eram homens e através do dinheiro que conseguiam juntar com seu trabalho, foram conseguindo trazer suas famílias aos poucos, esse também foi o caso de J. que só chegou com a mãe aqui dois anos após o pai. Muitos ainda têm filhos no Haiti e tentam trazê-los para cá.

O fato de o trabalho ser citado majoritariamente, nos traz o conceito da mobilidade em função do trabalho. O município de Estação localizado na região norte do estado do Rio Grande do Sul tem apenas 6.165 mil habitantes (IBGE/2016), o fato de que estes imigrantes tenham vindo para cá e não terem procurado centros urbanos maiores, ocorreu em função da empresa que havia na cidade. A empresa citada nas entrevistas (Cotrigo) na realidade não opera no município desde o ano 2009, porém, o prédio do frigorífico dessa empresa era alugado até então pela Pamplona. Uma das entrevistadas discorre sobre:

D2: [...] “começou ali com a Cotrigo, dando oportunidade para essas pessoas e a Cotrigo mesmo acho que deve ter conversado com alguém para estar trazendo essas pessoas, porque eles estavam precisando de mão de obra e uma mão de obra um pouco mais barata. Então acabou aliando a necessidade da Cotrigo e a necessidade deles também de buscar emprego.” [...]

Póvoa-Neto (1997, p. 19) traz que “o conceito de Mobilidade do Trabalho designa-se (...) um processo abrangente, no qual os homens tornam-se crescentemente

disponíveis para a utilização compulsória de sua força de trabalho nos moldes capitalistas.” Essa colocação vai ao encontro com o que a participante acima nos traz. A empresa em questão necessitava de uma mão de obra, ao que a entrevistada enfatiza, “uma mão de obra um pouco mais barata”, então a necessidade de um emprego por parte desses imigrantes faz com que eles aceitem empregos que são rejeitados por parte das populações locais, o trabalho no frigorífico é um deles. Muitas vezes esses imigrantes têm dificuldade de serem admitidos nas empresas em função da língua e também do preconceito, o que faz com que migrem para oportunidades de trabalho que por vezes não oferecem a eles as garantias que deveriam.

Gomes e Rosseto (2017, p.194) trazem a respeito disso:

As buscas por mão-de-obra por parte dessas empresas acontecem a todo o momento, pois os setores de produção de todas elas apresentam uma grande rotatividade de funcionários por serem atividades que muitas vezes necessitam de um maior esforço físico. Gaudemar (1977) afirma que essa rotatividade de certa forma acaba muitas vezes sendo um benéfico, visando que geralmente a fraca qualificação dos imigrantes traz possibilidades de salários mais baixos, horários diferenciados.

Complementando essa ideia de que a empresa foi o grande atrativo para esses imigrantes se estabelecerem aqui, a participante dialoga:

D2: [...] tanto isso é verdade que depois que agora fechou a Cotrigo, por ter sido vendida, enfim, não se sabe direito, eles estão buscando novas oportunidades em outros municípios aí, então quer dizer que aqui realmente a única oportunidade que eles tinham era a Cotrigo. Infelizmente as pessoas não deram muita abertura e também está difícil de conseguir emprego pra todo mundo na verdade [...]

Com o fechamento do frigorífico da Pamplona na metade deste ano (2019), a maioria dos imigrantes haitianos que viviam no município mudou-se para cidades maiores no entorno do mesmo, como Erechim, Passo Fundo e Tapejara, lugares com uma oferta mais constante de emprego. Essas ofertas de emprego seguem o mesmo segmento da oportunidade que tiveram em Estação/RS.

Nas respostas das entrevistadas para essa questão, quando elas citam a precariedade do Haiti como um dos fatores que implicam na saída dessas pessoas do seu lugar de origem, é um conceito importante para entender essa forma de imigração não como uma escolha e sim uma necessidade. Como transparece nos trechos abaixo:

D1: A gente sabe que onde eles moram as condições são bem precárias de questão de recursos também financeiros, de alimentação e mais ainda a questão de higiene também é bem complicado.

D2: Que eles tenham vindo para o nosso país, tendo em vista a pobreza que eles vivem, as dificuldades que eles tem no país deles [...]

M1: [...] segundo a gente sabe o país deles assim é um país pobre, um país que não tem muito recurso, então as famílias vão saindo de lá e procurando ajuda em outros lugares, outros países [...]

Essa é uma visão importante para despertar nosso lado humanitário, pois, essas pessoas estão aqui não para tirar nosso espaço, mas sim por precisarem de ajuda, assim como já ocorreu com outros povos. Eles contribuem com as nossas cidades e com o nosso país, não só no trabalho, mas no compartilhamento de experiências, vivências e cultura. A participante D1 tem uma fala durante a entrevista, que embora não apareça nos quadros do capítulo anterior, se encaixa perfeitamente aqui, quando ela diz:

D1: [...] eu acho que nesse sentido eles vêm para cá buscando melhores condições e a gente ganha no sentido de que eles trazem da cultura deles, do jeito, os alimentos que são diferentes dos nossos, mas eles se adaptaram bem aos nossos aqui também e a gente, acho, que tinha que se abrir mais para dar mais espaço para eles mostrarem a cultura deles, que às vezes a gente é meio resistente, a gente não sabe como deixar eles mostrarem o que eles são também, as vezes a gente fica meio inibido com a situação, sei lá, a gente não se abre tanto, mas eu acho bem interessante o trabalho teu também, para conhecer e ver como a gente poderia dar mais espaço para eles aqui.

Esse espaço que ela cita ao final da sua colocação é fundamental para que eles se sintam acolhidos na nossa sociedade, e a escola é peça chave para que isso aconteça, porque é ali que a inserção desses imigrantes começa. Por isso, é fundamental que além de buscar conhecer a realidade dessas famílias sejam incluídos nos projetos dessas instituições essa temática, não só abordando a questão da imigração, mas trazendo também a cultura haitiana para dentro de sala de aula. As escolas ainda perpassam uma visão etnocentrista que precisa ser quebrada para que essa e outras culturas comecem a ser valorizadas também.

### 3.2 A RELAÇÃO ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA: UMA BUSCA PELA RUPTURA DA BARREIRA LINGUÍSTICA

É sabido que a relação entre escola e família tem importância ímpar na aprendizagem da criança. O Art. 205 da Constituição Federal do Brasil (1988) dispõe que a educação é “direito de todos e dever do Estado e da família.” Essa afirmativa também se apoia no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 9394/1996) onde família e escola devem se vincular para promover a educação da criança ou do adolescente.

Para tanto, essa relação deve ocorrer de forma contínua e integrada. No caso das crianças estrangeiras a barreira linguística dificulta esse processo. Nas entrevistas a falta de entendimento entre a escola e os pais foi pauta. Então quais caminhos podem ser tomados para amenizar esses desafios?

Nas entrevistas é percebido que apesar da dificuldade de comunicação com a família, haviam recursos utilizados para que ela ocorresse e houvesse o entendimento de ambas as partes, reafirmando novamente a importância do vínculo entre escola e família para a adaptação e aprendizagem escolar.

A comunicação por gestos e o auxílio de outros imigrantes haitianos que já estavam habituados com a língua portuguesa, como por exemplo, um dos pais de uma das escolas que atuava como intérprete fazendo a ponte entre professoras e diretoras com outros pais haitianos. Outras pessoas dentro da escola também prestavam auxílio como a professora que utilizava seus conhecimentos em espanhol, a secretária que tinha mais prática para conversar com eles ou aqueles que circulavam pela escola e a equipe escolar sabia que podiam ajudar em determinado momento onde era necessário e também ferramentas tecnológicas como o Google tradutor. Isso mostra a preocupação que havia em estabelecer de fato essa comunicação com eles, em que para superar essa barreira as escolas criaram uma “rede” onde toda a comunidade escolar se ajudava para que fosse possível haver esse entendimento entre família e escola.

Os conceitos acima expressos nas falas das entrevistadas:

D1: No caso aqui do J. os pais falam pouco o português, mais era o francês, mas a gente conseguia, tinha um intérprete que facilitava um pouco a comunicação e a secretária da escola também conseguia, que tinha mais prática ainda de conversação, que tinham outros alunos também. A gente conseguia se comunicar.

D2: Tem a profe D. que fala espanhol bem e assim meio que na mímica [...] Às vezes quando passava algum haitiano no corredor que era um que tinha chegado há mais tempo, que fala melhor português, a gente até atacava e pedia pra ele ajudar. Fazer esse diálogo entre a gente né? Eu falava português para ele, ele traduzia para a pessoa em francês ou espanhol e aí a gente podia se comunicar, senão era mais difícil, era bem difícil mesmo.

P1: A questão da reunião que eu aqui comentei, o pai trouxe um tradutor junto e antes de começar a reunião ele já foi me procurar, daí ele se apresentou que era o pai, que a mãe não entendia muito aí era o tradutor que falava e que seu quisesse dizer algumas coisas até para ajudar o J. em casa, que eles estavam ali na reunião, que eles queriam ter esse momento mais particular [...]

P2: Os que se comunicavam em Espanhol por eu ter um conhecimento em Espanhol foram tranquilos, mas os que não se comunicavam em Espanhol era difícil, era bastante pela gesticulação das coisas, desde a questão de horários e tudo era bem complicado, eles assim tinham uma certa dificuldade e uma vez por outra como nós tivemos muitas famílias haitianas na escola, a gente conseguia ajuda dos que falavam Espanhol para fazer a tradução, aí eles conseguiam se comunicar melhor com a gente [...] No caso com o pai ou com a mãe, mas era tudo mais por gesto porque eles não entendiam nada do português.

M1: [...] Então, a comunicação com os pais foi difícil e é difícil ainda quando aparece algum [...] Eu, por exemplo, não entendo nada do que eles falam [...] Então tinha que se comunicar assim por gestos [...] Para ver se eles entendiam e eles também procuravam se comunicar por gestos e aqueles que conseguiam falar alguma coisinha ainda a gente conseguia se comunicar melhor [...]

M2: “[...] Tinha alguns haitianos que já estavam aqui há mais tempo, então a gente buscava ajuda desses para falar com esses que não entendiam nada do português e nunca teve uma dificuldade tão grande, a gente sempre conseguiu de um jeito ou de outro, ou fazendo gestos, ou com a ajuda dos haitianos que já falavam alguma coisa, a gente sempre conseguia se entender da melhor forma possível. Teve um certo momento na turma da tarde que a gente tinha mais haitianos, que eram bebês, a gente começou procurar ajuda no Google, então a gente ia para o Google tradutor, colocava o que a gente queria falar em português e traduzia para o Crioulo que é o dialeto deles, então a gente passava essa frase pra eles e aí sim eles entendiam melhor, chegou um tempo que a gente já tava conseguindo essa forma de se entender [...]”

Os acontecimentos escolares além de serem informados verbalmente, também eram transmitidos pela agenda. Em relação à comunicação por meio de bilhetes que eram enviados aos pais, elas também trazem algumas colocações:

D1: A família também respondia os bilhetes, se entendia bem ou não a gente também não sabia bem, mas vinha com assinatura os bilhetes, as comunicações pela agenda vinham e a gente percebia que ao menos até onde a gente conseguia chegar parecia que eles estavam entendendo.

D2: Os bilhetes que a gente dava de lista de material, as perguntas que a gente fazia [...] Para eles também acompanharem ali quando inicia as aulas, o quê tem que trazer, em que turno a criança vai estudar, tudo era bem difícil porque eles não entendiam muito, eu também não entendia muito eles.

P1: A gente mandava bilhetinho e a questão foi essa, depois também a gente ficava pensando, e aí para o pai assinar? E na verdade às vezes ele não entendia nada que estava escrito. Mas pelo menos assim, quando não tinha aula, que tinha feriado, alguma coisa, então eu acho que alguém ajudava ele nisso.

Aqui é percebido, que por mais que houvesse a preocupação com o entendimento dos pais em relação aos bilhetes, não houve a procura por uma ferramenta

que prestasse esse auxílio. Parece que o fato de constar a assinatura dos pais já era satisfatório e sinal de que eles haviam compreendido o que estava escrito. Uma alternativa que poderia ter sido pensada em relação a essa comunicação não verbal era efetuar a tradução desses bilhetes, a exemplo do que trago na experiência de estágio e que foi citado por uma das monitoras entrevistadas, o Google Tradutor poderia ser utilizado para tal, assim os pais poderiam ler as comunicações por agenda sem precisar da ajuda de terceiros ou acabar assinando sem entender o que lá estava escrito. Quando se busca essa compreensão a escola está efetivando a inclusão dessas crianças e de suas famílias na comunidade escolar e estabelecendo um laço maior com elas.

Sobre a relação entre escola e família, Souza, 2009 p. 18 destaca:

[...] a necessidade de uma parceria entre Família e Escola, visto que, apesar de cada uma apresentar valores e objetivos próprios no que se refere à educação de uma criança, necessita uma da outra e, quanto maior for à diferença maior será a necessidade de relacionar-se. [...]

Portanto, visto as dificuldades de entendimento, a escola tem uma necessidade maior de buscar a relação com os pais imigrantes e para isso, estratégias têm que ser pensadas visando à adaptação da escola não só para essas crianças, que são a maior preocupação das instituições, mas para seus pais também.

A matrícula também foi pauta nas questões referentes às diretoras, já que esse é um momento importante onde ocorre a primeira comunicação entre escola e família. Nesse aspecto, as entrevistadas colocam:

D1: [...] Ele veio e daí como é os prés, a Educação Infantil é do município, então também tem a questão da documentação do município, que a gente só faz o intermédio entre a prefeitura e o aluno. Mas sempre teve uma pessoa ajudando também nesse sentido para o entendimento, mas a gente pelo o que percebe, eles entendem. A comunicação principalmente com o pai, a mãe dá a impressão que as mulheres ficam mais assim, isoladas, mais para trás assim, elas não tomam a frente das coisas como nós, que as mulheres são mais responsáveis pela educação dos filhos.

D2: É, na verdade assim, era bem difícil na hora da matrícula porque vinham só os pais fazer ou algum amigo. Eles têm muito diferente de nós, que a gente quando tem um filho é o pai ou a mãe que vai. Às vezes vinha uma mulher três vezes no dia matricular um diferente do outro [...] Eles tem assim uma cultura de que confiam muito nos outros ou precisam [...] Então às vezes vinha uma amiga, vinha uma vizinha fazer a matrícula e não era eles sabe? Até buscar e trazer, vinha um haitiano a gente acabava entregando e pegando essa criança porque eles tem esse costume de que a responsabilidade da

criança não é só do pai e da mãe [...] Eles não, se viesse um vizinho, um amigo, tanto faz, tendo feito, tendo pegado a criança para eles já tava bom.

Nas respostas podemos perceber que também houve a questão linguística, mas o mais interessante que elas trazem é a questão da responsabilidade em relação à criança. Aqui percebemos duas relações diferentes das habituais no nosso padrão social, onde majoritariamente a responsabilidade dos filhos recai sobre a mãe. A primeira entrevistada coloca que o pai era quem tomava a frente nas decisões sobre o filho em relação à escola, a segunda já apresenta uma questão comunitária *“eles tem esse costume de que a responsabilidade da criança não é só do pai e da mãe.”*

Porém, para além de ser um costume, vale lembrar que há uma dificuldade na comunicação, então às vezes o pai se impor mais na educação do filho ocorre pelo fato de que os homens vieram primeiro para cá, demorou um tempo para que as mulheres e os filhos viessem também, no caso de J. o pai já estava aqui faziam dois anos quando ele chegou com a mãe. Assim, também ocorre quando uma das diretoras cita de ir uma única mulher várias vezes fazer a matrícula, talvez, entre todos, ela fosse a mais apta a compreender o português e poderia realizar essa atividade para pais que não tivessem tanta compreensão.

O fato dessas relações também se apresentarem ao levar e buscar as crianças na escola ocorre pelos horários de trabalho desses pais, que por vezes, estavam trabalhando no horário de entrada e saída da escola. Sabe-se que eles viviam todos muito próximos aqui no município, inclusive ajudando uns aos outros na alimentação, moradia e financeiramente. Esse senso de comunidade ocorre por serem imigrantes de um mesmo país que estão vivendo em um mesmo local, e aqueles que já estão estabelecidos aqui, que compreendem melhor a língua, buscam ajudar os seus conterrâneos que estão chegando. Essa relação também se observa em imigrantes de outras nacionalidades.

### 3.3 ENTRE ACOLHER E ADAPTAR: COMO J. FOI RECEBIDO NAS ESCOLAS

Acolhimento e adaptação são dois conceitos essenciais no ambiente da Educação Infantil. Embora a ideia de adaptar-se sugere que a criança deva se esforçar para se integrar no ambiente, esse processo é indissociável da acolhida como sugere Ortiz (2012, p. 3) *“A qualidade do acolhimento é que garantirá a qualidade da adaptação, portanto não se trata de uma opção pessoal, mas de compreender que há um interjogo de*

movimentos tanto da criança como da instituição dentro de um mesmo processo” complementando que “Considerando a adaptação sob o aspecto da necessidade de acolher, aconchegar, procurar o bem estar, o conforto físico e emocional, amparar, amplia significativamente o papel e a responsabilidade da instituição de educação neste processo.” (ORTIZ, 2012, p. 3)

É importante que as crianças sintam-se bem recebidas no ambiente escolar, isso possibilita a sensação de segurança, fazendo com que ela se adapte de forma confortável. No caso da criança estrangeira, especialmente do menino J. o estranhamento daquele ambiente se multiplica. Além de ter mudado sua rotina, ocorreu uma mudança de país, de linguagem, de hábitos, de alimentação. Por isso, é necessário que a acolhida seja maior. E se a escola não está preparada, como proceder?

Uma das questões visava investigar de que forma as escolas, diretoras, professoras e monitoras se prepararam para essa nova realidade. Ao que foi respondido:

D1: Sim, já tínhamos alguns haitianos, mas esse foi o mais novinho no caso [...] Mas como a gente sabe, criança aprende muito fácil, eles se adaptam muito fácil [...]

D2: A gente não sabia o que buscar de início [...] Mais difícil era tipo uma criança que nem ele (J.) que entrou maior que daí não falava [...] A gente não ta preparado pra ta recebendo eles na verdade, mas a gente se adapta e eles também vão se adaptando, acho que sofre mais na verdade eles do que a gente.

P1: Sim. Na verdade, eu tentei me aproximar sabe dele, da família e procurar fazer algum tipo de comunicação sabe.

P2: Nada, porque simplesmente os haitianos foram chegando e acabou que tinha muitos haitianos aqui na Estação e não tivemos preparo nenhum porque na verdade a preocupação que teve foi só no início mesmo [...] Mas depois eles foram chegando e a gente foi se virando como deu.

M1: Na verdade, assim, preparação a gente não tem, eu acho que a gente devia até ter algum curso, alguma coisa, algum momento para se preparar mesmo para receber essas crianças, tanto crianças com necessidades educativas especiais, como esses de outros países, mas a gente não tem, alguma formação às vezes caiu um pouquinho disso [...]A gente recebe como a gente consegue, conversando assim, com a profe que ela planeja e as monitoras junto vão ver o que a profe pensa, ela repassa para a gente. Mas a gente se prepara da melhor forma possível, como a gente consegue, assim de ter uma preparação mesmo, específica como dizem, a gente não tem, como teria que ter de repente, acho eu, mas a gente vai fazendo o que está dentro do possível, como dizem.

M2: Sim, teve [...] No início a gente já vinha imaginando que essas crianças iam chegar na escola em um determinado tempo, porque já estava bastante o número de haitianos na cidade, então a gente já imaginava que eles viriam, claro, só que a gente não tinha essa dimensão da dificuldade que ia ser

quando eles chegassem [...] A gente teve dificuldade para entender, mas a gente meio que se preparou, falava com as outras crianças, dizia que a gente não ia conseguir entender, que a gente precisava ajudar aquela criança que estava ali pra ele entender nós e nós entender eles [...] Os gestos, as imagens, foram muito importantes quando eles chegaram, porque aí a gente ia falando a nossa língua para ele tentar ir entendendo o que a gente queria dizer e no decorrer do tempo, aos pouquinhos a gente entendia alguma coisa do que ele falava em haitiano ou em crioulo e ele também ia entendendo [...]

Nessa questão, podemos observar divergências nas respostas, enquanto algumas entrevistadas consideraram que houve uma preparação para receber essas crianças, porém, colocam essa preparação como a busca por se aproximar da criança, da família e a conversa com outras crianças sobre a chegada delas. Outras participantes consideraram que não houve preparação, que foram aprendendo a lidar com a situação cotidianamente. Uma das entrevistadas, também cita a dimensão das dificuldades de acolher essas crianças em sala, onde mesmo imaginando que elas adentrariam no ambiente escolar, esse fato acabou por ser uma surpresa.

Podemos analisar com as colocações das entrevistadas, que mesmo aquelas que consideraram que houveram preparativos, nota-se a falta de uma preparação específica, como uma das entrevistadas chega a citar, onde não foi buscado junto à secretaria de educação um auxílio, um planejamento para a inserção dessas crianças em sala. Ao que parece, as escolas somente foram recebendo essas crianças e a partir disso tentando se adaptar as especificidades que elas exigiam da maneira que conseguiam.

Buscando saber mais especificamente sobre a adaptação de J. foi pedido que professoras e monitoras falassem sobre como foi esse processo, ao que elas colocam:

P1: Ele sempre vinha pra escola assim, sempre feliz, sempre limpinho, sempre com o uniforme. Aí teve uma situação que eu fiz do coelhinho mensageiro, que era levar um coelhinho para casa, aí passar um dia com ele e trazer no outro dia e daí eu dei uma folhinha para ele, aí até tinha dado lápis e canetinha porque eu não sabia se ele tinha e que amanhã tinha que voltar o coelhinho com um trabalhinho na pastinha. Gente, ele fez ele aquele trabalhinho, desenhou os risquinhos e tudo [...] E eu achei o máximo isso, que eu achava que ele não ia entender [...] Eu achei assim, também, que ele evoluiu na fala, porque ele começou me contar coisas assim de casa, de onde eles iam sábado e domingo, alguma coisa que ele comia em casa, então ele já tava se comunicando bastante e eu penso que nesse ponto ele ia ser o ponto chave na família, porque ele ia ajudar o pai e a mãe a se aprimorar na língua e tudo.

P2: Eu achei que ele teve uma boa adaptação apesar da nossa barreira com a língua. Ele apresentava assim uma certa resistência, como qualquer criança, quando tinha disputa de brinquedos, esse tipo de coisa, às vezes até ele chorava, na disputa, mas não por ficar ali na escola. Ele chegava todo dia bem e feliz e bem tranquilo. Como o clima lá é bem diferente do nosso ele não tinha vestimentas, então a gente foi colaborando, ajudando, desde

bonézinho para ele ir para o sol a gente providenciou, então a gente acaba assim acolhendo [...] Acolher e abraçar de uma maneira bem significativa.

M1: Sabe que essas crianças ali eles tem uma boa adaptação, esse J. pelo o que me lembro, ele não chorou assim sabe. Só ali nos primeiros dias ele parecia que estava um pouco assustado ficava olhando, olhando, assim para gente, mas depois ele foi se entrosando, fazendo amizade conosco, com as crianças da turma, com os colegas, mas ele teve uma boa adaptação assim e a gente vê que são crianças que com qualquer coisinha que tu oferece eles já ficam numa alegria assim porque de repente são acostumados na pobreza, eu já digo, a não ter quase nada então qualquer coisa que eles ganham, que tu oferece para eles já [...] Então tu conquista fácil as crianças também [...] E depois ele já conseguia falar alguma coisa também da nossa língua, já se comunicava, era mais fácil, mas eu acho que ele teve uma boa adaptação.

M2: No início ele chegou bastante assustado, ele não chegava para conversar com a gente, a gente tinha que ir devagarzinho, ele teve assim um receio de ir para outros lugares fora da sala, porque daí a gente vai para o refeitório, ele tava meio que assustado, com medo do quê que ia vir de novo. Em sala de aula também ele ficava observando os outros coleguinhas brincar, com o tempo que ele foi se soltando, que ele foi brincando, que ele foi fazendo outras amizades, como é com outras crianças que chegam também mesmo sendo daqui são crianças que não se conhecem e elas vão ter esse primeiro impacto assim de receio, mas no tempo que ele ficou aqui ele fez as amizades, ele já era uma criança bem feliz, bem tranquila, não tinha dificuldade, entendia as regras, porque daí ele sabia a hora que era pra sentar, a hora que era ouvir a história, então nós não tínhamos essa dificuldade. Acho que foi bem tranquilo e bem feliz pra ele também essa passagem por aqui. [...] Alimentação é uma coisa que, por exemplo, no caso do J. ele tinha bastante resistência de experimentar, não era tudo que ele gostava por causa que ele não conhecia, acho que a alimentação deles lá é bastante restrita, uma ou outra coisa, e aqui ele tinha um certo receio de experimentar, mas no geral acredito que ele foi aprendendo a conviver e foi aprendendo a conhecer as coisas novas que vinham e a gente também foi se adaptando ao jeito dele, da família, enfim, no final deu tudo certo com ele.

Nas respostas acima, a felicidade de J. é citada pela maioria das entrevistadas, de fato, ao conviver com ele durante o estágio, seu sorriso era o mais marcante e impressionava por imaginarmos o contexto que ele se encontrava, estava fora do ambiente onde ele era acostumado, a comunicação era difícil de início, éramos rostos desconhecidos e até mesmo a alimentação era estranha a ele, mas seu sorriso sempre estava lá durante as brincadeiras e as pequenas descobertas que fazia. As entrevistadas citam o receio dele no começo, o qual também pude acompanhar, mas que com o passar do tempo e da convivência foi amenizado, ele formou novas amizades e passou a conhecer mais aquele ambiente. Isso também ocorre com as crianças brasileiras quando começam a frequentar a escola, também é tudo novo para elas, porém a intensidade dessas novidades para a criança estrangeira acaba sendo maior.

Algumas entrevistadas citaram também a facilidade que ele teve em se adaptar ao ambiente, a Psicóloga Ana Cristina Berntz em entrevista ao UOL sobre como a

criança imigrante se sente e como a escola pode recebê-la, traz outra visão para essa questão da fácil adaptação ao colocar:

A criança tem uma capacidade rápida de adaptação, aprende a língua muito mais rápido. E isso vem com grandes perdas. Ela abandona os vínculos com a escola, com os amigos, com a terra, e precisa reagir rápido. Percebemos que elas demonstram o sofrimento por meio da insegurança [...] Como tem capacidade de aprender uma nova língua com mais facilidade que seus pais, elas são chamadas à vida adulta antes do devido. Muitas vezes, elas começam a traduzir para os pais o idioma e a resolver problemas adultos. As crianças amadurecem depressa e isso deixa um buraco, uma **ausência de infância** que com certeza será sentida depois. Por isso é necessário o trabalho de resgate do lúdico e da brincadeira. (UOL, 18/12/1015 grifo do site).

Essa colocação reafirma a importância de adaptar com acolhimento. Quando o professor recebe em sala a criança em situação imigratória, é preciso que ele tenha esse olhar sensível à realidade dela. É importante através do carinho e da compreensão estabelecer um vínculo com a criança de forma gradativa, para que ele sinta segurança em estar naquele espaço. Trazer para dentro da escola a cultura da qual a criança pertence também ajuda nesse processo, você reforça o vínculo dela com seu país de origem, demonstrando que não precisa haver uma ruptura com essa cultura por estar em um ambiente diferente e também a apresenta aos demais, promovendo a valorização e o respeito às diferenças em sala.

Ortiz (2012, p. 4) nos traz que:

Cuidar é considerar e atender as necessidades infantis, ouvir e observar as crianças, seguir ao princípio de promoção de saúde, tanto ambiental como física e mental, interessar-se pela criança, pelo que ela pensa, sente, sabe sobre as coisas, sobre os outros e sobre si mesma, adotar atitudes e procedimentos adequados e fundamentados em conhecimentos construídos sobre as diferentes faixas etárias e realidades sócias culturais, o processo de acolhimento é um dos primeiros a ser objeto de cuidado em relação à criança.

Nessa perspectiva, as escolas ainda têm inúmeros desafios para acolher efetivamente a criança estrangeira em sala. No que podemos observar, a comunidade escolar sentiu-se perdida nesse processo, pois é uma nova realidade e ainda não há um suporte adequado de como as escolas podem proceder, do que buscar em casos como o de J.

Práticas como as desenvolvidas no estágio, podem auxiliar nesse processo e amenizar os impactos da mudança nessas crianças. Foi perceptível na criança J. a mudança de comportamento antes e após as propostas realizadas. Ele passou a

evidenciar-se mais perante a turma, algo que ele não fazia anteriormente e isso foi criando um laço maior dele com os demais.

Outro questionamento levantado durante as entrevistas era como os sujeitos entrevistados sentiam esse processo de acolhimento das crianças estrangeiras, ao que foi respondido:

D1: A gente acolhia eles bem, os nossos alunos aqui também acolhiam eles, a gente sentiu muito essa saída, eles fizeram muita falta e fazem muita falta aqui na escola.

D2: A gente sente assim, a gente tentava sempre dar a vaga para eles, não só para eles, tratado de igual, por igual, porque a educação é direito de todos, independente da cultura ou se a mãe trabalha, se o pai trabalha, então se tinha a vaga era dado, a gente tentava ajudar nesse sentido todos para serem bem acolhidos na escola, estando no turno que eles precisavam e a gente se esforçava ao máximo para estar assim as vezes até fazendo eles se comunicar com os maiores que já falavam, mostrando, gesticulando, fazendo uma mímica. É diferente dos outros. A gente tentava: Quer água? E mostrar a água tentando ensinar eles dessa forma que era o que dava para fazer porque é um monte de criança e eles ali perdidos no meio, então era tentar ao máximo possível os fazer compreender a gente e a gente compreender ele. Eles tinham bastante carência de roupas, de calçado, então também fazer campanhas dentro da escola [...] Para tá ajudando uns quando precisavam. Tinha um que não tinha mochila, foi tentada uma mochila, um que vinham passando frio, que a gente percebia que era frio, a gente tentava fazer campanha para arrecadar roupas [...] A gente procurava tá de olho vestindo, agasalhando, buscando coisas para eles e principalmente fazendo eles aprender o português do jeito que a gente conseguia [...]

P1: [...] Eu acho assim que uma coisa importante, por exemplo, aqui na escola a gente se reunia, daí passava roupa, calçado para eles, sabe essas coisas assim vai despertando esse lado mais humano na gente também de ajudar.

P2: Eu acho que todo mundo se engaja assim para ele efetivamente acontecer, toda a equipe escolar e a gente procura também motivar, estimular os coleguinhas, apesar da questão da língua que acaba dificultando entre eles, mas que eles fossem acolhendo, a gente explicava na medida do possível, do entendimento das crianças o que tava acontecendo, eu acho que foi bem tranquilo.

M1: Eu acho que elas são bem acolhidas porque a gente tem que acolher todos assim por igual, eu já digo, a gente não faz diferença, a gente se prepara para isso de não fazer a diferença entre as crianças e mostrar para eles também que na verdade não pode existir diferença entre eles, seja branco, seja negro a gente procura tratar todos iguais ao menos em sala, na escola, com os mesmos direitos e eu acho que foi bom, que a gente sempre procura acolher e receber da melhor maneira possível as famílias, as crianças e sempre entrar assim em um entendimento, em um acordo que daí o negócio sempre anda [...] Porque uma vez era difícil ter nas escolas essas crianças, mas agora parece que ultimamente começou a vir bastante, tanto assim de outro país como crianças assim especiais que dizem [...] E ainda bem que as escolas estão recebendo esse tipo de criança, que elas tão podendo frequentar e conviver junto com o grupo, com outras crianças, eu acho que isso é muito bom e é um sinal de que as escolas já evoluíram, já tão cada vez mais e que continue sempre assim.

M2: Eu acho que a gente precisaria tá melhor preparada porque é uma realidade que está vindo cada vez mais frequente e cada vez maior o número de crianças de outros lugares e de outros países assim como agora eles estão

em outro município, devem ta passando a mesma dificuldade que a gente passou, mas eu acho que o acolhimento deve ser normal como para as outras crianças. A gente se preparar principalmente com a língua que é uma dificuldade que a gente viu que a gente, procurar entender de onde eles vieram, o porquê de eles terem vindo até aqui, o porquê de eles terem chegado na nossa escola e fazer o trabalho de acordo e da melhor forma possível que agrade a todos eles.

Nas respostas desta pergunta podemos identificar diferentes visões em relação ao acolhimento da criança estrangeira. D1 coloca a riqueza do compartilhamento entre culturas que ocorria entre todos, citando inclusive as tranças que tipicamente as crianças usavam no cabelo e que ela gostaria de usar também. Essa diversidade cultural dentro do ambiente escolar abre portas para que sejam discutidas as diferenças dentro dele, essas discussões são fundamentais para promover a igualdade e o respeito, quando a escola abraça a identidade cultural dessas crianças e se permite construir novos aprendizados com elas, todos saem ganhando e o processo de acolhimento ocorre naturalmente.

Na resposta de D2 podemos perceber outro ponto importante para o acolhimento, onde ela coloca o papel da escola além das paredes que a cercam citando a preocupação que se tinha em arrumar roupas e materiais para as crianças que estavam precisando, visto a carência que eles tinham de tais, o que vai ao encontro da colocação de P1 ao citar o despertar do lado humano nessa relação, quando há a preocupação com o estudante fora de sala, no caso, quando a equipe escolar se juntava para repassar roupas e calçados para as crianças conforme a necessidade delas.

Na declaração de P2 podemos destacar o engajamento da equipe escolar para que o acolhimento ocorresse de verdade, o que demonstra a percepção de que acolher não é apenas inserir a criança na escola, mas buscar meios para que ela se sinta confortável e suas necessidades sejam atendidas naquele ambiente.

A entrevistada M1 faz uma colocação sobre acolher essas crianças de forma igualitária, porém, nesse conceito é válido lembrar a premissa de que acolher com igualdade nem sempre é acolher com equidade, que esse processo não é igual para todas as crianças e no caso das estrangeiras é necessário por vezes de um auxílio maior, mas o conceito de igualdade é necessário no sentido de colocar para as outras crianças que os imigrantes têm os mesmos direitos que nós, um ponto fundamental para que não haja preconceito em sala. Ela também faz o comparativo com a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais e cita que ter a presença dessas crianças no contexto

escolar é um sinal de que as escolas evoluíram. Já a resposta de M2, retoma uma das questões anteriores e aborda a necessidade de haver um preparo maior para receber essas crianças, trazendo novamente a questão da dificuldade linguística.

Por fim, acredito que as equipes escolares de ambas as escolas buscaram acolher a criança J. de uma forma significativa, contudo, a falta de auxílio e preparo dos ambientes escolares para receber não só a ele, mas também outras crianças imigrantes faz com que esse processo por vezes ocorra como é possível naquele contexto e não da forma mais adequada.

#### 3.4 O PRECONCEITO ESTRUTURAL DA NOSSA SOCIEDADE ULTRAPASSA OS MUROS DA ESCOLA

Durante as entrevistas, uma das professoras acabou trazendo à tona a questão do preconceito. Embora não estivesse relacionado com as perguntas do questionário, é um ponto muito importante a ser discutido. Surgiu assim, essa categoria idiossincrática que busca abordar o tema partindo das colocações da entrevistada.

Sabemos que o Brasil é um país essencialmente formado por imigrantes, como coloca Miranda (2018, p. 31) “a história da imigração no território brasileiro coincide com a própria história do país.” O povo brasileiro sempre manteve a fama de receptivo, mas será que realmente somos?

Analisando as diversas ondas imigratórias que o país já teve, podemos observar uma seletividade em relação aos imigrantes que são desejados e os não desejados, criando um ideal de imigrante, como dialoga Miranda (2018, p. 36):

[...] a recente onda migratória formada por sul-americanos, haitianos e africanos contraria os pressupostos históricos instituídos, segundo os quais o migrante ideal foi estabelecido como sendo o branco europeu civilizado, que vinha acrescentar seus conhecimentos e retirar o Brasil do atraso por meio da mestiçagem, de modo a garantir o branqueamento e a manutenção da formação luso-brasileira. Tais pressupostos evidenciam o preconceito e a xenofobia que fizeram parte da construção do chamado “povo brasileiro”, demonstrando que o Brasil, embora tido como um país acolhedor de imigrantes, restringe e seleciona os estrangeiros – estranhos – de acordo com seus interesses políticos e econômicos.

E complementa que “nesse cenário, os haitianos carregam os estereótipos de um povo negro e pobre, que ‘invade’ ‘ilegalmente’ o ‘nosso’ país sem nada acrescentar, já que são a ‘síntese do atraso’”.<sup>9</sup>

Essas afirmativas da autora corroboram com uma das declarações da professora 1 (P1) durante a entrevista que expressam opiniões que ela ouviu sobre o fato de os haitianos estarem na cidade:

P1: E assim, eu escutei pessoas falando que eles deveriam pagar mais impostos porque eles estavam usando as coisas da cidade. Eu acho assim uma falta de humanidade essas coisas, na verdade o quê que eles trabalhavam, ganhavam o salário, gastavam tudo aqui, daí eu fiquei pensando, porque eles deveriam pagar IPTU? Se eles pagam o aluguel já da casa, uns comentários assim que não tem sabe...

Essa fala transmite que a presença deles seria indesejada e faz juízo de valor sobre os direitos dos imigrantes haitianos em usufruir comumente de saúde, educação e moradia, sugerindo que eles deviam pagar a mais por isso, dando a ideia de que estariam “tirando” o lugar das pessoas no município.

Infelizmente, falas assim eram comuns na cidade enquanto havia a presença de imigrantes haitianos. Entre algumas colocações que também ouvi, foi a de que eles tinham vindo para o município “roubar” o lugar de trabalho das pessoas, que estavam retirando todas as senhas de atendimento no posto de saúde, que tiravam as vagas na creche para a população, enfim, sempre no sentido de que estavam aqui para pegar o que seria “nosso” na visão dessas pessoas. No imaginário delas, a figura desses imigrantes sempre estava associada a tomar espaços que por vezes eles nem utilizavam.

Esse preconceito também se reflete no ambiente escolar. Na fala da professora:

P1: [...] Assim a gente ainda tem preconceito né Bibi? Não tem como eu não falar disso, porque eu escutava colegas minhas falando que nossa, meu deus, que ele era um aluno problemático e na verdade não tem nada a ver. Que ele incomodava, que isso, que aquilo, na verdade veio da outra escola esse comentário.

P1: Mas eu senti assim que até dentro da escola tem um preconceito, às vezes ele não é tão descarado, mas ele existe em relação a cor e porque eles são mais pobres e que não vão aprender e que tem isso e aquilo sabe? Eu acho assim que tem muita, muita barreira que a gente coloca.

---

<sup>9</sup> Aqui a autora coloca: Expressões utilizadas pela população brasileira e retratadas pela grande mídia (SEYFERTH, 2014).

Nessas falas podemos caracterizar que havia uma visão pejorativa em relação ao menino J, colocando que ele seria um “aluno problemático” e transparecendo também que as crianças haitianas não são capazes de aprender. Essas colocações divergem dos dados recolhidos durante a pesquisa de campo, porém, infelizmente elas acontecem e como a própria professora indica, dentro da escola há preconceito, mas às vezes ele não é tão descarado.

Essas questões são preocupantes, pois se falas assim partem de educadoras de que modo pode se esperar que elas acolham essas crianças na escola? A sociedade em si já tem preconceito perante eles, não só por serem de outro país, mas também pela cor da pele, pelos costumes, pelas condições sociais. Se isso atravessa os muros da escola, como podemos esperar que as crianças lá dentro hajam de maneira diferente? A escola tem papel importante na formação do caráter, se em casa os pais passam aos filhos uma cultura de preconceito, racismo e xenofobia, é na escola que eles devem ter contato com ações que rompam essas relações de preconceito passadas pela família. Rodrigues (2003, p. 3) coloca que:

A escola, dentro da sociedade, tem o papel de combater o preconceito, preocupando-se em não reproduzir estereótipos que rotulem para desqualificar grupos raciais e étnicos, sendo um espaço democrático onde todos possam ser iguais tendo os mesmos direitos. Sua função poderia ter sentido no momento em que fosse capaz de preparar o aluno “para viver no meio de culturas diferentes, compreendendo as situações multiculturais, facilitando-lhe o domínio de outros costumes e formas de costumes diferentes dos próprios.

Os documentos que regem a educação nacional dão aporte legal no reforço ao papel da escola no combate ao preconceito. A exemplo, o art. 7, inciso V das Diretrizes Nacionais Curriculares da Educação Infantil considera que as propostas pedagógicas da Educação Infantil devem se comprometer com “a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa” (BRASIL, 2010).

A resolução nº 5 de 17 de dezembro de 2009 que fixa as Diretrizes Nacionais Curriculares para a Educação Infantil, traz em seu Art, 8 Inciso 1 que a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deverão dispor da organização de materiais, espaços e tempos que assegurem, entre outros fatores “IX – o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e

as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação.” (DCNEIs CNE, 2009)

Santana, 2010 dispõe sobre o debate e construção da identidade racial para promover a igualdade no ambiente escolar:

Acreditamos na construção de bases éticas de valorização da vida, dos direitos humanos e da diversidade. Que essa ética possa impulsionar experiências nas quais se revele a possibilidade de romper com práticas discriminatórias ainda existentes nos ambientes educativos. Garantindo a todos/as uma vivência na escola pautada no respeito mútuo. Uma ética como nos fala Paulo Freire, que se sente afrontada ante as manifestações de racismo, sexismo e preconceitos de classe. (SANTANA, 2010, p. 17)

Nessa mesma perspectiva, Venturini coloca:

Ao trazer para sala de aula recursos para interação e integração nesse contexto condicionando a um fator positivo para as relações étnico-raciais e na qual se construa a ponte das multiculturas, transformando indivíduos conscientes com a cultura da diversidade respeitada em todos os seus aspectos. (VENTURINI, 2009 p.2)

Desse modo, é visado que a escola não siga perpetuando o preconceito e sim promova o debate da questão étnico racial independente da faixa etária, necessário para que saiamos desse ciclo vicioso de racismo que se apresenta cotidianamente em nossa sociedade. É preciso ensinar as crianças a respeitar o diferente e valorizar culturas as quais são alvo de rechaço socialmente, educando para o respeito e promovendo a igualdade social. No entanto, para que isso ocorra, é preciso que as próprias educadoras reflitam sobre os preconceitos que disseminam. Falas como as apresentadas acima pela professora 1 (P1) são inadmissíveis em qualquer espaço, principalmente na escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente trabalho era investigar de que forma as escolas do município de Estação acolheram o menino J. imigrante haitiano e quais foram os impactos e desafios gerados nessas instituições. A escolha do tema ocorreu inspirada pela experiência com J. durante o Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil. Ao adentrar nesse tema, percebi a falta de estudos relacionados à adaptação escolar das crianças imigrantes, uma questão cada vez mais emergente na atualidade.

Para realizar tal pesquisa, foi utilizada a abordagem descritiva-interpretativa, a partir de seis entrevistas realizadas com diretoras, professoras e monitoras que acompanharam a criança durante os anos letivos de 2018 e 2019, visando investigar de que modo elas observavam a questão da imigração haitiana para o país e para o município, como ocorreu a comunicação com os pais, de que modo as escolas se prepararam para receber a criança, quais aspectos relevantes sobre a adaptação dele nos contextos escolares e como as participantes sentiam esse processo de acolhimento das crianças imigrantes na escola.

Ao finalizar este trabalho, podemos afirmar, que as alternativas para o problema é ampla, pois há fatores diversos a serem considerados. A partir das discussões e análises que se apresentam no texto é possível verificar que as escolas buscaram acolher a criança de forma igualitária, porém, sentiram-se perdidas nessa nova realidade da vinda das crianças em situação imigratória. Não houve uma preparação para que elas recebessem J. bem como outras crianças haitianas e havia a barreira linguística que dificultava o diálogo com as famílias. Desse modo, as escolas fundamentaram suas ações nas experiências do dia a dia para aprender a lidar com a questão.

Assim, ficam alguns desafios e possibilidades para que as escolas integrem essas crianças mais efetivamente:

- Buscar ampliar a comunicação com os pais, trazendo a língua materna desses pais e crianças para dentro do contexto escolar;
- Procurar auxílio junto à prefeitura para criar estratégias para adaptação da escola e dos conteúdos para as crianças;
- Preparar-se melhor para receber as crianças imigrantes, refletindo sobre os desafios que já enfrentaram, buscando alternativas;

- Trazer a cultura, a linguagem e os costumes haitianos para dentro de sala, promovendo a troca de saberes;
- Incentivar a pesquisa junto às crianças sobre o país de origem dos colegas e os desafios enfrentados por eles lá, trazendo a visão humanitária em relação à migração para que as crianças desenvolvam um olhar sensível a causa;
- Promover ações que combatam o preconceito, essas que podem ir além da escola, alcançando também a população da cidade;
- Se aproximar mais dessas famílias imigrantes;
- Perceber que é preciso sim acolher com igualdade essas crianças, mas é necessário levar em consideração as suas especificidades nesse processo e
- Desenvolver ações onde essas crianças e suas famílias possam mostrar seus costumes para a comunidade, valorizando a cultura haitiana.

Concluindo, considero a pesquisa realizada de extrema importância para a educação na atualidade, visto que a inserção de crianças e jovens imigrantes no contexto escolar é cada vez mais frequente. A realização do presente trabalho, para mim foi muito importante e emocionante. Espero que essa pesquisa ajude a contribuir para que escolas, professores e diretores, não só do município onde a pesquisa foi realizada, como de todo o Brasil, recebam essas crianças e jovens de forma acolhedora.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marilena Somavilla Bomfim de; SANTOS, Percília Lopes Cassemiro dos. O fenômeno do ingresso crescente de crianças estrangeiras na escola pública regular do Distrito Federal. **Horizontes de Linguística Aplicada**, Brasília, v. 9, n. 2, p.37-60, 2010.

ARALDI, Bibiana Salah. **Relatório de Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil: As belezas da diversidade étnico racial na Educação Infantil**. Erechim: Uffs, 2018.

BARDIN, Lawrence.(2009). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70.

BERNARDO, Isabel. **A escola multicultural e o ensino do português língua segunda**. Monografia (Pós-Graduação em Ensino de Português Língua Não-Materna) – Centro de Estudos Multiculturais, Universidade Internacional de Lisboa, Lisboa, 2006. p. 1-14. Disponível em: Acesso em: 04 jun 2019..

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL, Nações Unidas (Org.). **SP lança documentos para orientar acolhimento de alunos refugiados e migrantes**.2019. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/sp-lanca-documentos-para-orientar-acolhimento-de-alunos-refugiados-e-migrantes/>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. [Estatuto do Estrangeiro (1980)]. **Estatuto do estrangeiro : regulamentação e legislação correlata**. – 2. ed. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013. 104 p.

BRASIL. Constituição (1988) **Constituição: República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm#art266](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266)>. Acesso em: 31 mai. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara De Educação Básica . **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil**.

Resolução CNE/CEB 5/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de Dezembro de 2009b, Seção 1, P. 18.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2010.

BRASIL/MEC. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

CALÇADE, Paula. **Matrículas de alunos estrangeiros crescem 112% no Brasil**. 2018. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/10142/matriculas-de-alunos-estrangeiros-crescem-112-no-brasil>>. Acesso em: 04 jun. 2019.

CAMARGO, Renata Ferreira. **Imigrações contemporâneas no Brasil: Haitianos no Amazonas**. 2013. 83 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Práticas em Desenvolvimento Sustentável, Ufrj, Rio de Janeiro, 2013.

CAPES (Org.). **Programa Emergencial Pró-Haiti**. 2011. Disponível em: <<http://capes.gov.br/pt/cooperacao-internacional/haiti-pro-haiti>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

DELFIM, Rodrigo Borges. **Documentário revela dificuldades enfrentadas por crianças imigrantes na escola**. 2017. Disponível em: <<https://migramundo.com/documentario-revela-dificuldades-enfrentadas-por-criancas-imigrantes-na-escola/>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

DELFIM, Rodrigo Borges. **No Bom Retiro, projeto integra escola e famílias imigrantes na Semana Mundial do Brincar**. 2016. Disponível em: <<https://migramundo.com/no-bom-retiro-projeto-integra-escola-e-familias-imigrantes-na-semana-mundial-do-brincar/>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

DIÁRIO DO IGUAÇU (Santa Catarina). **Livro com histórias de haitianos que moram no Brasil será apresentado neste sábado em Chapecó**: Obra é resultado de mais de dois anos de pesquisa da estudante da UFFS, Taíse Staudt. 2019. Disponível em: <<https://www.diariodoiguacu.com.br/noticias/detalhes/livro-com-historias-de-haitianos-que-moram-no-brasil-sera-apresentado-neste-sabado-em-chapeco-51294>>. Acesso em: 12 out. 2019.

GALEANO, Eduardo. **A história do Haiti é a história do racismo**. 2010. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2010/01/23/a-historia-do-haiti-e-a-historia-do-racismo-artigo-de-eduardo-galeano/>>. Acesso em: 04 jun. 2019.

GARCIA, Cecília. **Infância e Diáspora: como se sente - e como a escola pode receber uma criança imigrante?**. 2015. Disponível em: <<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2015/12/18/infancia-e-diaspora-como-se-sente-e-como-escola-pode-receber-uma-crianca-imigrante/>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). **Métodos de Pesquisa**. 1ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

KREUTZ, Lúcio. **Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio**. Revista Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, São Paulo, n. 15, p. 159-176, novembro/dezembro. 2000.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo, Cortez, 1994.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MIRANDA, Suélen Cristina de. A História em espiral: compreendendo a receptividade brasileira à imigração haitiana a partir de suas determinações. **Revista do Corpo Discente do Ppg- História da Ufrgs**, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p.29-52, ago. 2011.

NUNES, Denise Silva; ZANINI, Dra. Maria Catarina Chitolina. CONTRIBUIÇÕES DAS REDES PARA A MANUTENÇÃO DA DIVERSIDADE ÉTNICA E DA EFETIVAÇÃO DE DIREITOS DOS MIGRANTES HAITIANOS NO BRASIL. In: ANAIS SOCIOLOGY OF LAW 2017:: PERSPECTIVAS DAS RELAÇÕES ENTRE DIREITO E SOCIEDADE EM UM SISTEMA SOCIAL GLOBAL, 3., 2017, Canoas. **Anais...** . Canoas: Unilasalle, 2017. p. 329 - 341.

NUNES, William. **Escola Waldir Garcia: “O conhecimento traz mais convivência, mais amor e mudança”**. 2018. Disponível em: <<https://escolastransformadoras.com.br/noticias/estudantes-imigrantes-importancia-empatia/>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. UM APANHADO TEÓRICO-CONCEITUAL SOBRE A PESQUISA QUALITATIVA:: TIPOS, TÉCNICAS E CARACTERÍSTICAS. **Travessias**, Alagoas, 2012.

ORTIZ, Cisele. **Adaptação e acolhimento: um cuidado inerente ao projeto educativo da instituição e um indicador de qualidade do serviço prestado pela instituição**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/acolhida-pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

PÓVOA-NETO, Helion. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual. Novos desafios para a análise. **Revista Experimental**, São Paulo, n. 2, p. 11-24, 1997.

RATIER, Rodrigo et al. **O desafio das escolas brasileiras com alunos imigrantes**. 2010. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1534/o-desafio-das-escolas-brasileiras-com-alunos-imigrantes>>. Acesso em: 04 jun. 2019.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular Gaúcho: Educação Infantil**. Porto Alegre, 2018.

RODRIGUES, Dayse Berenguer. **Preconceito racial:** uma violência que influencia a democracia na escola. Disponível em <http://www.inclujovem.org.br/preconceito.pdf>. Acesso em 02 nov. 2019.

ROSSETO, Daniele; GOMES, Sueli Castro. **IMIGRAÇÃO HAITIANA E A MOBILIDADE DO TRABALHO:: MANDAGUARI-PR, UM DOS DESTINOS..** *Percursos*, Maringá, v. 9, n. 1, p.179-198, 2017.

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. Energia vital: "um abraço negro": Afeto, cuidado e acolhimento na Educação Infantil. In: FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **A cor da cultura - Modos de brincar:** caderno de saberes, fazeres e atividades. Rio de Janeiro. 2010. p. 1-126.

SILVA, Andressa Henning, e FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **Análise de Conteúdo:** Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos. *Qualit@ s Revista Eletrônica*, v. 1, n. 1, 2015.

SOUZA, Maria Ester do Prado. **Família/Escola:** A importância dessa relação no desempenho escolar. Santo Antônio da Platina. p.1-25, 2009.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg; RÜCKERT, Aldomar Arnaldo. Haitianos no Rio Grande do Sul:: panorama e perfil do fenômeno migratório contemporâneo. **Périplos:** Revista de estudos sobre migrações, Brasília, v. 1, n. 1, p.92-110, 2015.

UFFS, RELATÓRIO PROHAITI- UFFS PS 2014.1, PS 2014.2 e PS 2015.1 UFFS. **RESOLUÇÃO Nº 32/2013 – CONSUNI** – que institui o Programa de Acesso à Educação Superior da UFFS para estudantes haitianos - PROHAITI e dispõe sobre os procedimentos para operacionalização das atividades do programa.

VENTURINI, Andressa. **As relações étnico-raciais na Educação Infantil.** In: SEMINÁRIO POLÍTICAS PÚBLICAS E AÇÕES AFIRMATIVAS, 1., 2009, Santa Maria. Anais... . Santa Maria: Observatório de Ações Afirmativas. p. 1 - 19.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa.** 2. ed. reimp. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2013.

## 4 ANEXOS E APÊNDICES

### ANEXO 1

Declaração de uso de imagem do Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil.


**UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL**  
CAMPUS ERECHIM
 Curso de  
Pedagogia

**DECLARAÇÃO**

Eu, Daiane Rigo Turski,  
Brasileira (nacionalidade), casada (estado civil),  
 portador(a) da Cédula de Identidade RG nº 2081226033, inscrito(a) no  
 CPF sob o nº 00043294065, residente na Rua Alino Fernando Holybod  
 nº 785, Setúlio Vargas / RS (cidade/estado), RESPONSÁVEL  
 pela instituição E. M. E. I. Anjinho da Guarda,  
**DECLARO** que a escola possui Termo de uso de Imagem (fotos e  
 filmagens) das crianças aqui matriculadas e que as mesmas podem ser  
 utilizadas pela/o acadêmica/o Bibiana Salah Araldi  
 com o fim específico de publicação de conteúdo pedagógico (incluindo a  
 organização de relatórios específicos de estágio, trabalhos de conclusão de  
 curso e artigos científicos), sem qualquer ônus para a instituição e em caráter  
 definitivo.

Número de telefone fixo e celular: 991577370 / 3337-1313

E.M.E.I. Anjinho da Guarda  
Estação / RS  
Daiane Rigo Turski  
Diretora

Assinatura e carimbo da direção ou responsável legal da escola  
Daiane Rigo Turski

Estação de 24 de agosto de 2018.

Escola: Municipal de Educação Infantil Anjinho da Guarda  
 Estagiária (a): Bibiana Salah Araldi

**ANEXO 2****Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UFS****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**Roteiro:

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: Um olhar sobre a acolhida da criança estrangeira na escola: Investigando como o menino J. imigrante haitiano foi recebido pelas escolas do município de Estação/RS

Desenvolvida por Bibiana Salah Araldi, discente de Graduação em Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFS), Campus de Erechim, sob orientação da Professora Pós Dra. Adriana Salete Loss.

O objetivo central do estudo é: Identificar de que forma as escolas do município de Estação fazem o acolhimento de crianças haitianas e quais foram os impactos e desafios gerados nessas instituições.

O convite a sua participação se deve ao fato de ser gestor, professor ou monitor da escola em que o menino J. frequenta/frequentou, tendo assim contato com a experiência de adaptação da criança no contexto escolar nos anos letivos de 2018 e 2019.

Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

A sua participação consistirá em responder e dialogar sobre algumas questões levantadas em um roteiro semiestruturado durante entrevista.

O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente uma hora, podendo se exceder ou não, conforme os relatos do entrevistado.

A entrevista será gravada somente para a transcrição das informações e somente com a sua autorização.

Assinale a seguir conforme sua autorização:

Autorizo gravação       Não autorizo gravação

As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e sua orientadora.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, físico ou digital, por um período de cinco anos.

Explicitar benefícios diretos (individuais ou coletivos) aos participantes da pesquisa (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 item IV.3 b)

O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é o de contribuir para análise do acolhimento das crianças estrangeiras nas escolas do município de Estação/RS, destacando os impactos e desafios nas instituições, visto que cada vez mais é crescente o número de crianças estrangeiras matriculadas na rede pública da cidade. (Previsão de riscos ou desconfortos (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 item IV.3 b)

A participação na pesquisa poderá causar riscos: risco de constrangimento durante a entrevista; quebra de sigilo de informações; risco de dano emocional, risco psíquico e risco social.

Com o objetivo de prevenir tais riscos serão tomadas as seguintes medidas: Garantir o acesso aos resultados individuais e coletivos; minimizar desconfortos, garantindo local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras; manter a atenção para possíveis sinais verbais não verbais de desconforto; garantir a não violação e a integridade dos documentos; assegurar a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de auto-estima, de prestígio e/ou econômico – financeiro; em vista de qualquer dano, o pesquisador assume a responsabilidade de dar assistência integral às complicações e danos decorrentes dos riscos previstos.

Sobre divulgação dos resultados da pesquisa (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 item XI.2 .h)

Os resultados serão divulgados em eventos e/ou publicações científicas mantendo sigilo dos dados pessoais.

Sobre a Via do TCLE entregue ao participante da pesquisa (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 item IV.3.f)

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Não receberá cópia deste termo, mas apenas uma via. Desde já agradecemos sua participação!

Erechim, 14 de junho de 2019.

---

Assinatura do Pesquisador Responsável

Contato profissional com o(a) pesquisador(a) responsável:

Tel: (54) 991393464

e-mail: bibizinha.salah@hotmail.com

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS, RS-135, 200 - Zona Rural, Erechim - RS, 99700-000 – Brasil.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS:

Tel e Fax - (0XX) 49- 2049-3745

E-Mail: cep.uffs@uffs.edu.br

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS - Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul, CEP 89815-899 Chapecó - Santa Catarina – Brasil)

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome completo do (a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

**Os pesquisadores deverão assinar no final e rubricar as páginas anteriores.**

**Observações:**

1. A CONEP recomenda que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deve ter suas páginas numeradas (sendo que cada página deve indicar o nº total de páginas. Ex: 1 de 4; 2 de 4) possibilitando a integridade das informações contidas no documento.
2. (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 item IV.5.d) o TCLE deve ser elaborado em duas vias, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa, ou por seu representante legal, assim como pelo pesquisador responsável, ou pela (s) pessoa (s) por ele delegada (s), devendo as páginas de assinaturas estar na mesma folha.”

## **APÊNDICE 1**

### **Roteiro de entrevista para diretoras:**

- 1) Por qual motivo você acredita que essas famílias haitianas vêm migrando para o Brasil e por que escolheram o município de Estação?
- 2) Como foi a comunicação inicial para a matrícula da criança J. E posteriormente como ocorreu/ocorre à comunicação entre escola e família?
- 3) Houve uma preparação anterior para receber a criança na escola?
- 4) Como você sente esse processo de acolhimento das crianças estrangeiras na escola?

## **APÊNDICE 2**

### **Roteiro de entrevista para professoras e monitoras:**

- 1) Por qual motivo você acredita que essas famílias haitianas vêm migrando para o Brasil e por que escolheram o município de Estação?
- 2) Como foi/é a comunicação com os pais sobre os acontecimentos escolares?
- 3) Você se preparou para receber a criança em sala? De que forma?
- 4) Quais foram/são suas percepções em relação à adaptação da criança J. no espaço escolar?
- 5) Como você sente esse processo de acolhimento das crianças estrangeiras na escola?

**APÊNDICE 3****TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS<sup>10</sup>****ENTREVISTA 1****DIRETORA DA ESCOLA MARIA NASCIMENTO GIACOMAZZI**

ENTREVISTADOR: A

ENTREVISTADO: D1

**D1:** Então a vinda dos haitianos aqui pro nosso município, eu entendo que é em função do trabalho e em busca de melhores condições de vida. A gente sabe que onde eles moram as condições são bem precárias de questão de recursos também financeiros, de alimentação e mais ainda a questão de higiene também é bem complicado. Aqui a gente percebe que eles ficam felizes porque tem a alimentação, tem a questão do material escolar que eles trazem, tem a parte da moradia, eles se unem bastante com os conterrâneos deles, eles gostaram de vir pra cá, então eu penso que o que mais traz eles pra cá é essa questão de ter melhores condições pra sobreviver, pra viver.

**D1:** A comunicação com eles é um pouco difícil em função da língua. No caso aqui do J. os pais falam pouco o português, mais era o francês, mas a gente conseguia, tinha um intérprete que facilitava um pouco a comunicação e a secretária também da escola conseguia, que tinha mais prática ainda de conversação, que tinham outros alunos também. A gente conseguia se comunicar.

**D1:** Ele era sempre bem asseado, bem organizado com os materiais, trazia todos os seus materiais em ordem e em dia, quanto a isso. Ele vinha de carona com uma das profes, também, ele era bem frequente todos os dias, ele era bem organizado. A família também respondia os bilhetes, se entendia bem ou não a gente também não sabia bem, mas vinha com assinatura os bilhetes, as comunicações pela agenda, vinham e a gente percebia que ao menos até onde a gente conseguia chegar parecia que eles estavam bem entendendo.

**A:** Eu acho que até eles pedem para os vizinhos às vezes ajudar a ler os bilhetes. Quando eu fiz o estágio lá na creche elas me falaram muito isso, porque no final eu dei um bilhetinho pra cada um com uns docinhos, eu até tentei traduzir no tradutor, mas a gente não entende se fica bem compreensível pra eles ou não, daí eles falaram que quando iam os bilhetes eles pediam ajuda, porque é complicado a comunicação pra eles.

**A:** Pra fazer a matrícula aí, como foi? Eles trouxeram esse tradutor junto? Esse intérprete?

---

<sup>10</sup> As entrevistadas tiveram acesso às perguntas previamente durante conversa com a entrevistadora.

**D1:** Aham, isso. Ele veio e daí como é os prés, a educação infantil é do município, então também tem a questão da documentação do município que a gente só faz o intermédio entre a prefeitura e o aluno. Mas sempre teve uma pessoa ajudando também nesse sentido pro entendimento, mas a gente pelo o que percebe, eles entendem. A comunicação principalmente com o pai, a mãe dá a impressão que as mulheres ficam mais assim, isoladas, mais pra trás assim, elas não tomam assim a frente das coisas como nós que as mulheres são mais responsáveis pela educação dos filhos.

**A:** Sabe que eu fui lá em Erechim, em um tipo de EJA, mas é pra alfabetizar eles no português e a professora disse que no começo os maridos eram muito relutantes em deixar as mulheres irem porque eles tem uma cultura que mais é o homem que toma a frente. Aí elas têm muita dificuldade, até a gente via lá que os homens já sabiam e elas tinham muita dificuldade, por também não irem muito frequente.

**D1:** Parece que os homens têm essa questão de eles tomarem mais a frente, elas ficam mais acho que com os afazeres da casa e tal, é ele que sabe e com os outros haitianos também, é sempre o homem, o marido que vem na escola decidir.

**A:** Quer que eu te leia alguma pergunta?

**D1:** Uhum... Pode ser...

**A:** Da preparação da escola, vocês já tinham crianças aqui que vinham?

**D1:** Sim, já tínhamos alguns haitianos, mas esse foi o mais novinho no caso e os outros tivemos que fazer algumas adaptações com relação aos conteúdos, até mesmo adaptá-los porque os conteúdos que eles tinham lá e aqui não eram os mesmos, então a gente teve que fazer uma adaptação da língua, dos conteúdos, que a gente não conseguia entender bem o que eles tinham tido lá com os nossos aqui, mas como a gente sabe, criança aprende muito fácil, eles se adaptam muito fácil e uma coisa que chama muito a atenção é a educação e o respeito que eles têm a questão assim das boas maneiras também, de dizer obrigado, com licença, agradecer, assim é muito interessante como eles vem bem educados nesse sentido pra cá.

**A:** E quando vocês souberam que iam começar a ter crianças vindas do Haiti aqui, como vocês se sentiram?

**D1:** A gente se preocupou em como a gente ia se comunicar com eles e até mesmo a gente buscou a prefeitura no sentido de o quê que a gente ia fazer? A nossa escola era a que tinha mais número, eram 6 haitianos, nas outras escolas eram dois ou três e até foi proposto de a gente reunir os pais, mas daí não fluiu muito de reunir mais pais. Nós tínhamos um que era esse intérprete, que também era pai de três que a gente se comunicava mais, mas a gente não conseguiu efetivar assim um grupo de estudos, um grupo pra gente conseguir chegar mais neles e aproveitar até mais o francês deles. A gente teve até a intenção, mas depois não conseguimos em função do trabalho deles, de horário, a gente não conseguiu um horário pra gente conseguir se relacionar mais com

eles e depois como em função do trabalho, do fechamento da empresa, que eles iriam embora, também aí a coisa foi dispersando.

**A:** E como você sente assim, enquanto diretora, esse processo de acolhimento das crianças estrangeiras na escola?

**D1:** É outra cultura que ta vindo pra cá, é outra cultura que é muito rica, até mesmo ali a questão do cabelo, elas me diziam que o meu cabelo era muito ruim pra fazer trança, um dia elas queriam fazer trança no meu cabelo e eu dizia: *Que linda essas tranças né?* E um dia eu disse: *Então vocês vão fazer trança no meu cabelo.* E elas diziam: *Mas o teu cabelo é ruim pra trança!* E eu disse: *É mesmo muito ruim, ele não fica trançado né, é ruim.* Então é uma relação que a gente tem com eles que é muito boa, é outra cultura, mas tem uma troca muito legal. A gente acolhia eles bem, os nossos alunos aqui também acolhiam eles, a gente sentiu muito essa saída, eles fizeram muita falta e fazem muita falta aqui na escola.

**A:** Quer colocar mais alguma coisa? Fica livre...

**D1:** Não, eu acho que nesse sentido eles vêm pra cá buscando melhores condições e a gente ganha no sentido de que eles trazem da cultura deles, o jeito, os alimentos que são diferentes dos nossos, mas eles se adaptaram bem aos nossos aqui também e a gente acho que tinha que se abrir mais pra dar mais espaço pra eles mostrarem a cultura deles, que as vezes a gente é meio resistente assim, a gente não sabe como deixar eles mostrarem o que eles são também as vezes a gente fica meio inibido com a situação, sei lá, a gente não se abre tanto, mas eu acho bem interessante o trabalho teu também, pra conhecer e ver como a gente poderia dar mais espaço pra eles aqui.

**A:** Aqui ainda é um município pequeno, é outra realidade, até numa cidade maior é mais frequente que tenha um fluxo de imigrantes vindos de outro país, aqui é uma coisa recente.

**D1:** Isso, a primeira impressão assusta, mas depois a gente vai conhecendo, vai vendo e que é uma cultura rica também e que pode acrescentar muita coisa e fazer uma relação legal da nossa cultura com a cultura deles, fazer um intercâmbio interessante.

## **ENTREVISTA 2**

### **EX DIRETORA DA EMEI ANJINHO DA GUARDA**

ENTREVISTADOR: **A**

ENTREVISTADO: **D2**

**A:** Então a primeira (pergunta) seria: Por qual motivo você acredita que essas famílias vêm migrando para o Brasil e por quê que elas escolheram Estação?

**D2:** Eu acredito que tenha sido assim, em busca de melhor qualidade de vida. Que eles tenham vindo pro nosso país, tendo em vista a pobreza que eles vivem, as dificuldades que eles tem no país deles e tem escolhido Estação, porquê Estação na verdade começou ali com a Cotrigo, dando oportunidade pra essas pessoas e a Cotrigo mesmo acho que deve ter conversado com alguém pra ta trazendo essas pessoas porque eles estavam precisando de mão de obra e uma mão de obra um pouco mais barata. Então acabou aliando a necessidade da Cotrigo e a necessidade deles também de buscar emprego e eles acabaram vindo pra cá, tanto isso é verdade porque depois que agora fechou a Cotrigo, por causa que ela foi vendida, enfim, não se sabe direito, eles tão buscando novas oportunidades em outros municípios aí, então quer dizer que aqui realmente a única oportunidade que eles tinham era a Cotrigo. Infelizmente as pessoas não deram muita abertura e também ta difícil de conseguir emprego pra todo mundo na verdade, não tem emprego sobrando e eles, pouquíssimos conseguiram ficar aqui, com outras oportunidades além da Pamplona ali que a Cotrigo que tinha, e eles acabaram se mudando, a maioria deles já, acredito que tenha sido isso mesmo essa vinda deles pra cá, necessidade e busca de qualidade de vida.

**A:** Como foi a comunicação então pra matrícula dele? E posteriormente entre a escola e a família? Porque a gente sabe que a comunicação é complicada, pela questão da língua...

**D2:** É, na verdade assim, era bem difícil na hora da matrícula porque vinham só os pais fazer ou algum amigo. Eles têm muito diferente de nós, que a gente quando tem um filho é o pai ou a mãe que vai. Às vezes vinha uma mulher três vezes no dia matricular um diferente do outro, era amiga, então eles tem assim uma cultura de que confiam muito nos outros sabe ou precisam, dependem muito dos outros. Então às vezes vinha uma amiga, vinha uma vizinha fazer a matrícula e não era eles sabe? Até buscar e trazer, vinha um haitiano a gente acabava entregando e pegando essa criança porque eles tem esse costume de que a responsabilidade da criança não é só do pai e da mãe que nem a gente que cuida, eles não, se viesse um vizinho, um amigo, tanto faz, tendo feito, tendo pegado a criança pra eles já tava bom.

**D2:** Tinha assim essa dificuldade de língua porque eles falam espanhol e francês, depende acho que de quê lugar veio, mas às vezes a comunicação ela era quase impossível e eu às vezes chamava ajuda. Tem a profe D. que fala espanhol bem e assim meio que na mímica, gesto e daí eles vinham com aqueles documentos que a gente não entendia pra fazer cópia e daí pedia o nome da criança e tu não sabia nem se era um guri ou menina porque o nome tipo J. pra gente ou D. é guri ou menina? Então era até difícil saber o sexo da criança, não que isso seja muito importante, mas na entrevista ali de matrícula tem o gênero, então tudo era bem complicado. E os bilhetes que a gente dava de lista de material, as perguntas que a gente fazia era bem complicado porque eles não entendiam e nem eu entendia muito o que eles falavam, a comunicação ali era bem complicada, bem difícil mesmo e pra eles também acompanharem ali quando inicia as aulas, o quê que tem que trazer, em que turno a criança vai estudar, tudo era bem difícil porque eles não entendiam muito, eu também não entendia muito eles. Ainda quando

vinha o pai, a mãe da criança era mais fácil, mas quando vinha uma amiga, uma tia... Eles vinham buscar vaga, mas nem sabiam direito o quê que queriam, se era de tarde, de manhã.

**A:** Eu acho que até no caso dele (J.) o pai e a mãe falavam pouco né?

**D2:** Pouco é. Na verdade às vezes quando passava algum haitiano no corredor que era um que tinha chegado a mais tempo, que fala melhor português, a gente até atacava e pedia pra ele ajudar. Fazer esse diálogo entre a gente né? Eu falava português pra ele, ele traduzia pra pessoa em francês ou espanhol e aí a gente podia se comunicar, senão era mais difícil, era bem difícil mesmo.

**A:** E a prefeitura assim, vocês não tentaram recorrer?

**D2:** É que na verdade assim as crianças haitianas elas tinham uma facilidade em aprender rápido o português e eles são bem tímidos, bem quietos, eles quase não falavam assim os pequenininhos, então logo eles já aprendiam o português com uma facilidade assim se introduziam fácil, a dificuldade mesmo tava mais nos adultos.

**A:** Nos pais?

**D2:** É e a prefeitura no início quando os haitianos começaram a vim pra cá, isso acredito que uns 7 ou 8 anos atrás a prefeitura disponibilizou para os adultos uma formação com duas profes do município, acho que até era a D. e a C. que ensinavam português pra eles como elas eram professoras de inglês e espanhol, enfim, elas deram aula, teve um período de aula pra eles, os primeiros a aprenderem português, mas pra nós, as funcionárias não. mas a gente conseguia sabe, por mais difícil que fosse conseguia se comunicar, dava um jeito porque aí eu chamava uma profe que entendia ou chamava um próprio haitiano que tava passando no corredor que a gente sabia. Tinha essa dificuldade, mas nunca foi procurado ninguém para pedir ajuda porque a gente sabe como é difícil, que a realidade ia ser o quê, ou a profe aprender a língua deles ou eles aprenderem a língua da profe, mas era coisa assim, chegou esse mês e mês que vem vêm aqui fazer a matrícula, não tinha muito o quê fazer.

**A:** E quando vocês souberam que iam começar receber essas crianças a escola teve alguma preparação? Como vocês se prepararam pra isso?

**D2:** Na verdade quando a gente soube que os haitianos estavam vindo a gente até nem acreditou muito que iam vir de verdade, a gente achou vai vir um ou dois, só que acabou que o município ficou com bastante haitiano por aqui e a primeiro a ideia foi a gente ta vendo como é que eles iam ta chegando, quantos que viriam, como é que a gente ia se adaptar com eles, pra depois ver o que ta buscando. A gente não sabia o que buscar de início e a maioria deles que entra aqui, entra lá no berçário I, berçário II que são crianças que ainda não falam, então quando eles vão falar lá no final do berçário II, no início do maternal I, eles já na verdade pegaram um pouco do português também que é falado então a dificuldade que eles tem de comunicação quando entram pequenininhos na escola é a mesma que os outros tem que são os brasileiros, porque eles não falam, o

mais difícil era tipo uma criança que nem ele (J.) que entrou maior que daí não falava. Eles se sentem perdidos, mas a gente não teve muito que fazer, ainda é difícil pra gente receber surdos, cegos, haitianos. Na verdade a inclusão ela tá aí há anos já, ela parece uma coisa bem comum, mas ela ainda é uma dificuldade que a gente tem, não só com os haitianos, quanto com qualquer outra necessidade especial, ou deficiência ou uma diferença de cultura. A gente não tá preparado pra tá recebendo eles na verdade, mas a gente se adapta e eles também vão se adaptando, acho que sofre mais na verdade eles do que a gente.

**A:** Então como você sente esse processo de acolhimento das crianças estrangeiras na escola? Acho que é um pouco também do que tu acabou de falar...

**D2:** A gente sente assim, a gente tentava sempre dar a vaga pra eles, não só pra eles, tratado de igual, por igual, porque a educação é direito de todos, independente da cultura ou se a mãe trabalha, se o pai trabalha, então se tinha a vaga era dado, a gente tentava ajudar nesse sentido todos para serem bem acolhidos na escola, estando no turno que eles precisavam e a gente se esforçava ao máximo pra estar assim as vezes até fazendo eles se comunicar com os maiores que já falavam, mostrando, gesticulando, fazendo uma mímica. É diferente dos outros. A gente tentava: *Quer água?* E mostrar a água tentando ensinar eles dessa forma que era o que dava pra fazer porque é um monte de criança e eles ali perdidos no meio, então era tentar ao máximo possível os fazer compreender a gente e a gente compreender ele. Eles tinham bastante carência de roupas, de calçado, então também fazer campanhas dentro da escola de brinquedos pra tá ajudando uns quando precisavam, tinha um que não tinha mochila, foi tentado uma mochila um que vinham passando frio, que a gente percebia que era frio, a gente tentava fazer campanha pra arrecadar roupas, então, também a gente não sabia, porque os pais vinham geralmente no frio, as mães de vestido, os pais bermuda e aí as crianças também vinham mal agasalhadas, aí a gente também não sabia muito o quê que era isso, se eles não sentiam frio ou se não tinham roupa pra vestir, mas mesmo assim a gente procurava tá de olho vestindo, agasalhando, buscando coisas pra eles e principalmente tá fazendo eles aprender o português do jeito que a gente conseguia, mas eles são bem inteligentes sempre e conseguiam pegar fácil, porque criança aprende língua fácil, era nesse sentido que a gente tentava ao máximo mudar eles.

**A:** Teria mais alguma coisa que você de colocar assim fora essas questões?

**D2:** Não, seria mais ou menos isso.

### **ENTREVISTA 3**

#### **PROFESSORA DA ESCOLA MARIA NASCIMENTO GIACOMAZZI**

**ENTREVISTADOR: A**

**ENTREVISTADO: P1**

**P1:** Uma questão que também, depois eu posso voltar nas questões. Na questão da família uma coisa que me chamou muito a atenção, o pai veio no início do ano aí ele já tinha a listinha e ele pediu pra Maristela aqui dar uma olhada, ele comprou tudo, se faltava alguma coisa. Ele tinha as toalhinhas aí a Mari disse até: *tem que ter o nome*. E eles bordaram, sabe aquele bordado de agulha mesmo? Mas assim, o pai se interessou pra ver se ele tinha todo o material e às vezes eu comecei o ano tinha criança que fazia um mês de aula os pais não trouxeram ainda tudo que precisava. Então assim, uma coisa que me chamou muita atenção que eles poderiam falar: *ah não entendo a língua*. Poderiam se acomodar e nada disso foi feito.

**P1:** A questão da reunião que eu aqui comentei, o pai trouxe um tradutor junto e antes de começar a reunião ele já foi me procurar, daí ele se apresentou que era o pai, que a mãe não entendia muito aí era o tradutor que falava e que seu quisesse dizer algumas coisas até pra ajudar o J. em casa, que eles estavam ali na reunião, que eles queriam ter esse momento mais particular. Então o pai veio na reunião, conversava tudo, aí sempre que a gente tinha alguma dificuldade, alguma coisa a gente tentava contato com a família, aí o pai não entendia muito, como ele não entendia, ele vinha muito pra escola.

**A:** É quase que nem uma inclusão de uma criança especial, que eles vem...

**P1:** A gente mandava bilhetinho e a questão foi essa, depois também a gente ficava pensando, e aí pro pai assinar? E na verdade às vezes ele não entendia nada que estava escrito. Mas pelo menos assim, quando não tinha aula, que tinha feriado, alguma coisa, então eu acho que alguém ajudava ele nisso.

**A:** Tem os vizinhos que as vezes ele vão pedir.

**P1:** Ah, sim. Então assim eu achei uma família muito organizada.

**P1:** Ele sempre vinha pra escola assim sempre feliz, sempre limpinho, sempre com o uniforme. Aí teve uma situação que eu fiz do coelhinho mensageiro, que era levar um coelhinho pra casa, aí passar um dia com ele e trazer no outro dia e daí eu dei uma folhinha pra ele, aí até tinha dado lápis e canetinha porque eu não sabia se ele tinha e que amanhã tinha que voltar o coelhinho com um trabalhinho na pastinha. Gente, ele fez ele aquele trabalhinho, desenhou os risquinhos e tudo as canetinhas voltaram, os lápis voltaram e o coelhinho voltou sabe? E eu achei o máximo isso, que eu achava que ele não ia entender.

**P1:** Eu achei assim também que ele evoluiu na fala, porque ele começou me contar coisas assim de casa, de onde eles iam sábado e domingo, alguma coisa que ele comia em casa, então ele já tava se comunicando bastante e eu penso que nesse ponto ele ia ser o ponto chave na família, porque ele ia ajudar o pai e a mãe a se aprimorar na língua e tudo.

**A:** Eles pegam mais fácil, as crianças...

**P1:** É mais fácil...

**A:** Quando ele ia na creche, às vezes ele ia brincar e sentava brincar comigo, ele ficava me mostrando pra dizer o nome do objeto para e ele repetir e aprender.

**P1:** Aqui ele também tinha bastante isso...

**A:** Por que ele não falava quase nada naquela época...

**P1:** E também aí assim daí, ele não trazia, porque nós temos dia do brinquedo, aí depois ele começou trazer uma folha, uma pedra, um dia ele trouxe um balão. Só que aí os coleguinhas todos convidavam ele pra brincar, aí ele ficava assim maravilhado com os brinquedos.

**P1:** Sempre trazia o livrinho de história, nunca esqueceu, só que daí quando eles foram embora o livrinho acabou ficando, porque eles não voltaram pra escola né? Mas assim, olha quanta responsabilidade também.

**P1:** Será que vamos pra alguma questão Bibi?

**A:** Não sei...

**P1:** Eu acho que ali nessa questão numero um, eu acredito assim que eles venham ao Brasil como uma grande oportunidade de mudar a vida deles, tanto assim na questão da água, na questão das frutas que diz que eles ficam encantados com laranja, com bergamota que aqui tinha muito. Então assim, eu acho que eles vêem uma oportunidade deles ter uma vida digna aqui.

**A:** Por conta de tudo que aconteceu lá...

**P1:** Exato...

**A:** Lá tem lugares que não tem nem comida...

**P1:** Nossa, eu vi uma reportagem que as mães fazem umas bolachas de barro para as crianças comerem. Que a fome assim é uma coisa assombrosa no Haiti e aqui eles vinham, conseguiam trabalho, daí conseguiam ter comida e assim pra eles era uma grande coisa. E também me falaram assim que as famílias, se tu tá trabalhando, você compra pra todos naquela casa, eles não faziam assim se eu que trabalho, eu que compro. Se tu não tem trabalho, come também tudo e no momento que tu tiver, você vai ajudar.

**A:** É aquilo do senso de comunidade.

**P1:** Exatamente, é muito forte isso neles.

**A:** Lá em Erechim naquela aula que eu acompanhei também, eles dão lanche que tem alguns que tão passando fome e os outros pegam pra dar se eles sabem quem tem um precisando mais. Eles pegam pra dar pra aquela outra pessoa que tá precisando mais que eles.

**P1:** Nossa... Muito interessante...

**A:** Então, você se preparou de algum modo quando você soube que ia ter ele em sala?

**P1:** Sim. Na verdade, eu tentei me aproximar sabe dele, da família e procurar fazer algum tipo de comunicação sabe.

**A:** Que a comunicação eu acho que é a barreira maior né?

**P1:** Exatamente e eu acho assim, que como o J. já teve a experiência do ano passado esse ano foi mais fácil pra ele, até pra família se organizar, acompanhar, organizar material, participar da reunião, estar mais presente na escola. Como eles não vinham trazer, é por isso que as vezes a gente ligava pra eles virem, pra gente ter esse contato com eles.

**P1:** Mas o pai assim, quando a Cotrigo fechou ele tava bem sentido, mas que ele ia ficar uns dias em casa, mas que ele ia voltar a trabalhar.

**A:** É que na verdade eles pensavam que logo ia reabrir.

**P1:** Uhum e na verdade as pessoas assim, não sei, eu vou entrar... Assim a gente ainda tem preconceito né Bibi? Não tem como eu não falar disso, porque eu escutava colegas minhas falando que nossa, meu deus, que ele era um aluno problemático e na verdade não tem nada a ver. Que ele incomodava, que isso, que aquilo, na verdade veio da outra escola esse comentário.

**A:** Olha, quando eu fiz estágio lá eu nunca senti que ele incomodava.

**P1:** Sim. Mas eu senti assim que até dentro da escola tem um preconceito, às vezes ele não é tão descarado, mas ele existe em relação a cor e porque eles são mais pobres e que não vão aprender e que tem isso e aquilo sabe? Eu acho assim que tem muita, muita barreira que a gente coloca.

**A:** Tu sabe que eu trabalhei no estágio em relação a isso.

**P1:** Aah...

**A:** Eu levei bonecas negras pra dentro de sala que não tinha, eu fiz uma até que as crianças disseram que era parecida com ele, tem uma foto dele depois vou te mostrar, dele segurando a boneca, aquela foto é maravilhosa. Trabalhei com o Haiti e tal...

**P1:** E assim, eu escutei pessoas falando que eles deveriam pagar mais impostos porque eles estavam usando as coisas da cidade. Eu acho assim uma falta de humanidade essas coisas, na verdade o quê que eles trabalhavam, ganhavam o salário, gastavam tudo aqui, daí eu fiquei pensando, porque eles deveriam pagar IPTU? Se eles pagam o aluguel já da casa, uns comentários assim que não tem sabe...

**A:** Que não tem sentido.

**P1:** Então assim... É bem complicado...

**A:** As pessoas esquecem que todos nós somos descendentes de imigrantes.

**P1:** Sim, com certeza. E eu acho assim Bibi, que nem eu já falei, eles são assim outro nível sabe? Como eles conseguem ser mais solidários, viver em comunidade, acho que a gente teria tanto pra aprender, eu acho que Estação saí perdendo quando não tem mais eles aqui. Parece que só tem uma família aqui de alguém que trabalha na Mepel.

**A:** Sim, ele trabalha já faz uns três/quatro anos ali na Mepel.

**P1:** Nossa...

**A:** Faz bastante tempo...

**P1:** Por que eu acho que a gente teria muito pra aprender com eles sabe...

**A:** E mesmo sendo preconceituosos com eles, eles não levavam isso...

**P1:** Sim... Verdade...

**P1:** Outro dia ele veio, acho que foi agora depois das férias, aí o pai veio trazer ele e daí acho que ele já tinha a documentação e o atestado de vaga, aí trouxe para as meninas que foi mandado o histórico e todo o material. E o J. veio, foi na fila, entrou e ficou na aula e não queria sair de lá, como ele se sente bem assim, aquele sorriso sempre feliz.

**P1:** No lanche tinha maçã... *Maçon... Maçon profe* (imitando como ele falava). Assim ele vê um lanche parecia a melhor coisa do mundo.

**A:** É e fruta e verdura pra ele é uma coisa que ele gosta, salada ele queria só salada lá na creche.

**P1:** E daí feijão e arroz não muito né? Se tinha, tinha dias que ele não queria comer, mas quando tinha alguma coisa assim de verdura, de fruta ou alguma coisa diferente, nossa...

**A:** Tu sabe que as vezes eu acho que é o jeito que eles comem, eles não comem as mesmas coisas que a gente. Lá eu sentava sempre do ladinho dele no lanche porque ele nunca queria comer, ele sempre recusava e às vezes eu dizia, não, pega, prova... E salada ele sempre queria, ele comia de três a quatro vezes, ele queria sempre salada. Um dia teve sopa de feijão e eu mostrei pra ele e disse: *Tu quer?* E ele: *Não!* E eu disse: *Tem cenoura.* E ele não quis tudo bem, eu sentei do lado dele e ele me cutucava e dizia: *Salada, salada.* E eu disse: *Hoje não tem, hoje é sopa.* A outra vez que teve sopa ele experimentou e começou comer.

**P1:** Aah sim... Bem... Todo um processo né?

**A:** Que também pensa né? Na cabecinha dele, ele veio pra um lugar que ele não entende ninguém.

**P1:** Sim... Sim...

**A:** Que ele nunca viu aquela comida, mas daí ele começou experimentar e comer melhor.

**P1:** Tu sabe que teve uma outra família, das meninas, eu acho que era da E. das meninas da A. e da L. (professoras), teve a possibilidade de voltarem pro Haiti, eu não sei muito bem o quê que aconteceu, mas nossa, elas estavam assim em pânico que elas não queriam voltar pra lá .

**A:** É que vai saber o quê que eles vivenciaram lá...

**P1:** Sim. Até uma menina tinha uma cicatriz até a diretora acho que vai contar melhor... Não lembro se era numa perna ou onde, porque deu alguma coisa, um terremoto ou... Não sei te dizer e caiu alguma coisa em cima dela.

**A:** Querida...

**P1:** E ali na turma da Lizi sabe, no 2º ano, o E. contava muitas coisas. As coisas de lá, ele era maior, então já tinha uma vivência da escola, por exemplo, como é que era lá “*um banco comprido, grande, grande, grande e todo mundo sentado assim.*”

**P1:** Mas eu acho assim que uma coisa importante Bibi, por exemplo, aqui na escola a gente se reunia, daí passava roupa, calçado pra eles, essas coisas assim vai despertando esse lado mais humano na gente também de ajudar.

**P1:** Eu assim, sempre trazia lanche pra ele porque, tipo assim, ele não tinha e todo mundo tinha pra botar, então eu trazia um potinho que era meu e daí eu dizia que trazia pra ele e ele ficava assim feliz, porque como é que eu vou dizer pra família mandar um potinho de lanche que nem os outros e os colegas mesmo têm aquela questão de dividir... *Ah eu trouxe uma bolachinha vou passar para os colegas.* Então ele também fazia isso às vezes e eu acho que ele não se sentia tão diferente na turma perante essas coisas.

**A:** Porque você fazia como que ele não se sentisse né...

**P1:** Mas é uma coisa tão simples... E agora eu tenho o F. também, na verdade o F. também não trazia lanche, eu não sei também como a família se organiza e coisa e tal, e *profe eu não tenho... Não tem problema, vamos dividir.* Às vezes eles davam tanto lanche que ele (J.) não conseguia comer ou tinha coisas que ele não queria. Eu acho assim que nessas pequenas coisas a gente pode fazer a diferença com as crianças, despertando essas que eu acho que é muito mais importante do que estar enchendo um caderno de continhas, de palavras, disso e daquilo.

**A:** É verdade...

**P1:** Então eu acho assim... Nossa... Eles vêm ensinar tanta coisa pra gente e na verdade, às vezes a gente que é carente e não eles.

## ENTREVISTA 4

### PROFESSORA DA EMEI ANJINHO DA GUARDA

ENTREVISTADOR: A

ENTREVISADO: P2

**P2:** A vinda dos haitianos para cá para o município de Estação eu não saberia te informar o porquê daqui. No início, deve ter sido a uns cinco ou seis anos atrás veio mais ou menos uns 40 haitianos e foram trabalhar na nossa empresa ali a Cotrigo e daí até eles dentro da medida, dentro do possível foram eu acredito que bem acolhidos porque são pessoas assim muito bacanas, são pessoas boas e inclusive a gente trabalhou com eles a questão da língua portuguesa porque eles tinham bastante dificuldade, alguns, a maioria, todos eles se comunicavam no dialeto Crioulo que é lá do Haiti e muitos usavam o francês pra se comunicar, inclusive quando a gente foi trabalhar com eles, eles queriam que a gente trabalhasse não o inglês e espanhol com eles, que também o espanhol eles tem entendimento, eles queriam que tivesse alguém com o francês e que não foi possível, então a gente procurava da melhor maneira possível, a gente ficou uns três ou quatro meses com eles trabalhando língua eu e a professora C.

**P2:** E depois daí eles foram encaminhados para a escola Cumbre, onde eles foram tendo, os que tinham interesse, porque eles tem assim uma coisa muito importante neles que é a resiliência, muito interessante, são pessoas assim que eles fazem de tudo pra se organizar, pra serem acolhidos, são pessoas muito...Muito... Como é que eu vou te dizer? Que se fazem gostar, eles tem essa questão assim.

**A:** Como então, quando você teve o J. em sala você já tinha também as meninas de tarde, você tinha uma experiência né?

**P2:** É, eu tive antes do J. a E. que veio, mas assim, eles vinham a E. e o J. do Haiti e não se comunicavam em português, então foi muito pela questão, a comunicação nossa foi muito pelo olhar, pelo toque, quando precisava ir no banheiro então fazer xixi, eles vinham, tocavam na gente, palavras assim bem soltas, monossílabos assim eles foram rapidamente se organizando, mas foi bastante pelo toque e pelo olhar. Também crianças assim que não apresentaram resistência em ficar na escola, eles não choravam quando a família deixava, a gente fez o processo de adaptação como a gente faz com as nossas crianças, mas com eles assim é bem mais tranquilo, claro que os nossos também a maioria é tranquilo, um só que outros que apresenta uma resistência maior, mas os haitianos é fora de série a resiliência deles.

**A:** E como foi a comunicação com os pais dos acontecimentos escolares? Eu sei que ali a língua era complicada, até quando eu fiz o estágio eles falavam muito pouco...

**P2:** Sim. Os que se comunicavam em Espanhol por eu ter um conhecimento em Espanhol foram tranquilos, mas os que não se comunicavam em Espanhol era difícil, era bastante pela gesticulação das coisas, desde a questão de horários e tudo era bem complicado, eles assim tinham uma certa dificuldade e uma vez por outra como nós tivemos muitas famílias haitianas na escola, a gente conseguia ajuda dos que falavam Espanhol para fazer a tradução, aí eles conseguiam se comunicar melhor com a gente.

**A:** Quando o J. começou a vir, com quem que você conversou? Você lembra assim?

**P2:** Era no caso com o pai ou com a mãe, mas era tudo mais por gesto porque eles não entendiam nada, nada do português.

**A:** E quando você soube que você ia receber ele em sala, você teve alguma preparação?

**P2:** Nada, porque simplesmente os haitianos foram chegando e acabou que tinha muitos haitianos aqui na Estação e não tivemos preparo nenhum porque na verdade a preocupação que teve foi só no início mesmo, a maior preocupação por eles não saber a língua e tudo mais, então teve uma preocupação pela cooperativa ali que foi procurando profissionais que pudessem trabalhar com eles e entraram em contato com a SMECD do município, mas depois eles foram chegando e a gente foi se virando como deu.

**A:** E quais foram as suas percepções em relação à adaptação do J. em sala? De quando ele chegou até o fim do ano...

**P2:** Eu achei que ele teve uma boa adaptação apesar da nossa barreira com a língua. Ele apresentava assim uma certa resistência, como qualquer criança, quando tinha disputa de brinquedos, esse tipo de coisa, as vezes até ele chorava, na disputa, mas não por ficar ali na escola. Ele chegava todo dia bem e feliz e bem tranquilo. Como o clima lá é bem diferente do nosso ele não tinha vestimentas, então a gente foi colaborando, ajudando, desde bonézinho pra ele ir pro sol a gente providenciou, então a gente acaba assim acolhendo... Assim acolher e abraçar de uma maneira bem significativa.

**P2:** Eu não sei se nessa parte, mas assim, a gente encontrou bastante dificuldade com os haitianos na questão da responsabilidade, eles sabiam trazer para a escola, mas esqueciam até de buscar, eles não olhavam agenda, a gente tinha agenda como todas as outras crianças tem a gente organizou pra eles também, só que era a mesma coisa que nada, então assim é usar, mas a contribuição a parceria, a troca, em poucos momentos existiu.

**A:** E na questão assim da língua que ele falava pouco né?

**P2:** Ele se comunicava pouco, usava pouco a língua dele, muito pouco por não ter com quem fazer a troca e com a gente foi sendo assim, palavras soltas também, ele não teve a formação de frases, era tudo solto e a gente ia se organizando

**A:** Como você sente esse processo de acolhimento das crianças estrangeiras na escola?

**P2:** Eu acho que todo mundo se engaja assim pra ele efetivamente acontecer, toda a equipe escolar e a gente procura também motivar, estimular os coleguinhas, apesar da questão da língua que acaba dificultando entre eles, mas que eles fossem acolhendo, a gente explicava na medida do possível, do entendimento das crianças o que tava acontecendo, eu acho que foi bem tranquilo.

**A:** Se tu quiser colocar mais alguma coisa fica bem a vontade...

**P2:** Acho que isso Bibi. Só é interessante colocar que não tinha uma contrapartida das famílias, aconteceu várias vezes de ter que buscar os pais, chamar os pais ou ter que levar até a criança em casa, eles deixavam sabe, aquela questão de eles não ter esse compromisso parece, trazer sim e daí por falta de entendimento e por falta também de... Por que aí estavam anos e anos aqui e continuavam tendo a mesma atitude, eu acho assim, acho que agora a gente não tem mais eles aí, o teu trabalho não vai abordar essa parte que eles foram no caso?

**A:** É... Eu acho que até ali no início...

**P2:** Acho que não temos mais nenhuma criança nas escolas haitiana...

**A:** É... Eu acho que não pelo o que foi falado lá no Maria também foram todos...

**P2:** Não... Foram todos embora...

**P2:** É acabaram indo todos embora por causa da falta de trabalho...

**A:** É porque fechou né...

**P2:** É...

**A:** Eu acho que até vai ter essa parte ali no início da vinda deles, porque quando eu iniciei o projeto eles ainda estavam aqui, aí agora deu de eles irem embora na metade do ano e acho que foram todos...

**P2:** É. Nós acho que fomos perdendo as crianças ali por mês de junho e julho, os dois que eu tinha de tarde foram...

**A:** Todos embora...

**P2:** É uma situação bem complicada, difícil pra eles, só que pelo fato de eles serem tão resilientes eu acredito que eles tiram de letra.

**A:** É. Até a família do J. foi pra Passo Fundo.

**P2:** É. Eles vão. O pessoal pega os... O pessoal que faz... Como é que é que a gente diz? As mudanças, os freteiros e vão. Eles tem essa coisa assim que eles se adaptam muito fácil, só nem todas as crianças conseguiram escolas, em cidades maiores é difícil.

**A:** Ainda mais na metade do ano...

**P2:** E a faixa etária de creche, modalidade creche não é obrigatória, então complicado...

**P2:** É isso aí Bibi, se tu precisar de alguma coisa, achar que faltou alguma coisa fala...

**A:** Não... Tá tranquilo...

## **ENTREVISTA 5**

### **MONITORA DA EMEI ANJINHO DA GUARDA**

**ENTREVISTADOR: A**

**ENTREVISTADO: M1**

**A:** Por qual motivo você acredita que essas famílias haitianas vem migrando para o Brasil e porque elas escolheram o município de Estação?

**M1:** Eu acho que eles vêm assim a procura de ajuda, segundo a gente sabe o país deles assim é um país pobre, um país que não tem muito recurso, então as famílias vão saindo de lá e procurando ajuda em outros lugares, outros países e como aqui na Estação tinha a antiga Cotrigo ali sempre foi uma potência né, sempre acolheu bastante o pessoal assim com emprego, Aí aqui eles conseguiram bastante emprego, bastante ajuda na época em que vieram pra cá, eu acredito que é por causa disso, procurando ajuda, procurando sair da pobreza que eles vivem lá naquele país, segundo as informações que a gente tem que é um país muito pobre de aonde eles vem E aqui sempre foram bem acolhidos, sempre arrumaram serviço, sempre arrumaram ajuda assim em todos os sentidos, tanto com a população no geral, ajuda com roupa, com móveis, com casa pra morar. Eu acho que é em relação a isso, procurando sempre ajuda, sempre melhorar de vida.

**A:** Vocês como monitoras não tinham assim tanto contato com os pais, mas quando vinham trazer o contato que vocês tiveram como que era?

**M1:** Com os pais?

**A:** É...

**M1:** Por que eles não falam a nossa língua, poucos assim falavam alguma coisinha que dava pra gente entender, então a comunicação com os pais foi difícil e é difícil ainda quando aparece algum por que... Eu, por exemplo, não entendo nada do que eles falam é uma coisa bem né... Então tinha que se comunicar assim por gestos também, bastante gestos pra ver se eles entendiam e aqueles que conseguiam falar alguma coisinha ainda a gente conseguia se comunicar melhor, mas a comunicação assim ainda é a coisa mais difícil com eles, tanto pra nós quando pra eles eu acho.

**A:** Acho que é pior a comunicação com os pais do que com as crianças né?

**M1:** É. Por que as crianças ainda eles vão aprender a nossa, eles vão crescendo assim no meio de nós, da nossa conversa, da nossa língua e eles vão conseguindo alguma coisinha, tanto que esse guri que nós tínhamos ali, o J. ele já falava alguma coisa na nossa língua e aí então eu acho que as crianças é mais fácil de se comunicar, de aprender a nossa língua, agora os pais já fica mais difícil pros pais a comunicação.

**A:** E quando vocês souberam que iam receber ele em sala vocês tiveram alguma preparação, combinaram algo com a profe?

**M1:** Na verdade assim preparação a gente não tem, eu acho que a gente devia até ter algum curso, alguma coisa, algum momento assim pra se preparar mesmo pra receber essas crianças, tanto crianças especiais como esses de outros países, mas a gente não tem, alguma formação às vezes caiu um pouquinho disso, mas senão a gente recebe como a gente consegue, conversando assim com a profe que ela planeja e as monitoras junto vão ver o que a profe pensa, ela repassa pra gente. Mas a gente se prepara assim da melhor forma possível, como a gente consegue, assim de ter uma preparação mesmo, específica como dizem, a gente não tem, como teria que ter de repente, acho eu, mas a gente vai fazendo o que ta dentro do possível, como dizem.

**A:** E em relação à adaptação dele em sala, como foi? O que você percebeu da adaptação dele? Se ele evoluiu de quando ele chegou até o final do ano em questão da língua, da convivência com as outras crianças...

**M1:** Não... Sabe que essas crianças ali eles tem uma boa adaptação, esse J. aí pelo o que me lembro, ele não chorou assim sabe. Só ali nos primeiros dias ele parecia que tava um pouco assustado ficava olhando, olhando assim pra gente, mas depois ele foi se entrosando, fazendo amizade com nós, com as crianças da turma, com os colegas, mas ele teve uma boa adaptação assim e a gente vê que são crianças que com qualquer coisinha que tu oferece eles já ficam numa alegria assim porque de repente são acostumados na pobreza, eu já digo, a não ter quase nada então qualquer coisa que eles ganham, que tu oferece pra eles já, meu deus, eles ficam... Então tu conquista fácil as crianças também...

**M1:** E depois ele já conseguia falar alguma coisa também da nossa língua, já se comunicava, era mais fácil, mas eu acho que ele teve uma boa adaptação. Acho que até ele sentiu quando ele deixou de vir aqui que aí foram saindo, foi pra outra escola e agora acho que ele nem mora mais aqui também, já foram embora também, mas eu acho que ele sentiu muito, que ele tinha feito muita amizade assim, tava bem entrosado com a turma, com nós e eu acho que pra ele isso é ótimo, nossa, eles adoram.

**A:** É, até vocês tinham comentado quando eu vim fazer o estágio que ele não pedia nem para ir no banheiro quando ele chegou porque ele não falava nada, depois ele já começou...

**M1:** Nada. Ele só olhava, olhava e a gente falava com ele, ele nem respondia, imagina, tudo estranho, mas eles fazem amizade assim com facilidade e depois foi, foi que ele já vinha faceiro e começou conversar, mas ele tava bem, nossa...

**A:** E como você sente esse processo do acolhimento das crianças estrangeiras na escola?

**M1:** Eu acho que elas são bem acolhidas porque a gente tem que acolher todos assim por igual, eu já digo, a gente não faz diferença, a gente se prepara pra isso de não fazer a diferença entre as crianças e mostrar pra eles também que na verdade não pode existir diferença entre eles, seja branco, seja negro a gente procura tratar todos iguais ao menos em sala, na escola, com os mesmos direitos e eu acho que foi bom, que a gente sempre procura acolher e receber da melhor maneira possível as famílias, as crianças e sempre entrar assim em um entendimento, em um acordo que daí o negócio sempre anda.

**A:** Tem mais algo que você gostaria de colocar?

**M1:** É, porque uma vez era difícil ter nas escolas essas crianças, mas agora parece que ultimamente começou a vir bastante, tanto assim de outro país como crianças assim especiais que dizem, com problema. Então a gente tem que se preparar pra receber qualquer tipo de criança, porque a procura tá sendo bastante nas escolas agora e as escolas tem que estar preparadas e as profes também tem que fazer o planejamento já vendo essas crianças se vão conseguir acompanhar ou não. E ainda que a gente tem bastante ajuda assim de psicóloga, de fono, essas coisas quando é solicitado a gente tem ajuda e alguma formação, algum cursinho assim a gente tá tendo, é pouco, mas a gente tem pra trabalhar com essas crianças assim, não digo diferentes, mas criança que precisa de mais... Um pouco mais assim de... Que a gente olhe um pouco mais... E ainda bem que as escolas estão recebendo esse tipo de criança, que elas tão podendo frequentar e conviver junto com o grupo, com outras crianças, eu acho que isso é muito bom e é um sinal de que as escolas já evoluíram, já tão cada vez mais e que continue sempre assim.

## **ENTREVISTA 6**

### **MONITORA DA EMEI ANJINHO DA GUARDA**

**ENTREVISTADOR : A**

**ENTREVISTADO: M2**

**A:** Então a primeira pergunta seria, por qual motivo você acredita que essas famílias elas vem migrando para o Brasil e porque elas escolheram o município de Estação?

**M2:** Eu acho que essas famílias vieram pela necessidade para o Brasil, porque onde eles moram tá em conflito, tem guerra e o que fez eles virem pra cá foi a necessidade, porque eles tiveram que deixar filhos também lá, eles trouxeram os menores, acho que os maiorzinhos ficaram com as famílias de lá. E Estação eles devem ter vindo porque outros já tinham vindo antes e eles devem vir por influência e por conversa com os que

já estavam aqui... Eu acho que eles não escolheram Estação, era aonde eles tinham lugar pra trabalhar e onde deram emprego pra eles, eu acredito que tenha sido por isso e a necessidade de vir pra um lugar que tivesse comida, trabalho, lugar pra morar longe de guerra... Acho que foi essa a opção deles, foi essa a melhor.

**A:** E tanto em relação ao J. como as outras crianças que você trabalhava que eram haitianas, como foi a comunicação com os pais dos acontecimentos escolares?

**M2:** Tanto o J; como os outros que a gente teve na escola, a dificuldade de conversa com os pais era bastante grande, eles tentavam colocar pra nós a necessidade deles, nós não entendíamos, nós precisávamos se comunicar com eles por causa das crianças e também sentia essa dificuldade, mas a gente ia tentando formas, por exemplo, tinha alguns haitianos que já estavam aqui a mais tempo, então a gente buscava ajuda desses pra falar com esses que não entendiam nada do português e nunca teve uma dificuldade tão grande, a gente sempre conseguiu de um jeito ou de outro, ou fazendo gestos, ou com a ajuda dos haitianos que já falavam alguma coisa, a gente sempre conseguia se entender da melhor forma possível. Teve um certo momento na turma da tarde que a gente tinha mais haitianos que eram bebês, a gente começou procurar ajuda no Google, então a gente ia para o Google tradutor, colocava o que a gente queria falar em português e traduzia para o Crioulo que é o dialeto deles, então a gente passava essa frase pra eles e aí sim eles entendiam melhor, chegou um tempo que a gente já tava conseguindo essa forma de se entender, mas no início a dificuldade de conversar com os pais e com as crianças era bastante grande, tinha esse problema.

**A:** E vocês se prepararam pra receber essas crianças em sala? De que forma isso ocorreu? Vocês combinaram algo com a profe? Porque tinha também essa questão da barreira da linguagem com eles, da língua com eles...

**M2:** Sim, teve... No início a gente já vinha imaginando que essas crianças iam chegar na escola em um determinado tempo, porque já tava bastante o número de haitianos na cidade, então a gente já imaginava que eles viriam, claro, só que a gente não tinha essa dimensão da dificuldade que ia ser quando eles chegassem... Eles tiveram... A gente teve dificuldade pra entender, mas a gente meio que se preparou, falava com as outras crianças, dizia que a gente não ia conseguir entender, que a gente precisava ajudar aquela criança que tava ali pra ele entender nós e nós entender eles... Os gestos, as imagens, foram muito importantes quando eles chegaram, porque aí a gente ia falando a nossa língua pra ele tentar ir entendendo o que a gente queria dizer e no decorrer do tempo, aos pouquinhos a gente entendia alguma coisa do que ele falava em haitiano ou em crioulo e ele também ia entendendo. A vinda do J. no caso e das outras crianças se deu acredito que de forma normal e tranquila porque criança é fácil de se apegar com outra criança, então todos acolheram ele e ele se envolveu com as outras crianças e a brincadeira rola mesmo sem ter palavra, sem ter conversa, então acredito que não tenha sido nessa fase da brincadeira em sala de aula difícil, nem pra nós e nem pra ele a questão do brincar e do se entender em sala de aula a conversa sim, a conversação era mais complicada, mas também a gente foi conseguindo levar a diante tranquilo.

**A:** É... A questão quatro é um pouco disso também... Porque seria qual as suas percepções em relação à adaptação dele em sala... Daí nessa questão...

**M2:** No início ele chegou bastante assustado, ele não chegava para conversar com a gente, a gente tinha que ir devagarzinho, ele teve assim um receio de ir para outros lugares fora da sala, porque daí a gente vai para o refeitório, ele tava meio que assustado... com medo do quê que ia vir de novo. Em sala de aula também ele ficava observando os outros coleguinhas brincar, com o tempo que ele foi se soltando, que ele foi brincando, que ele foi fazendo outras amizades, como é com outras crianças que chegam também mesmo sendo daqui são crianças que não se conhecem e elas vão ter esse primeiro impacto assim de receio, mas no tempo que ele ficou aqui ele fez as amizades, ele já era uma criança bem feliz, bem tranquila, não tinha dificuldade, entendia as regras, porque daí ele sabia a hora que era pra sentar, a hora que era ouvir a história, então nós não tínhamos essa dificuldade. Acho que foi bem tranquilo e bem feliz pra ele também essa passagem por aqui.

**A:** E no geral como você sente esse processo de acolhimento das crianças estrangeiras na escola?

**M2:** Eu acho que a gente precisaria tá melhor preparada porque é uma realidade que está vindo cada vez mais frequente e cada vez maior o número de crianças de outros lugares e de outros países assim como agora eles estão em outro município, devem tá passando a mesma dificuldade que a gente passou, mas eu acho que o acolhimento deve ser normal como pras outras crianças. A gente se prepara principalmente com a língua que é uma dificuldade que a gente viu que a gente, procurar entender de onde eles vieram, o porquê de eles terem vindo até aqui, o porquê de eles terem chegado na nossa escola e fazer o trabalho de acordo e da melhor forma possível que agrade a todos eles.

**A:** Tem mais algo assim que você gostaria de falar? Fica livre...

**M2:** Sim...Eu tenho, por exemplo, a realidade que a gente teve com as crianças, com os bebezinhos, também era uma dificuldade grande porque eles tem uma maneira diferente de criar os filhos, aqui a gente tentava pegar no colo e eles já eram mais de chão, não gostavam muito de que a gente ficasse com eles no colo, então eu acho que eles são criados de maneira diferente até pra aprenderem a se virar mais, com mais autonomia e o sono a gente notava que tinha uma dificuldade de eles não gostarem, botava eles no chão e eles dormiam sozinhos, não precisava ficar “cocolando” eles nada...

**M2:** Alimentação é uma coisa que, por exemplo, no caso do J. ele tinha bastante resistência de experimentar, não era tudo que ele gostava por causa que ele não conhecia, acho que a alimentação deles lá é bastante restrita, uma ou outra coisa, e aqui ele tinha um certo receio de experimentar, mas no geral acredito que ele foi aprendendo a conviver e foi aprendendo a conhecer as coisas novas que vinham e a gente também foi se adaptando ao jeito dele, da família, enfim, no final deu tudo certo com ele.